



UNIVERSIDADE  
ESTADUAL DE LONDRINA

---

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

**INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS  
ENSINOS MÉDIO E SUPERIOR**

---

Londrina  
2010

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

**INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS  
ENSINOS MÉDIO E SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre Estudos da Linguagem.

Orientador: Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck.

Londrina  
2010

**Catálogo elaborado pela Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central  
da Universidade Estadual de Londrina.**

**Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)**

A485i Amaral, Flávia Monteiro do.

Inserções parentéticas em aulas para os ensinos médio e superior /  
Flávia Monteiro do Amaral, 2010.  
67 f. : il. + Anexos no final da obra.

Orientador: Paulo de Tarso Galembeck.

Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade  
Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa  
de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, 2010.

Bibliografia: f. 65-66.

1. Análise do discurso – Teses. 2. Análise da conversação –  
Teses. 3. Comunicação oral – Teses. I. Galembeck, Paulo de Tarso. II.  
Universidade Estadual de Londrina. Centro de Letras e Ciências  
Humanas. Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem.  
III. Título.

CDU 801

FLÁVIA MONTEIRO DO AMARAL

**INSERÇÕES PARENTÉTICAS EM AULAS PARA OS ENSINOS  
MÉDIO E SUPERIOR**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação, em Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Londrina, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre Estudos da Linguagem.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Paulo de Tarso Galembeck  
(orientador)  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa. Dra. Edina Regina Pugas Panichi  
Universidade Estadual de Londrina

---

Profa. Dra. Sueli Cristina Marquesi  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Londrina, 19 de março de 2010.

**Ao meu amado noivo, minha fortaleza,  
força e meu incentivo maior para cursar o  
mestrado.**

## AGRADECIMENTOS

- ✚ Ao professor Dr. Paulo de Tarso Galembek pelas preciosas contribuições e orientação.
- ✚ Aos meus amados pais por sempre estarem comigo e me apoiarem. Em especial, à minha mãe, símbolo de amor e força, meu exemplo de persistência e carinho.
- ✚ Ao meu adorado noivo e futuro esposo por todos os momentos de compreensão e carinho, por caminhar comigo neste mestrado e por aguentar os meus momentos de cansaço e desânimo, por não me deixar abater perante as inúmeras adversidades que atravessei durante a escrita deste trabalho.
- ✚ À minha irmãzinha, minha amiga, parceira, companheira, confidente, ouvidos e inspiração. Ao meu irmão por sempre me incentivar e por elevar o meu astral e amor-próprio.
- ✚ Aos meus queridos amigos, em especial, Letícia, a qual estive comigo todo esse tempo, apoiando-me, iluminando-me, quando necessário, repreendendo-me.

"É melhor tentar e falhar,  
que preocupar-se e ver a vida passar;  
é melhor tentar, ainda que em vão,  
que sentar-se fazendo nada até o final.  
Eu prefiro na chuva caminhar,  
que em dias tristes em casa me esconder.  
Prefiro ser feliz, embora louco,  
que em conformidade viver..."

**Martin Luther King**

AMARAL, Flávia Monteiro do. **As inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior**. 2010. 132f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

## RESUMO

Os processos de construção da fala são três: a) processos de ativação; b) processos de reativação; e c) processos de desativação. As inserções parentéticas fazem parte dos processos de desativação do texto falado. A desativação é um procedimento de ruptura na elaboração do texto e da sentença, resultando antes em parênteses, digressões, pausas, hesitações e outros. Os parênteses são desvios momentâneos da progressão temática do texto falado e podem ser classificados quanto à estrutura (marcador conversacional, vocábulo, frase simples ou complexa), à presença de marcadores conversacionais e à função exercida por esses segmentos na construção do texto e no processo interacional. Por serem muito relevantes para o estabelecimento e manutenção da interação, o trabalho em questão analisa, sobretudo, a recorrência de inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior. Objetiva-se efetuar o levantamento e a classificação dos parênteses em aulas. Para tanto, esta pesquisa está fundamentada em teorias da Análise da Conversação (AC) e em linguistas como Galembeck (1997; 1999), Jubran (1997) e Castilho (1998). O *corpus* da pesquisa constitui-se dos inquéritos 251, 356 e 364, retirados dos arquivos do Projeto NURC/RJ e publicados em Calou (1991), e dos inquéritos 124, 377 e 405, retirados dos arquivos do Projeto NURC/SP e publicados em Castilho e Preti (1987). O *corpus* apresenta elocuições formais obtidas em situações reais de interação, com isso a metodologia utilizada, nesta pesquisa, é a empírico-indutiva, já que não existem modelos previamente instituídos. Acredita-se que as inserções parentéticas têm alta recorrência em textos falados e exercem funções variadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar conhecimento partilhado do tópico, testar a compreensão do interlocutor, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras.

**Palavras-chave:** Língua Falada. Construção da Fala. Inserções Parentéticas. NURC/RJ. NURC/SP.

Amaral, Flávia Monteiro do. **The parenthetical insertions in classes for high school and college.** 2010. 132p. Dissertation (Master's in Language Studies) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2010.

## ABSTRACT

The processes of speech are three: a) activation processes; b) reactivation processes; and c) deactivation processes. The parenthetical insertions are part of the deactivation process of the spoken text. The deactivation is a breakthrough procedure in the developing of the text and of the sentence, resulting in parentheses, digressions, pauses, hesitations and others. The parentheses are momentary deviations of thematic progression of the spoken text and can be classified according to the structure (conversational marker, word, simple or complex sentence), the presence of conversational markers and the function performed by these segments in the construction of the text and in the interactional process. Since they are very relevant to the establishment and maintenance of the interaction, this work shall evaluate, in particular, the recurrence of the parenthetical insertions in classes for high school and college. This study aims to make the survey and classification of parentheses in classes. Therefore, this research is based on theories of Conversation Analysis (CA) and on linguists as Galembeck (1997; 1999), Jubran (1997) and Castilho (1998). The *corpus* of the research consists of the investigations 251, 356 and 364, removed from the files of the NURC/RJ Project and published in Callou (1991), and of the investigations 124, 377 and 405, removed from the files of the NURC/SP Project and published in Castilho and Preti (1987). The *corpus* has obtained formal utterances real interaction situations, then the methodology used in this research is the empirical-inductive, because there are no models previously introduced. It is believed that the parenthetical insertions have a high recurrence rate in spoken texts and carry out various functions, such as establishing the intelligibility of the text, evoking shared knowledge of the topic, testing the understanding of the interlocutor, establishing conditions for the holding or continuation of the communicative act, negotiating turns, among others.

**Keywords:** Spoken language. Speech construction. Parenthetical Insertions. NURC/RJ. NURC/ SP.

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1</b> – Inquéritos do <i>Corpus</i> .....	15
<b>Quadro 2</b> – Dicotomias da Fala .....	16
<b>Quadro 3</b> – Perspectiva Dicotômica: LF e LE .....	17
<b>Quadro 4</b> – Perspectiva Sócio-Interacionista .....	19
<b>Quadro 5</b> – Supertópico, Tópico e Subtópico .....	25
<b>Quadro 6</b> – Digressão e Parênteses .....	30
<b>Quadro 7</b> – Marcadores Conversacionais .....	33
<b>Quadro 8</b> – Número de Parênteses .....	35
<b>Quadro 9</b> – Primeira Variável .....	42
<b>Quadro 10</b> – Segunda Variável .....	45
<b>Quadro 11</b> – Terceira Variável .....	49
<b>Quadro 12</b> – Quarta Variável .....	61

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1</b> – Primeira Variável no Inquérito 251 NURC/RJ .....	40
<b>Gráfico 2</b> – Primeira Variável no Inquérito 356 NURC/RJ .....	41
<b>Gráfico 3</b> – Primeira Variável no Inquérito 364 NURC/RJ .....	41
<b>Gráfico 4</b> – Primeira Variável no Inquérito 124 NURC/SP .....	41
<b>Gráfico 5</b> – Primeira Variável no Inquérito 337 NURC/SP .....	42
<b>Gráfico 6</b> – Primeira Variável no Inquérito 405 NURC/SP .....	42
<b>Gráfico 7</b> – Principais MCs nos Inquéritos NURC/RJ .....	46
<b>Gráfico 8</b> – Principais MCs nos Inquéritos NURC/SP .....	46
<b>Gráfico 9</b> – Terceira Variável nos Inquéritos NURC/RJ e NURC/SP .....	49
<b>Gráfico 10</b> – Quarta Variável nos Inquéritos NURC/RJ .....	62
<b>Gráfico 11</b> – Quarta Variável nos Inquéritos NURC/SP .....	62

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>D</b>	Discurso
<b>D/O</b>	Discurso e Ouvinte
<b>EF</b>	Elocação Formal
<b>F</b>	Falante
<b>FC</b>	Frase Complexa
<b>FF</b>	Final da Frase
<b>F/O</b>	Falante e Ouvinte
<b>FS</b>	Frase Simples
<b>IP</b>	Inserção Parentética
<b>LE</b>	Língua Escrita
<b>LF</b>	Língua Falada
<b>MC</b>	Marcador Conversacional
<b>MFC</b>	Meio da Frase Com Continuidade entre as Partes
<b>MFN</b>	Meio da Frase Sem Continuidade entre as Partes
<b>N</b>	Não Apresenta Marcador
<b>NURC/RJ</b>	Norma Urbana Culta do Rio de Janeiro
<b>NURC/SP</b>	Norma Urbana Culta de São Paulo
<b>O</b>	Ouvinte
<b>OP</b>	Oração Principal
<b>OS</b>	Oração Subordinada
<b>S</b>	Sim Apresenta Marcador
<b>SI</b>	Sintagma
<b>T</b>	Tópico
<b>T/D</b>	Tópico e Discurso
<b>T/F</b>	Tópico e Falante
<b>T/O</b>	Tópico e Ouvinte

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	12
OBJETIVOS .....	13
HIPÓTESE .....	13
METODOLOGIA.....	13
<b>1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA</b> .....	16
1.1 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA .....	16
1.1.1 Características da Língua Falada.....	21
1.2 TÓPICO .....	23
1.3 PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA FALADA .....	25
1.3.1 Ativação.....	26
1.3.2 Reativação ou Reconstrução .....	26
1.3.3 Desativação ou Descontinuação .....	27
1.3.3.1 Inserções parentéticas e digressões .....	28
1.3.3.1.1 <i>Inserções parentéticas</i> .....	28
1.3.3.1.2 <i>Digressões</i> .....	30
1.4 MARCADORES CONVERSACIONAIS.....	31
<b>2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	34
2.1 PRIMEIRA VARIÁVEL: NATUREZA DOS SEGMENTOS PARENTÉTICOS .....	35
2.2 SEGUNDA VARIÁVEL: PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS .....	43
2.3 TERCEIRA VARIÁVEL: LUGAR EM QUE FIGURA A INSERÇÃO .....	47
2.4 QUARTA VARIÁVEL: ELEMENTO A QUE SE VOLTA A INSERÇÃO .....	49
<b>CONCLUSÃO</b> .....	63
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
<b>ANEXOS</b> .....	68
ANEXO A .....	69

## INTRODUÇÃO

As inserções parentéticas são relevantes para o estabelecimento e a manutenção da interação falada, por isso este trabalho interessa-se por esse fenômeno, analisando sua recorrência em aulas para o ensino médio e superior.

O interesse do estudo dos processos de inserção parentética decorre de suas próprias características: os parênteses representam uma ruptura na sequência tópica, mas, mesmo assim, têm um papel relevante na construção do texto falado e no estabelecimento das relações intersubjetivas, pois se volta para a elaboração tópica do texto, para os interactantes ou para o ato comunicativo em si.

Com isso, o presente trabalho discute a configuração formal das inserções parentéticas na construção de textos falados de elocuições formais. A exibição compõe-se de duas partes: a fundamentação teórica, na qual se trata dos processos de construção de língua falada (ativação, reativação, desativação), dos processos de desativação no plano da sequência tópica (parênteses e digressões, esta brevemente comentada) e do conceito de tópico e ruptura tópica. Na segunda parte, as ocorrências são classificadas a partir de quatro variáveis: a natureza dos segmentos parentéticos; presença de marcadores; lugar onde figura a inserção e elemento para o qual se volta a inserção.

No caso dos diálogos que constituem o *corpus* deste trabalho, os parênteses adquirem especial interesse, pois ao processo interacional soma-se o foco na transmissão dos enunciados. Além disso, deve-se considerar que esse tema não tem merecido a atenção dos pesquisadores, pois os únicos trabalhos de importância são os de Jubran (1994, 1996, 1999), na série “Gramática do português falado”.

Esta pesquisa está fundamentada em teorias da Análise e da Conversação (AC) e em linguistas como Galembek (1997), Jubran (1994, 1996, 1999), Marcuschi (1986), Rodrigues (1995), Fávero (1995), Campos (1989) e Castilho (1998).

## OBJETIVOS

### Objetivo Geral

Este trabalho tem o objetivo principal de fazer o levantamento e a classificação das inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior.

### Objetivos Específicos

- a) Classificar as ocorrências quanto ao elemento discursivo a que elas se voltam.
- b) Verificar a presença de Marcadores Conversacionais (MCs) que introduzem as inserções parentéticas.

## HIPÓTESE

A hipótese que corresponde ao objetivo principal do texto é: as inserções parentéticas têm alta recorrência em textos falados. Além disso, apresentam-se com feições variadas e exercem funções diferenciadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar o conhecimento partilhado do tópico<sup>1</sup> (assunto), testar a compreensão do interlocutor, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras.

## METODOLOGIA

O *corpus* apresenta elocuições formais obtidas em situações reais de interação, por isso a metodologia utilizada, nesta pesquisa, é a *empírico-indutiva* (GALEMBECK, 1997), já que não existem modelos previamente instituídos. Segundo Galembek (1997, p.111), “as características da língua falada, a extrema variabilidade que define essa modalidade de língua e o fato de o material de estudo

---

<sup>1</sup> Tópico: a assunto a cerca do qual conversam os participantes da conversação, ou seja, tópico discursivo é assunto da conversação (BROWN; YULE, 1983, p.73).

ser obtido em situações reais de interação espontânea e não-planejada, impõem a adoção do método empírico-indutivo”, pois não é possível trabalhar com categorias prontas e pré-estabelecidas quando se trata da língua falada.

Além disso, o trabalho em questão é considerado como *qualitativo* (TRIVIÑOS, 1987), pois as ocorrências serão levantadas e analisadas, e *quantitativo*, pois os dados colhidos serão quantificados e estruturados por meio de tabelas e gráficos. Os passos (procedimentos metodológicos) de análise foram: a) leituras para o embasamento teórico; b) levantamento das ocorrências de parênteses e classificação de acordo com as variáveis. Quais sejam: elemento a que se voltam as inserções (assunto, emissor, receptor ou ato discursivo); c) verificação da presença ou não de marcadores conversacionais (ou discursivos)<sup>2</sup>; d) verificação do ponto do enunciado em que ocorre o parêntese (início, meio ou final do enunciado); e) verificação dos tipos de parênteses que predominam no *corpus*.

O *corpus* compõe-se dos inquéritos 251, 364 e 356, retirados dos arquivos do Projeto NURC/RJ, publicados em Callou (1993), e dos inquéritos 124, 377 e 405, retirados dos arquivos do Projeto NURC/SP, publicados em Castilho e Preti (1987). Esses inquéritos pertencem ao tipo EF (Eloquções Formais), por se tratar de aulas. De cada um dos inquéritos, foram selecionados vinte minutos para análise. Salienta-se que as conversas configuram-se como assimétricas, devido ao fato de os professores e alunos não possuírem a mesma função linguística no contexto de sala de aula.

De acordo com Silva (2001), num diálogo, os participantes interagem ativamente, de forma a alterar os papéis de falante e de ouvinte. Contudo, entre os interlocutores, pode haver “hierarquias linguísticas”, é o que acontece em aulas, nas quais o professor detém por maior tempo o poder da palavra, podendo cedê-lo ou não como bem entender. Desse modo, existem dois tipos básicos de conversação: a) **conversação simétrica**, em que os papéis são alternados, sem a prévia determinação desses; b) **conversação assimétrica**, em que os papéis são determinados tanto para o falante quanto para o ouvinte, cabendo ao falante conduzir o tópico discursivo, desenvolvê-lo e dar a vez ao interlocutor.

<sup>2</sup> Os *Marcadores Conversacionais* (MCs) são “elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintática, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão” (URBANO, 1993, p.81). Exemplos: *veja, você veja, olha, você sabe, você repara, você imagina, né?, sabe?, certo?, entende?, não, uhn, éh, oh, bom, pois é, eu acho (que), creio (que), eu gostaria de saber.*

Salienta-se que este trabalho volta-se unicamente ao estudo das inserções parentéticas em aulas.

NURC/RJ - Inquérito 251	NURC/RJ - Inquérito 356	NURC/RJ - Inquérito 364
<p><b>Bobina:</b> 81.  <b>Informante:</b> 302.  <b>Tema:</b> aula de química para o terceiro científico.  <b>Informante:</b> sexo masculino, 31 anos, professor, formação em Engenharia Química, área residencial: Zona Norte e Sul do Rio de Janeiro.</p>	<p><b>Bobina:</b> 113.  <b>Informante:</b> 347.  <b>Tema:</b> criatividade e redação no nível superior de ensino.  <b>Informante:</b> sexo feminino, 30 anos, formação universitária em Letras, carioca, pais cariocas, área residencial: Zona Sul do Rio de Janeiro.</p>	<p><b>Bobina:</b> 119.  <b>Informante:</b> 446  <b>Tema:</b> a empresa (aula de organização e métodos).  <b>Informante:</b> sexo masculino, 41 anos, formação universitária em Administração de Empresas, carioca, filho de pais cariocas, área residencial: Zona Sul do Rio de Janeiro.</p>
NURC/SP - Inquérito 124	NURC/SP - Inquérito 377	NURC/SP - Inquérito 405
<p><b>Bobina:</b> 43.  <b>Informante:</b> 150.  <b>Tema:</b> influência da língua na personalidade do indivíduo (aula universitária).  <b>Informante:</b> homem de 51 anos, casado, professor universitário, paulistano, filho de pais paulistanos. Segunda faixa etária.</p>	<p><b>Bobina:</b> 123.  <b>Informante:</b> 416.  <b>Tema:</b> os instrumentos da vida intelectual (aula universitária).  <b>Informante:</b> mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulista, pai nascido em Santos (SP) e mãe nascida em São Paulo (SP). Primeira faixa etária.</p>	<p><b>Bobina:</b> 141.  <b>Informante:</b> 489.  <b>Tema:</b> a arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário).  <b>Informante:</b> mulher de 36 anos, divorciada, professora secundária, paulista, filha de pais brasileiros. Segunda faixa etária.</p>

**Quadro 1** – Inquéritos do *Corpus*

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 LÍNGUA FALADA E LÍNGUA ESCRITA

Durante muito tempo, a LF (língua falada) foi estudada como oposta à LE (língua escrita). A LF era considerada o “lugar do caos”, sem regras, nem limites, e os interlocutores utilizavam-na apenas para se comunicarem. Consideravam-na privada de informação relevante, pois os produtos de elaboração intelectual e da reflexão eram registrados pela escrita. Hoje, essa posição foi desacreditada por muitos autores, como Marcuschi (2001), Fávero, Aquino e Andrade (2000) e Hilgert (2000). Marcuschi (2001) enumera quatro formas genéricas de considerar as relações fala e escrita:

Dicotomia estrita	Visão culturalista	Perspectiva variacionista	Perspectiva sociointeracionista
Procura considerar a língua a partir de si mesma (como estrutura) e não a partir do uso, supervalorizando a escrita.	Busca a essência da escrita <i>versus</i> a prática da fala, valorizando a primeira.	Não distingue a fala da escrita, mas as variedades linguísticas. Apesar de representar um progresso, não é isenta de questionamento.	Não há oposição entre fala e escrita, pois ambas são estudadas a partir de uma visão dialógica.

**Quadro 2** – Dicotomias da Fala

Alguns estudiosos, como Chafe, Tannen, Gumperz, Biber, Blanche-Benveniste, Halliday, Hasan e Marcuschi, tratam a LF e LE dentro de um *continuum*, sendo realizado seu estudo de maneira menos integrada. Assim, não há algum tipo de supremacia de uma modalidade sobre a outra.

Outros pesquisadores apontam outras distinções entre essas duas modalidades de uso da língua, colocando-as numa perspectiva dicotômica, a qual não condiz com a realidade linguística, já que fala e escrita formam “um conjunto de práticas sociais” (MARCUSCHI, 2001, p.15).

Assim, pode-se citar duas perspectivas básicas para o estudo dessas duas práticas linguísticas: uma dicotômica e uma que as vê como um *continuum*.

Na perspectiva dicotômica, a língua falada era considerada lugar do “caos”, sem regras nem limites, não apresentando informações relevantes ou elaboração intelectual. O ponto de vista dicotômico diferencia a fala da escrita da seguinte maneira:

PERSPECTIVA DICOTÔMICA	
Língua Falada	Língua Escrita
Não-Planejada	Planejada
Fragmentada	Não-Fragmentada
Pouco elaborada	Elaborada
Predominância de frases truncadas	Predominância de frases completas
Uso informal da linguagem	Uso formal da linguagem
Ligada ao pensamento concreto	Ligada ao pensamento reflexivo

**Quadro 3** – Perspectiva Dicotômica: LF e LE

Diante dessas premissas, percebeu-se que as características da LE não eram iguais às aquelas que faziam parte do universo da LF, pois, para aqueles que observam LE e LF como uma dicotomia, a fala é não-planejada, fragmentada, pouco elaborada e informal, ou seja, o lugar do caos e da desestruturação. Já a escrita é vista como planejada, não-fragmentada, elaborada e formal, isto é, lugar da organização e do bom uso da língua. Ainda nessa perspectiva, há grupos de linguistas que privilegiavam a LF em relação à LE e outros que valorizavam a LE em relação à LF. Biber (1988) enquadra-se no primeiro conjunto de pesquisadores, pois para ele:

Certamente em termos de desenvolvimento humano, a fala é o *status* primário. Culturalmente, os homens aprendem a falar antes de escrever e, individualmente, as crianças aprendem a falar antes de ler e escrever. Todas as crianças aprendem a falar (excluído-se as patologias); muitas crianças não aprendem a ler e escrever. Todas as culturas fazem uso da comunicação oral; muitas línguas são ágrafas. De uma perspectiva histórica e da teoria do desenvolvimento, a fala é claramente primária. (BIBER, 1988, p.8)

Já Saussure (1985) está no segundo, pois, para ele, a fala é preterida em relação à escrita:

O estudo da linguagem comporta, portanto, duas partes: uma, essencial, tem por objeto a língua, que é social em sua essência e independente do indivíduo; esse estudo é unicamente psíquico; outra, secundária, tem por objeto a parte individual da linguagem, vale dizer, a fala, inclusive a fonação e é psicofísica” (SAUSSURE, 1985, p.27).

Essa visão dicotômica da língua durou por muito tempo, mas, com os estudos da Análise da Conversação, a partir de 1980, a rigidez caiu, passando a dividir espaço com outra perspectiva, aquela em que LF e LE são vista como um *continuum*.

Para essa corrente, na escrita, há um planejamento prévio e, o autor tem a possibilidade de planejar seu texto antes de produzi-lo, permitindo correções que não estarão presentes, na versão final e “editada”. Assim, ela não deixa evidentes as marcas de sua elaboração. É o contrário que ocorre na LF, em que as pausas, hesitações, repetições e outros são sempre visíveis, pois o seu planejamento, por ser local, é elaborado no momento da interação.

Na língua escrita (LE), é necessário expor as coordenadas, personagens, espaço, tempo, entre outros, para que se tenha uma compreensão clara. Contudo, na LF, as coordenadas estão presentes pela própria situação de fala, já que o contexto é partilhado entre os interlocutores, os quais estão em um mesmo tempo ou mesmo espaço. Contudo, essa presença dos interactantes não é exigência para que a conversação se realize, visto que, segundo Marcuschi (1986) e Rodrigues (1995), interações telefônicas são igualmente dialogadas, sendo, portanto, conversações. Já na escrita, o contexto é dado apenas pelo autor, apesar de o leitor não ser passivo, pois ele interage com o texto. A fala está mais presa ao contexto imediato, enquanto a escrita liga-se antes ao contexto sócio-cultural.

A LF relaciona-se ao modo pragmático da linguagem, apresentando características próprias e visíveis no ato comunicativo, como hesitações, truncamentos, pausas, alongamentos de vogais e consoantes, ênfases, repetições, digressões. Essas características não se manifestam na LE padrão, já editada, pois nela predomina a estruturação segundo o modo sintático e, ademais, sempre se

oferece a possibilidade de revisão antes do texto final. Na LF, a reformulação do que foi dito, tanto pelo locutor quanto por seu parceiro, é sempre visível. Pode-se resumir, em um quadro, as características da fala e da escrita nesse *continuum*:

PERSPECTIVA SÓCIO-INTERACIONISTA	
Língua Falada	Língua Escrita
Planejamento Local	Planejamento Prévio
Interação no momento da elaboração do texto	Interação posterior ao processo de elaboração do texto
Frases sem limites nítidos	Frases com limites nítidos
Deixa explícitas as marcas de elaboração	Não há marcas de elaboração
Intersubjetividade discursiva	Discurso procura manter um certo distanciamento

**Quadro 4** – Perspectiva Sócio-Interacionista

Essas distinções ocorrem devido ao fato de LE ser realizada com o máximo de reflexão, por isso quem escreve pauta-se pela gramática normativa, utilizando formas de expressão próprias do uso formal da língua. O texto falado é elaborado no momento da interação, por isso apresenta falsos começos, truncamentos, parênteses, digressões, repetições, pausas, entre outros; logo, as regras gramaticais são executados de modo diverso daquela praticada pela LE. Todavia, “não se pode dizer que a língua falada tenha uma outra gramática [...]. Mas ela faz um uso peculiar dos elementos disponíveis na gramática da língua em questão” (CAMPOS, 1989, p.213).

LF e LE são formas de realização linguística igualmente dialógicas. Na fala, porém, o princípio de dialogismo torna-se mais nítido, pois existe a participação conjunta dos interlocutores na construção do texto. Por conseguinte, a LF exige a interação entre os interlocutores, enquanto a produção da LE realiza-se de modo, muitas vezes, solitário. Nesse sentido, Fávero, Andrade e Aquino (2000, p.15) definem a conversação como a “atividade na qual interagem dois ou mais interlocutores que se alternam constantemente, discorrendo sobre temas próprios do cotidiano”. O tema ou assunto do diálogo constitui o **tópico** e, no seu desenvolvimento, existem duas situações prototípicas: os falantes têm igual direito a tomar a palavra e desenvolver o tópico pelo tempo que julgarem necessário

interação simétrica); um dos interlocutores, com consentimento dos demais, assume a palavra e passa a desenvolver o tópico com exclusividade (interação assimétrica).

Com efeito, a fala e a escrita não estão em pólos contrários. Não há como compará-las em termos de superioridade e nem inferioridade. Dito isso, é mais conveniente relacioná-las dentro de um *continuum* sócio-histórico de práticas sociais que envolvem o uso da língua. Em vista disso, seguem as palavras de Marcuschi, (2001, p. 34):

As relações entre a fala e a escrita não são óbvias nem lineares, pois elas refletem um constante dinamismo fundado num *continuum* que se manifesta entre essas duas modalidades de uso da língua. Também não se pode postular polaridades estritas e dicotomias estanques.

Mesmo considerando que escrita e fala formam um *continuum*, é evidente que elas não são a mera representação uma da outra, porque a escrita não consegue reproduzir muitos fenômenos da oralidade que contribuem para o esclarecimento da situação, tais como prosódia, a gestualidade, os movimentos do corpo, dos olhos, entre outros; do mesmo modo, a oralidade não pode reproduzir muitos fenômenos da escrita.

Embora mudanças de concepção tenham ocorrido, a escrita ainda é supervalorizada e está muito presente na sociedade moderna. Contudo, a escola não pode se concentrar apenas no ensino da LE, desconsiderando a fala, já que o conhecimento dessas duas modalidades de uso da língua é importante. O ideal é pensar na língua como atividade, partindo da reflexão da língua que se fala.

Existe, portanto, uma continuidade entre fala e escrita, porém, na fala, identificam-se algumas características que decorrem do próprio uso. Dentre elas, ressaltam-se o planejamento local, o maior envolvimento dos interlocutores e o contexto conversacional. A LE, distintamente, não apresenta essas particularidades, pois há um planejamento prévio do que se escreve, não há um envolvimento tão explícito entre os participantes, contextos de produção e recepção do texto, que são diversos.

Isso tudo é decorrente, de acordo com Rodrigues (1995, p.31), do fato de as diferenças entre fala e escrita serem de outra natureza, pois “elas

resultam de diferenças entre os processos de fala e de escrever, ou entre condições de produção do texto falado e do texto escrito”.

Conforme os dados expostos acima, o trabalho em questão segue a perspectiva sócio-interacionista. Assim, não se consideram uma a melhor do que a outra, uma vez que ambas (fala e escrita) possuem particularidades que decorrem do próprio uso e formam um *continuum*.

### 1.1.1 CARACTERÍSTICAS DA LÍNGUA FALADA

A língua falada, por conter alguns elementos pragmáticos, tais como *pausas, hesitações, alongamentos de vogais e consoantes*, era vista como uma forma complexa de realização linguística pelos muitos fenômenos que nela se verificam. Com isso, são acrescentadas às análises as situações interacionais, de forma que a linguagem deixou de ser vista apenas como uma sequência de enunciados. O fortalecimento das pesquisas relacionadas à língua falada (LF) teve início nas décadas de 80 e 90. De lá para cá, é observável grande expansão dos trabalhos na área de Análise e da Conversação (AC). Além de pesquisadores de Linguística, outros têm se interessado pela linguagem, como sociólogos, antropólogos e psicólogos. Assim, é preciso conhecer as características da língua falada, a fim de melhor situá-la.

De modo geral, a LF apresenta, de acordo com Rodrigues (1995), três características de fundamental importância. Primeiramente, ela é **planejada localmente**, não há um planejamento prévio como na escrita, ou seja, é uma “atividade planejada passo a passo” (RODRIGUES, 1995, p.21), no instante de sua formulação. Isso lhe confere um caráter fragmentário, encontrado no momento da construção da frase, do enunciado ou da sequência de assuntos. Há algumas marcas que indicam esse planejamento local, como: repetições, pausas, retomadas, interrupções, digressões e hesitações.

Ademais, o predomínio do modo pragmático ocorre justamente por a LF ser planejada localmente. Ela é produzida em uma interação social, “onde um interlocutor pode mudar todo o seu planejamento por solicitação de outro interlocutor.” (CAMPOS, 1989, p.205).

Outra característica da LF é o **envolvimento entre os interlocutores**. Para que haja uma conversa, é necessário que os interlocutores estejam em sintonia e centrados na interação linguística. Assim, a fala apresenta marcas de subjetividade e de intersubjetividade que são imprescindíveis para sua construção e desenvolvimento. As marcas dessa subjetividade são os pronomes pessoais (ex.: eu, tu) e possessivos (ex.: meu, teu), além dos verbos (ex.: estou, estás).

Chafe (1985) apresenta três classificações para o envolvimento dos participantes do ato conversacional. Um deles é o envolvimento dos interlocutores com assunto da conversa, uma vez que os falantes precisam estar a par do tema tratado na interação. Há, também, o envolvimento do locutor consigo mesmo, denominado 'ego-envolvimento', neste caso o locutor refere-se a si próprio expondo opiniões pessoais. E o envolvimento do interlocutor com o ouvinte; afinal, a construção do texto falado é realizada por meio da interação entre os interlocutores.

Finalmente, a LF necessita de um **contexto partilhado**, uma centralização verbal que acontece durante a atenção de um ou mais interlocutores, voltada para tarefa comum de trocar informações. Na fala, o local e o momento são determinados, já que o contexto é co-construído conjuntamente por ambos os interlocutores. Segundo Castilho (1998), a LF é um diálogo em presença, o que explicita as coordenadas espaço-temporais. "Tanto assim que a leitura de uma transcrição da LF em que não constem os elementos situacionais causa por vezes a impressão de que o locutor é afásico!" (CASTILHO, 1998, p.16). Contudo, Marcuschi (1986) pondera que a conversação pode realizar-se ainda que os interlocutores não estejam em presença, é o caso das comunicações telefônicas. Rodrigues (2001, p.18) concorda com essa última perspectiva, afirmando que "apenas a identidade temporal é necessária, e não a identidade espacial, ou seja, a interação face a face não é condição necessária para que haja uma conversação".

Além dessas características, a LF apresenta outras que também exercem um papel fundamental na sua construção. Vale ressaltar que as características não são traços definidores, mas traços que se manifestam em maior ou menor grau em uma ou outra forma de realização. Conforme o que apregoa Campos (1989), a LF realiza-se rapidamente, isto é, em frações de tempo muito curtas a produção oral é produzida. Disso decorrem, além do planejamento local, outras peculiaridades da fala, como: a) a falta de organização dos tópicos, o que

leva a inúmeras retomadas, as hesitações e as digressões e parênteses; b) a fragmentaridade da fala, levando a repetições, truncamentos, retomadas e predomínio de orações simples. Essa é também uma particularidade da LF, a qual, por conta da falta de planejamento prévio, prima por orações curtas, ao contrário da escrita, a qual privilegia orações complexas e mais extensas; c) a LF é produzida numa situação social, na qual participam, sempre, dois ou mais interactantes. Assim, a interação precede o planejamento, porque, sem ela, não há conversação, mas monólogos.

Enfim, “muitas características da língua falada ligam-se ao modo como ela é produzida” (CAMPOS, 1989, p.205). E, além disso, são essas condições que interferem na construção do texto falado, o qual utiliza de maneira distinta os elementos da gramática, o que resulta na utilização de orações simples, no pouco uso de orações adjetivas e na falta de conexão entre os elementos oracionais (CAMPOS, 1989).

## 1.2 TÓPICO

Como o objetivo desta pesquisa é apresentar o processo de ruptura tópica parcial (os parênteses), cabe definir *tópico* e expor suas prioridades. Brown e Yule (1983) definem tópico com o “aquilo acerca de que se está falando”. O tópico é, pois, uma questão de conteúdo e sua construção constitui um processo colaborativo, já que nela estão envolvidos os participantes do ato interacional.

O tópico, na literatura especializada, é considerado um dos organizadores do texto falado, por esse motivo, é possível afirmar que o tópico discursivo e seu encadeamento são fatores de estabelecimento de coerência. Este pode ser definido como “aquilo acerca do qual está se falando” (BROWN; YULE, 1983, p.73).

Apesar de o tópico discursivo representar uma questão basicamente de conteúdo, ele depende do processo colaborativo que envolve os participantes do ato interacional, no qual o falante precisa garantir a atenção do ouvinte, articulando bem sua fala e construindo seus enunciados de modo tal que o ouvinte identifique os elementos do tópico e estabeleça relações que colaborem em sua instauração.

(FÁVERO, 1995). Ao ouvinte, por sua vez, cabe compreender, visualizar os elementos apresentados no tópico e identificar as relações entre seus referentes.

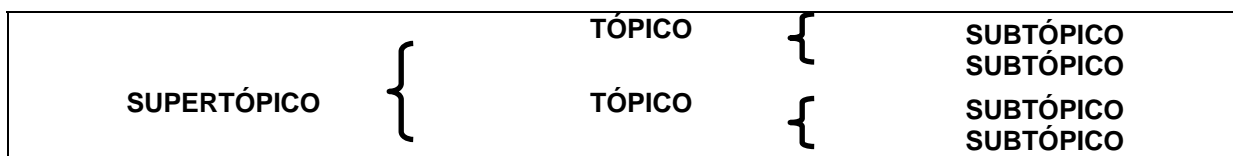
As características da língua falada manifestam-se, de modo direto e evidente, nos enunciados produzidos e acabam por determinar a sua própria produção. Aliás, é por meio delas que ocorre o desenvolvimento do Tópico Discursivo, também conhecido por “Assunto” ou “Tópico Conversacional”. Para que haja uma interação entre os participantes da conversação, é indispensável um tema, “alguma coisa” para qual a conversa possa ser orientada, que motive a prolongação do evento interacional e que se desenvolva a partir do esforço de cada um dos participantes. Esse elemento é conhecido como Tópico Discursivo. O tópico não apenas faz parte do texto oral, como é a partir de sua presença que os interlocutores se relacionam. Segundo Fávero (1995, p.39), o tópico é “uma atividade construída cooperativamente, isto é, há uma correspondência – pelo menos parcial – de objetivos entre os interlocutores”.

A noção de Tópico é muito importante, pois é a partir dela que os estudiosos chegam ao consenso de que os falantes de uma língua sabem que estão falando acerca do mesmo assunto, quando mudam, cortam, criam digressões, retomam. Tópico é brevemente definido por Brown e Yule (1983, p. 73) como “aquilo acerca do que se está falando.”

Baseando-se em conversações espontâneas, é possível estruturar o texto oral em: o *tópico* ou *assunto*, por meio do qual os participantes relacionam-se; a *situação*, ou seja, o modo de participação dos interactantes (quase sempre, interação face a face); os *papéis dos participantes*, que determinam o tipo de fala que será utilizado em uma situação específica; o *modo do discurso* indicador do grau de formalidade do texto, que pode ser maior ou menor, de acordo com o contexto; *meio do discurso*, o canal por meio do qual a mensagem é transmitida.

O tópico discursivo apresenta duas importantes propriedades, a *centração* e a *organicidade*. A primeira relaciona-se ao assunto ou tópico em andamento, o qual é evidenciado por meio de referentes explícitos ou inferíveis. A *centração* relaciona-se ao tópico, pois uma nova *centração* refere-se a um novo tópico. A *organicidade* diz respeito a diferentes níveis de abrangência no desenvolvimento do tópico e define-se como a relação estabelecida entre os **subtópicos**, **tópicos** e **supertópico**. Os supertópicos representam o maior nível de

abrangência, ao passo que os tópicos e os subtópicos apresentam temas mais específicos. Esses três níveis são inter-relacionados e interdependentes.



**Quadro 5** – Supertópico, Tópico e Subtópico

Fávero (1995) menciona, como prioridades do tópico, a *centração* e a *organicidade*. A primeira define-se como a propriedade do tópico pela qual os falantes têm a atenção voltada para um determinado assunto, implicando a utilização de referentes explícitos ou implícitos. Quando muda a centração, tem-se, necessariamente, um novo tópico. A organicidade, por sua vez, refere-se às relações (no plano vertical) entre as unidades tópicas mais gerais (supertópicos, tópicos) e as mais particulares (subtópicos) e, igualmente, à própria sequenciação entre tópicos e subtópicos.

### 1.3 PROCESSOS DE CONSTRUÇÃO DA LÍNGUA FALADA

Castilho (1998) estabelece três processos básicos de construção da fala: i) construção por ativação; ii) construção por reativação; iii) construção por desativação. Na construção textual por ativação, são selecionados os elementos que farão parte do texto e das suas sentenças. Na construção por reativação, há a recorrência a elementos anafóricos que servem para o falante voltar no seu texto e reconstruí-lo. Já na construção por desativação, há um “processo de ruptura na elaboração do texto e da sentença” (CASTILHO, 1998, p.57) que se dá, principalmente, por meio de digressões e inserções parentéticas.

### 1.3.1 Ativação

A construção por ativação (ou construção), processo discursivo central, consiste na seleção das palavras para a constituição do texto e suas unidades e das sentenças e sua estrutura.

### 1.3.2 Reativação e Reconstrução

A construção por reativação é a volta ao que foi dito, por meio da retomada ou repetição de formas e/ou de conteúdos. A repetição (recorrência de expressões), a paráfrase (recorrência de conteúdo) e a correção (correção de falhas no texto conversacional, havendo, algumas vezes, alteração ou recorrência na expressão e/ou no conteúdo) constituem as manifestações desse processo. A paráfrase e a repetição têm por finalidade reiterar e reforçar assuntos do texto. Já a correção é um ato de reformulação textual, tendo a função de “garantir a *intercompreensão*” (BARROS, 1993, p.137).

A repetição pode ser compreendida como “um procedimento de restituição das estruturas sintáticas canônicas” (CASTILHO, 1998, p.74). Segundo Fávero, Andrade e Aquino (2000, p. 61), esse processo assume diferentes funções: “dentre elas, podemos destacar a sua contribuição para a organização do discurso e a manutenção da coerência textual, bem como a organização tópica e a geração de seqüências mais compreensíveis”.

A paráfrase, por seu turno, consiste na retomada do conteúdo já exposto, mantendo com ele uma relação de equivalência semântica. O novo enunciado produzido resulta, na sua totalidade ou em partes, do texto-fonte. Segundo Castilho (1998, p.75), a paráfrase “é uma repetição de conteúdos que, precisamente por terem sido repetidos, se acrescentaram semanticamente, e nesse sentido, mudaram”. Hilger (1993, p.126) argumenta que a paráfrase é “uma atividade de constituição textual, a que o falante recorre para reformular etapas do desenvolvimento de sua própria formulação textual e/ou da formulação textual de

seu interlocutor, visando a promover e assegurar a intercompreensão e as progressividades conversacionais”, ou seja, a coerência e a coesão textuais.

Castilho (1998) considera apenas a repetição e a paráfrase como elementos de reconstrução do texto. Contudo, para Barros (1993), além desses dois elementos, a correção faz parte desse processo. Para a pesquisadora, a correção é:

Um procedimento de re elaboração do discurso que visa a consertar seus ‘erros’. O ‘erro’ deve ser entendido como uma escolha do falante [...] já posta no discurso e que, por razões diversas, ele e/ou seu interlocutor consideram inadequada (p.136).

### 1.3.3 Desativação ou Descontinuação

A construção por desativação é a ruptura na elaboração do texto e da sentença. As formas mais radicais de ruptura, no nível do texto, são o abandono definitivo ou momentâneo do tópico em andamento. Sua forma mais branda é representada pelas inserções parentéticas, em que não há abandono do tópico em andamento. No plano da sentença, a ruptura é assinalada por interrupções, pausas, hesitações, inserção de elementos discursivos, anacolutos.

Enquanto os parênteses são compreendidos como pequenas rupturas no texto para esclarecer, comentar, entre outros, o tópico em andamento, as digressões caracterizam-se por mudanças do tópico. Isto é, há o abandono do assunto até então tratado na conversação para dar lugar a outro. Isso caracteriza a digressão. Como os parênteses são o foco da nossa pesquisa, a eles será dada maior atenção.

Os parênteses, foco do trabalho em questão, “são atos de fala que constituem pequenos esclarecimentos, comentários, perguntas e outros, fornecendo observações rápidas ao tópico que se desenvolve” (CASTILHO, 1998, p.81). Para Jubran (1996), os parênteses são desvios momentâneos da progressão temática do texto falado. Desse modo, eles complementam ou suprem (de forma lateral ou indireta) o tópico em andamento. Os segmentos parentéticos são classificados quanto à estrutura (marcador conversacional, vocábulo, frase simples

ou complexa), à presença de marcadores conversacionais e à função exercida por esses segmentos na construção do texto e no processo interacional.

### 1.3.3.1 Inserções Parentéticas e Digressões

#### 1.3.3.1.1 *Inserções parentéticas*

As inserções parentéticas são muito relevantes para a progressão e para a manutenção da conversa, pois esclarecem o texto, atribuindo-lhe a coerência e a coesão necessárias. Para Jubran (1996), os parênteses são desvios momentâneos no curso da conversação. Eles não apresentam o estatuto de tópico, ou seja, não são considerados assunto da interação, apenas um desvio que serve para esclarecer ou corroborar algo dito pelo locutor. Segundo Mamus (2009, p.01):

As inserções são caracterizadas por promoverem melhor interação e facilitarem a aceitação daquilo que um falante diz aos seus interlocutores; causam um retardamento do fluxo informacional [...]. Elas são, portanto, uma marca lingüística da oralidade.

Jubran (1996, p.412) esclarece que algumas marcas podem identificar os parênteses em um texto. São elas: pausas anteriores ou posteriores aos parênteses, ausência de conectores do tipo lógico e mudanças prosódicas<sup>3</sup>. Além disso, a ruptura que os parênteses provocam é também assinalada:

Antecedendo-os, são registrados fatos sintáticos denunciamos da suspensão do tópico em desenvolvimento, como a incompletude do enunciado precedente, bem como, subseqüendo-os, observam-se sinais de retorno ao tópico temporariamente suspenso, como marcadores discursivos de retomada temática ou repetição de elementos anteriores aos parênteses (JUBRAN, 1996, p.412).

<sup>3</sup> Segundo Urbano (2005), os elementos prosódicos subdividem-se em suprasegmentais (a entonação, a duração, a sílabação, as inflexões, a fluência) e cossegmentais (a pausa, a ordem, os deslocamentos).

Quanto à função desempenhada pelos parênteses, de acordo com Koch e Vilela apresentam a:

Macro-função cognitivo-interativa de facilitar a compreensão dos parceiros. O locutor suspende temporariamente o tópico em andamento e insere algum tipo de material lingüístico, com o intuito, entre outros de: a) introduzir explicações ou justificativas; b) fazer alusão a um conhecimento prévio, que, freqüentemente, constitui um pré-requisito para o pleno entendimento do assunto; c) apresentar ilustrações ou exemplificações; d) introduzir comentários metaformativos (KOCH; VILELA, 2001, p.527-529).

Além dessas, as inserções apresentam outras funções consideradas típicas da interação, quais sejam: a) “despertar ou manter o interesse do parceiro e/ou criar uma atmosfera de intimidade ou cumplicidade” (KOCH; VILELA, 2001, p.529-530); b) servir de suporte para a argumentação em curso; c) expressar a atitude do locutor perante o que é dito. Para que a primeira dessas funções se efetive, é necessária, segundo Koch e Vilela (2001), a recorrência a estratégias tais como a formulação de questões retóricas e introdução de comentários jocosos.

O conceito de parênteses, como breve desvio do tópico discursivo em pauta em um segmento da conversação, não deve fazer supor um desvinculamento da inserção em relação a esse segmento que a abarca e a contextualiza. Pelo contrário, os parênteses têm papel importante no estabelecimento da significação, de base informacional, que constitui a estrutura temática do segmento-contexto. Isso porque, no intervalo da suspensão tópica, eles promovem esclarecimentos, atenuações, ressalvas, advertências, avaliações e comentários laterais sobre o que está sendo dito, e/ou sobre como se diz, e/ou sobre a situação interativa em que ocorre o ato verbal (JUBRAN, 1996, p.413).

Por tudo isso, os parênteses possuem função pragmática e contextual. Os parênteses, dentro do texto conversacional, são vistos como processo interativo em que dois ou mais falantes participam ativamente, sempre para dinamizar o texto, para torná-lo coerente e intercompreensível. Enfim, “as inserções parentéticas não podem ser consideradas como desvios descartáveis do texto, visto que a contextualização interacional do que é dito orienta a sua compreensão” (JUBRAN, 1996, p.414).

### 1.3.3.1.2 Digressões

Fávero (1995, p.50) afirma que a digressão “pode ser definida como uma porção de conversa que não se acha diretamente relacionada com o tópico em andamento”, por isso ela é considerada imprópria na LE, pois é um fenômeno constitutivo da LF, sendo uma marca do planejamento local.

Caracterizada como um desvio do tópico que vinha sendo desenvolvido, a digressão estabelece nova relevância, podendo o seu uso provocar ou não descontinuidade no fluxo conversacional. Com o objetivo da coerência conversacional, os falantes se utilizam de elementos coesivos (marcadores e repetições) para voltar ao tópico anterior logo após o segmento digressivo. Em muitos casos, pode haver retorno ao tópico principal, sem o uso desses procedimentos.

Para Andrade (2000, p.100), a digressão, ao ser analisada sob o enfoque interacional, “passa a funcionar como estratégia por meio da qual se busca um determinado efeito de sentido”, devendo ser caracterizada como um valioso componente do mecanismo textual no que tange à condução do tópico discursivo. Esse fenômeno, complementa a autora, diz respeito à substituição de um domínio de relevâncias ou tópico discursivo, por outro domínio diferente, suspendendo temporariamente o anterior e colocando-o à margem do campo de percepção, enquanto o novo tópico discursivo é colocado em evidência. Quanto à diferença entre digressão e parênteses, pode-se citar:

DIGRESSÃO	PARÊNTESES
A ruptura é caracterizada pela introdução de um novo tópico	Complementam ou suprem (de forma lateral ou indireta) o tópico em andamento

**Quadro 6** – Digressão e Parênteses

#### 1.4 MARCADORES CONVERSACIONAIS

Os marcadores conversacionais (MCs) são elementos linguísticos ou não linguísticos, sem relação com o tópico, que funcionam como recursos interacionais e de articulação dos segmentos do texto. Segundo Urbano (1995, p.85), os MCs:

Trata-se de elementos de variada natureza, estrutura, dimensão, complexidade semântico-sintáticas, aparentemente supérfluos ou até complicadores, mas de indiscutível significação e importância para qualquer análise de texto oral e para sua boa e cabal compreensão.

Para Castilho (1998, p.47), os MCs são *organizadores globais*, que podem ser entendidos como: a) sintaticamente independentes do verbo; b) constantes de um ou de mais de um item lexical ou mesmo de expressões não lexicais; c) funcionando no monitoramento da conversação<sup>4</sup> e na organização do texto; d) distribuídos no início, no meio ou no final da unidade de análise.

Esses MCs são também definidos por Urbano (1995) como elementos típicos da língua falada e, em especial, da conversação espontânea e/ou face a face, dotados de grande frequência, recorrência, convencionalidade, idiomatidade e significação discursivo-interacional, mas que não integram o conteúdo significativo do texto, não tendo, por isso, relação direta com o assunto nem valor semântico significativo. Contudo, os MCs têm grande valor discursivo, pois dão coesão e coerência ao texto falado, amarrando as partes que o constituem, tanto em relação à estrutura verbal cognitiva quanto à estrutura de interação interpessoal. Segundo Urbano (1995, p.85), os MCs “funcionam como articuladores não só das unidades cognitivas-informativas do texto, como também dos seus interlocutores, revelando e marcando, de uma forma ou de outra, as condições de produção do texto”. Assim, esses recursos apresentam funções conversacionais e textuais. “Quanto às suas funções, estes sinais servem de elo [...] entre unidades

<sup>4</sup> A respeito do monitoramento da conversação ver Silva (2001) e Storto (2009).

comunicativas, de orientadores dos falantes entre si etc.” (MARCUSCHI, 1986, p.61).

Esse caráter multifuncional foi também ressaltado por Castilho (1989), que admite que todos os marcadores conversacionais (por ele denominados marcadores discursivos) exercem, genericamente, uma função textual, à medida que organizam e estruturam o texto. Essa função geral, porém, desdobra-se nas duas funções particulares indicadas a seguir: a função interpessoal e a ideacional. Essa duplicidade de funções faz com que existam dois tipos de marcadores: os interacionais (ou inter pessoais) e os ideacionais (ou coesivos). Ademais, os MCs têm a função de preencher um espaço “vago” do raciocínio. Quando o falante está dizendo algo e lhe faltam argumentos, ele preenche tais espaços com MCs. Um exemplo disso é o “tipo assim” utilizado pelos jovens em suas conversações. Então, os MCs são usados para chamar a atenção do ouvinte e para preencher as brechas conversacionais.

Os marcadores interacionais são, segundo Galembeck e Carvalho (1997), divididos de acordo com a sua função e posição no turno. Os autores acrescentam que os MCs podem ocupar três posições distintas no turno: a) **iniciais**, ‘não’, ‘mas’, ‘acho que’, ‘não é assim’, que caracterizam o início ou a tomada de turno; b) **mediais**, ‘né?’, ‘sabe?’, ‘entende?’, ‘digamos’, advérbios, conjunções, alongamentos, que são responsáveis pelo desenvolvimento do turno; c)  **finais**, ‘né?’, ‘não é?’, ‘entendeu?’, perguntas diretas, pausa conclusiva, que assinalam a passagem implícita ou explícita do turno. Contudo, a posição dos marcadores não é fixa, ou seja, o mesmo MC pode aparecer em diferentes posições; eu acho que ( inicial e medial); não é? (medial e final). Essa propriedade decorre do caráter multifuncional dos MCs, característica que - como se viu - foi salientada por Castilho (1989).

Além disso, segundo Galembeck e Carvalho (1997), os MCs iniciais e mediais distribuem-se em duas classes: marcadores de valor interacional ou interpessoal e marcadores de valor ideacional. Já “MCs marcadores finais de turno têm valor unicamente interacional” (GALMBECK; CARVALHO, 1997, p.846).

Os marcadores interacionais iniciais apresentam três funções essenciais: assinalam a tomada de turno; envolvem o ouvinte; prefaciam opiniões.

Os marcadores interacionais mediais têm as funções de: a) envolvimento do ouvinte são representados por expressões como ‘veja’, ‘veja você’, ‘olha’, ‘você sabe’, ‘você repara’, ‘você imagina’, ‘você pode ver’ e locuções

semelhantes. Esses MCs são utilizados “para conseguir a atenção do ouvinte e/ou obter o seu apoio” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p.840); b) sustentação do turno, representados por marcas não lexicalizadas (como ‘ahn’, ‘eh’, ‘ah’, ‘uhn’) e por alongamentos (‘certo::’, ‘ahn::’), são utilizados pelo falante para preencher as pausas ocasionadas pelo planejamento do texto conversacional; c) manifestação de opiniões “são representados por verbos ou locuções denotadores de atividade mental ou de elocução” (GALEMBECK; CARVALHO, 1997, p.843). Esses marcadores podem ser divididos em dois grupos, aquele em que o locutor assume explicitamente aquilo que diz (‘creio que’, ‘acredito que’, ‘tenho certeza de que’) e aqueles que indicam a falta de certeza ou convicção do falante (‘acho que’, ‘não tenho certeza se’).

Marcuschi (1986) agrupa-os em três tipos de evidência: a) verbais; b) não verbais; c) suprasegmentais. Além disso, ainda segundo o autor, eles podem aparecer em vários momentos da interação: na troca de falantes, na mudança de tópico, nas falhas de construção, em posições sintaticamente regulares. Os MCs classificam-se também como:

MARCADORES CONVERSACIONAIS		
LINGUÍSTICOS	▪ Verbais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Lexicais (palavras e expressões).</li> <li>• Oracionais (orações curtas).</li> <li>• Não-Lexicalizados.</li> </ul>
	▪ Prosódicos ou Suprasegmentais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Elevação da voz.</li> <li>• Entonação.</li> <li>• Silabação.</li> </ul>
CINÉSICOS	<ul style="list-style-type: none"> <li>▪ Gestos.</li> <li>▪ Expressões faciais.</li> <li>▪ Risos.</li> </ul>	

**Quadro 7** – Marcadores Conversacionais

## 2 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Como já foi afirmado neste trabalho, os parênteses são:

Breves desvios do quadro de referência tópica do segmento contextualizador que não afetam a coesão da unidade discursiva dentro da qual o correm, pois não promoveriam cisão do tópico em porções textuais nitidamente separáveis, visto que a sua intenção é momentânea e retomada, imediata (JUBRAN, 1995, p.345).

Isso significa que, no plano do conteúdo textual, eles caracterizam uma descontinuidade tópica, ou seja, um desvio momentâneo e breve na progressão textual. Por alguns momentos, abandona-se a estrutura temática do texto para a inserção de fragmentos em relação à sequência tópica, para, em seguida, retomarse o tópico que estava em andamento, não havendo a introdução de um novo tópico. Isso tudo caracteriza a inserção parentética.

No *corpus* da nossa pesquisa, as inserções parentéticas são bastante recorrentes e aparecem em todos os inquéritos, como exemplo que segue<sup>5</sup>, em que os parênteses estão sublinhados<sup>6</sup>:

1)

Inf. ...mais um tipo de equilíbrio... pra terminar... pra terminar  
por completo... então a nossa... estudo de cinética  
química... vocês imaginem se nós tivermos...

AL. que produtos foram utilizados?

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 01-04*

Os dados obtidos foram analisados a partir das seguintes variáveis:

i) natureza do segmento parentético; ii) presença de marcadores conversacionais; iii) lugar em que figura a inserção – meio ou fim de frase; iv) elemento a que se volta a inserção – volta-se ao falante, ouvinte, tópico, discurso ou outro. Essas variáveis têm

<sup>5</sup> Para este pequeno esboço de análise, selecionamos um trecho de CALLOU (1993, p.13-14 – Inquérito 251, linhas 01-96). Essa interação constitui uma aula de química.

<sup>6</sup> Para maior compreensão do texto falado, seguem anexas as normas de publicação estabelecidas pelo projeto NURC.

por finalidade verificar o papel exercido pelas inserções na construção do texto conversacional e na interação entre professor e alunos.

Salienta-se que o *corpus* é formado por inquéritos retirados do Projeto NURC/RJ, os quais apresentam um único supertópico, o assunto da aula em questão. Assim, o supertópico do inquérito 251 é Química, do inquérito 356 é criatividade e redação no nível superior de ensino e do inquérito 364 é organização e métodos em administração de empresas (ver anexos). Os tópicos e os sub-tópicos estão relacionados ao supertópico de cada aula respectivamente.

Em relação ao número de inserções parentéticas, foram encontradas sessenta e três inserções nos inquéritos do Rio de Janeiro, sendo vinte e oito do inquérito 251, vinte e quatro no 356 e onze no 364, todos do NURC/RJ. Já os inquéritos do NURC de São Paulo apresentaram vinte e nove parênteses, sendo treze no inquérito 124, cinco no 377 e onze no 405.

NÚMERO TOTAL DE INSERÇÕES	251 NURC/RJ	356 NURC/RJ	364 NURC/RJ
		28	24
	124 NURC/SP	377 NURC/SP	405 NURC/SP
	13	5	11

**Quadro 8** – Número de Parênteses

## 2.1 PRIMEIRA VARIÁVEL: NATUREZA DOS SEGMENTOS PARENTÉTICOS

Em relação à análise da natureza do segmento parentético, em que é observada a constituição formal das inserções, verifica-se que os parênteses podem ocorrer por meio de diferentes configurações: marcador conversacional, sintagma (simples ou composto), frase simples e frase complexa.

### a) Marcador conversacional

Os marcadores conversacionais (MC) que constituem fragmentos inseridos são geralmente representados por sinais de envolvimento do ouvinte (*veja*

*bem*), de opinião (*eu acho*) ou de busca de aprovação discursiva (*certo?, entende?, tá?*). Apenas o inquérito 251 NURC/RJ apresentou MC como constituinte do parêntese. Em nenhum inquérito do NURC/SP, há MC como inserção parentética.

2)

Inf. seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais.

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 95-96

## b) Frase simples

A frase simples (FS) é aquela em que há uma oração independente, mas em alguns casos mais incomuns pode aparecer uma oração subordinada sem a sua oração principal. Nos inquéritos do Rio de Janeiro, a FS aparece como a segunda mais importante configuração formal da inserção parentética, ficando atrás apenas da frase complexa e totalizando 25 % dos casos. Já nos inquéritos de São Paulo, a FS empatou com a Frase Completa (FC), sendo responsável por 48% dos parênteses.

3)

Inf. seria a... há... o elemento de ligação entre já e a administração superior... que vamos chamar de ordem direta ou administração de nível inferior... pra isso... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles

CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 426-429

4)

Inf. que mesmo que se trata de um caso particular... não é essa a intenção...tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... um troço que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e olha gente que... eu quero chamar a atenção para um troço... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... ( ) vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou

CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 22-30

5)

Inf. aproximar isto então... da literatura religiosa do ocidente... “nossa vida é uma vida/ ... é uma viagem pelo vale de lágrimas”...- - vocês já não ouviram isso? - - tem alguns católicos que... vão à igreja ao

CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 43-46

- 6)  
 Inf. se tirar o traço do indivíduo realmente se persiste aquela característica ou não... mas o teste isolado ou apenas um teste... não dá: uma (aptidão) MUItto segura... bom... como teste de realização... nós temos... testes de velocidade... é para ver se  
 CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 55-59

Em casos mais raros, aparece uma oração subordinada, sem a principal correspondente, ou vice-versa, ou há uma oração intercalada entre a oração principal e a subordinada. Isso ocorre no exemplo seguinte, em que o professor elucida uma situação de condicional, intercala outra oração (uma inserção parentética) e, por fim, conclui a oração complexa iniciada:

- 7)  
 Inf. perguntas... [ ] vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... [OS] não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem? [OP]  
 CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 22 -30

Esse tipo de inversão sintática é muito comum na LF, na qual o planejamento é concomitante à exposição da fala.

### c) Frase complexa

As inserções parentéticas também podem ser representadas por frases complexas, que são normalmente constituídas de um período curto, o qual é, na maioria das ocorrências, formado por duas ou três orações subordinadas. Nos inquéritos do Rio de Janeiro, esse tipo de parêntese é responsável por 60% dos casos e, nos inquéritos de São Paulo, por 48%.

- 8)  
 Inf. se eu sei que é a molécula do H3PO4... eu sei que ela tem três hidrogênios ácidos... se é a molécula do H2SO4... eu sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se cinquenta jovens têm cem braços... uma solução dois

molar... dois EME... de H<sub>3</sub>PO<sub>4</sub> é seis normal... sem maiores complicações... nitidamente... quem quiser ver diferente é porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica... com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 58 -73*

9)  
Inf.

porque cresceu rápido demais... também assunto que nós já debatemos em aulas anteriores... o crescimento muito rápido da empresa pode fazer com que ESTRUTURA... com que foi criada... não seja adequada...e isso se torna bastante perigoso... então... veja bem... há... o Rick concorreu e competiu com o Bob's e retirou uma parte da clientela... a

*CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 488-493*

10)  
Inf.

PRINCipal está centrada na sobrevivência... não dá tempo assim para minhocar coisas muito exotéricas... de ficar pensando no sendo da vi::da... se o rock é melhor do que o chori::nho::... se:::...meu Deus do céu como eu vou educar meu filho para ele estar preparado para a sociedade de amanhã:: que está em tão rápida transforma/ não tem tempo para fazer isso... eles precisam pegar pele para se esquentar....

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 87-94*

11)  
Inf.

por exemplo... a Eneida...não é?... há toda esta idéia de viagem... isto tem uma influência muito grande eu creio... - - eu poderia estar chutando aqui um pouco - - ((tossiu))... isto tem um:: uns resquícios desta teoria ((tossiu)) nalguns autores... mas em suma eu acho uma coisa muito interessante

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 68-73*

#### **d) Sintagma**

Os sintagmas (SI) podem ser nominais (antecedidos ou não por preposições), adjetivais e adverbiais. As inserções constituídas por SI são aquelas em que não há verbos ou nas quais há expressões tais como “ou seja”, “isto é” e outras. A inserção paratática como SI, tanto nos inquéritos NURC/RJ quanto nos

NURC/SP, é a segunda com o maior emprego, ficando atrás apenas do MC, pois, no total de parênteses, responsabiliza-se por cerca de 10% das ocorrências. Nos excertos que seguem, o falante recorreu ao SI para compor o parêntese. Salienta-se que os inquéritos 405 e 377 NURC/SP não apresentaram nenhuma ocorrência de SI.

- 12)  
Inf.           lingüístico mas também... focaliza outros meios de comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza... onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de  
*CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 182-185*
- 13)  
Inf.           sua administração de defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte... e passava a ser uma empresa de médio porte... ou... então... essa empresa.. ia acabar desaparecendo... por que razão? porque ela possuía uma administração muito pequena... o controle... era o controle... feito... diretamente...  
*CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 394-399*
- 14)  
Inf.           há um conjunto... de indícios que é necessário interpretar... donde a importância da magia... e da religião... e esses indícios mostram que de repente... uma força... hum num determinado momento...  
*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 174-177*

Como visto, os parênteses podem-se compor de marcadores conversacionais, sintagmas, frases simples e frases complexas. De acordo com o que foi verificado no *corpus*, as frases complexas predominam como constituintes das inserções parentéticas, sendo responsável por 49% dos parênteses do inquérito 251 NURC/RJ, 79% das inserções do inquérito 356 NURC/RJ, 45% dos parênteses do inquérito 364 NURC/RJ, 46% de 124 NURC/SP, 40% de 377 NURC/SP e 55% de NURC/SP, como mostra o quadro que segue. As frases simples também são representativas dessa primeira variável, aparecendo em segundo lugar: 30% das inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ, 17% dos parênteses do inquérito 356 NURC/RJ, 37% das inserções do inquérito 364 NURC/RJ, 46% de 124

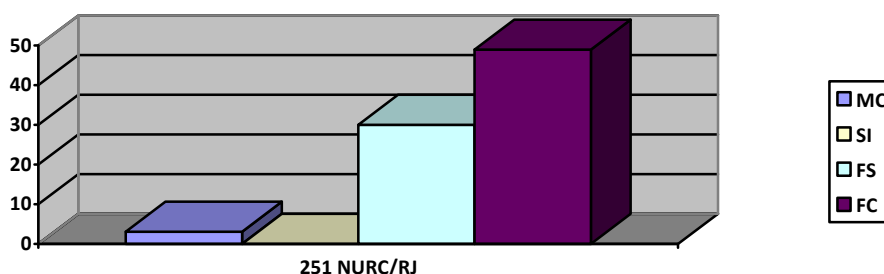
NURC/SP, 60% de 377 NURC/SP e 45% do inquérito 405 NURC/SP são formados de frases simples.

Assim existe, no material analisado, o predomínio de frases simples e frases complexas como constituinte da inserção parentética. Isso decorre das circunstâncias da enunciação, em que há concomitância entre o planejamento e a execução da fala.

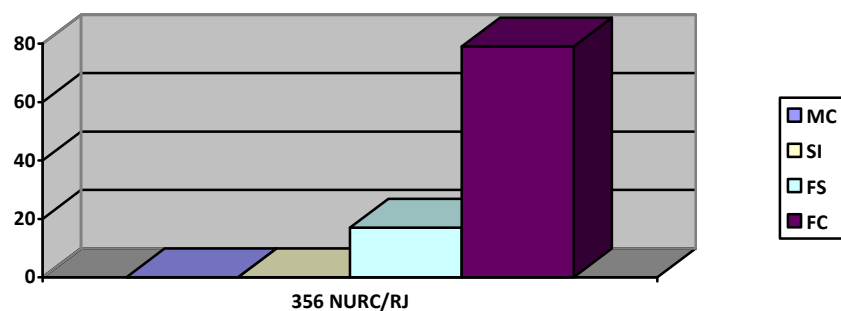
A formulação de estruturas sintáticas complexas também se explica pelo caráter dinâmico do tópico. O tópico, na língua falada, não constitui um dado prévio, mas é algo que se constrói no decorrer da própria interação verbal. Ora, as estruturas parentéticas devem estar efetivamente ligadas à construção do tópico e encaixar-se no desenvolvimento dele e, para tanto, é necessário que elas venham a constituir estruturas sintático-semânticas íntegras. Sem essa característica (predominante nas ocorrências do corpus), seguramente as inserções não teriam um papel relevante no desenvolvimento do tópico e no estabelecimento das relações entre os participantes do ato conversacional.

Nos próximos gráficos, usam-se as seguintes abreviaturas:

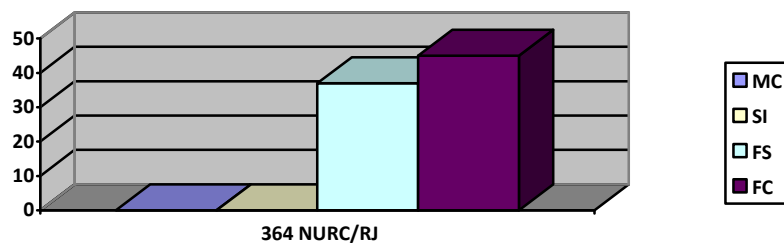
- ✓ MC – Marcador Conversacional;
- ✓ SI – Sintagma;
- ✓ FS – Frase Simples;
- ✓ FC – Frase Complexa.



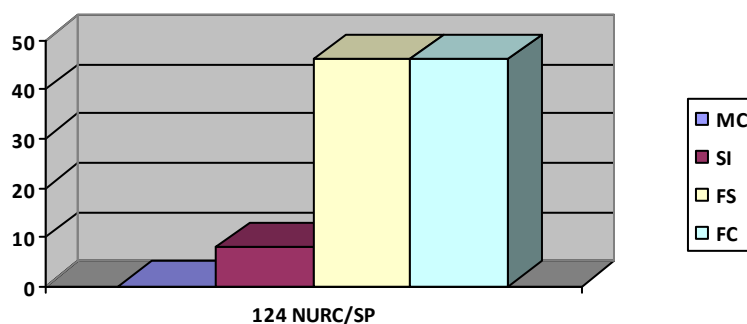
**Gráfico 1** – Primeira variável no inquérito 251 NURC/RJ



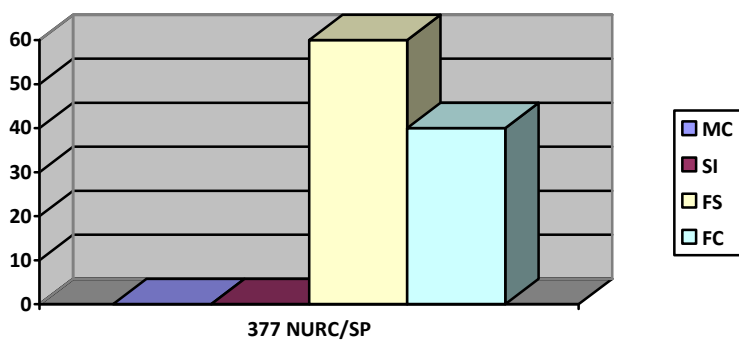
**Gráfico 2** – Primeira variável no inquérito 356 NURC/RJ



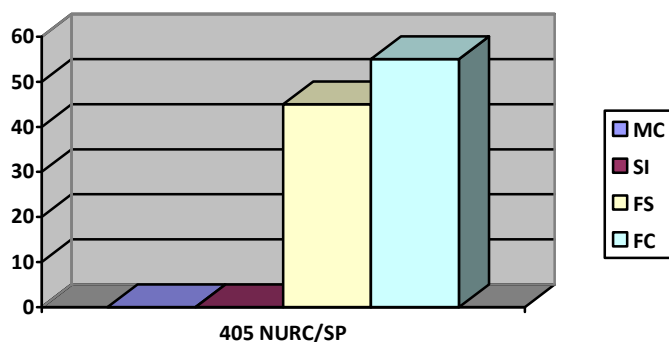
**Gráfico 3** – Primeira variável no inquérito 364 NURC/RJ



**Gráfico 4** – Primeira variável no Inquérito 124 NURC/SP



**Gráfico 5** – Primeira variável no Inquérito 377 NURC/SP



**Gráfico 6** – Primeira variável no Inquérito 405 NURC/SP

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
MC	01	3	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-
SI	05	18	01	04	02	18	01	08	Ø	-	Ø	-
FS	08	30	04	17	04	37	06	46	03	60	05	45
FC	14	49	19	79	05	45	06	46	02	40	06	55

MC – Marcador Conversacional.

SI – Sintagma.

FS – Frase Simples.

FC – Frase Complexa.

**Quadro 9** – Primeira Variável

## 2.2 SEGUNDA VARIÁVEL: PRESENÇA DE MARCADORES CONVERSACIONAIS

As inserções podem ou não apresentar MC, os quais marcam a entrada da inserção parentética no discurso. Como afirmado anteriormente, os MC que constituem fragmentos inseridos são, em geral, representados por sinais de envolvimento do ouvinte, de opinião (eu acho) ou de busca de aprovação discursiva (né?, tá?), como nos excertos que seguem.

- 15) gramática passa a emergir do próprio texto... e passa a ser... vinculada à realidade brasileira... então... aqui está o trecho do livro deles... do livro número quatro... não... do livro número três... se não me engano... ((inicia a leitura do texto))

Inf.

*CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 147-150*

- 16) é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos... isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de seu idioma... isto é válido também para Faculdade de

Inf.

*CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 246-249*

- 17) este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira... TOTAL... inclusive extrapolando pra outras matérias... a PROFUNDIDADE **deste troço**... bom... na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade **deste troço**... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar a ele.. eu vou dar apenas um último exemplo fora... eu acho que vale a pena a gente encher o saco com esse troço... e... eu quero apenas lembrar que... que mesmo que se trata de um caso particular... não é essa a intenção...tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu... **um troço** que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e olha gente que... eu quero chamar a atenção para **um troço**... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... ( ) vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem?

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 10-33*

Em (15), a inserção parentética não apresenta marcador, o que não interfere no andamento da interação. Já em (16), ele aparece para iniciar o parêntese.

Em (17), é possível observar a presença de alguns marcadores: *tá?* (aparece duas vezes), *eu acho que*, *não é?*, *bom*, *certo*, *quer dizer* e outros. Esses elementos procuram trazer o interlocutor, no caso os alunos, para o falante, no caso o professor de Química. Ou seja, esses MCs discursivos servem para chamar a atenção dos alunos, para envolvê-los, fazer com que eles participem da aula. Eles servem também para o professor tentar verificar a compreensão ou não da matéria por parte dos seus alunos. Contudo, a inserção apresenta apenas um MC, “eu acho que”, o qual a inicia.

Além disso, nesse exemplo, o uso da expressão “um troço” e variantes (“esse troço”, “desse troço”) chama a atenção, porque não é comum professores do ensino médio a utilizarem. Além disso, esse enunciado distoa um pouco do contexto mais formal em que essa interlocução está inserida. Note-se que esse termo “troço”, nesse pequeno exemplo, aparece cinco vezes. Em toda a conversação, o professor o retoma inúmeras vezes em seu discurso, retirando-lhe o aspecto de linguagem culta ou de mais formalizado. O emprego desse termo deve-se, provavelmente, às características da linguagem própria desse falante, o qual, mesmo em situações mais formais de interação, recorre a um falar mais despojado.

- 18) de concreto... e... vez em quando... **vocês percebem que eu sou um indivíduo de outra geração já... sou um quadrado mesmo não é?...** mas enfim isso também é um:... é um exemplo bastante antigo é de Franz Boas não é?... digamos mil

Inf.

CASTILHO; PRETI (1987) – *Inquérito 124 NURC/SP, linhas 269-273*

- 19) medida REAL:... **é claro que** isso é extremamente discutido... então em psicologia há modelos:... que:: NÃO aceitam os testes de modo algum porque:...

Inf.

CASTILHO; PRETI (1987) – *Inquérito 377 NURC/SP, linhas 31-33*

No excerto (18), aparecem dois MCs, um iniciando a inserção parentética (“vocês percebem que”) e o outro fechando-a (“não é?”). Em (19), há apenas um marcador, “é claro que”, o qual inicia o parêntese.

O Quadro 10 sintetiza as ocorrências de MCs no material examinado.

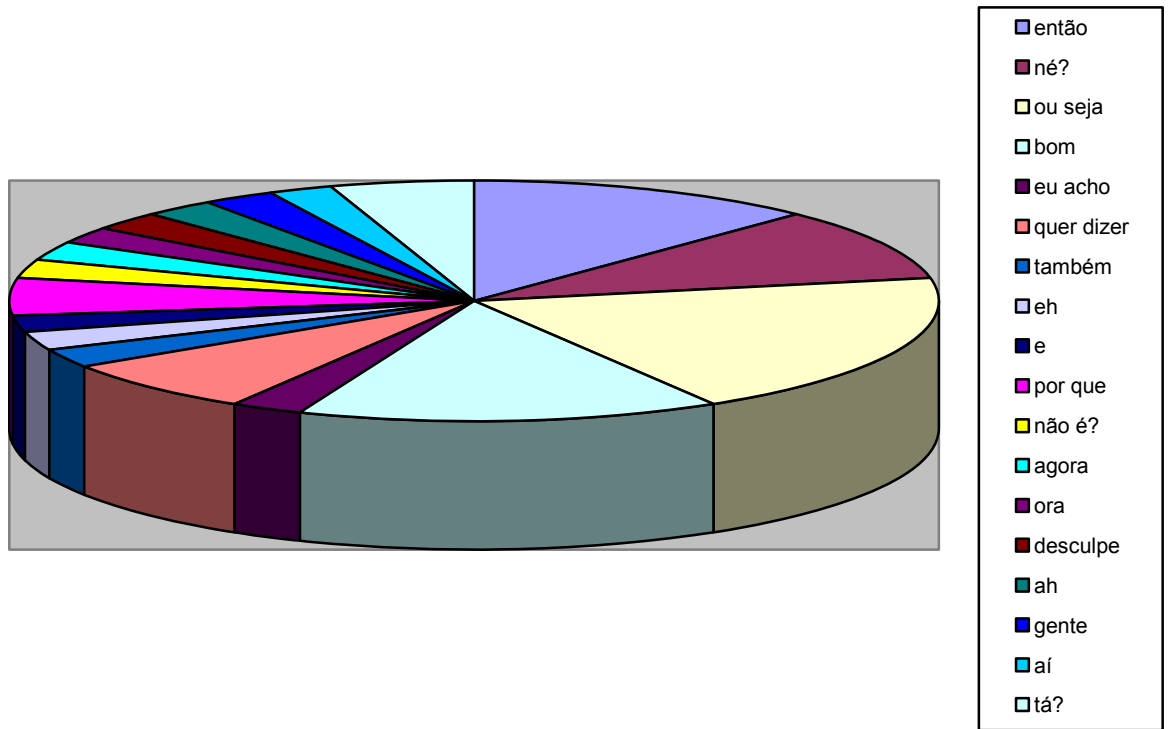
	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
S	12	43	11	46	05	45	01	08	02	40	∅	-
N	13	46	13	54	06	55	12	92	03	60	11	100
Não se aplica	03	11	∅	-	∅	-	∅	-	∅	-	∅	-

S – Sim (com Marcador Conversacional).  
N – Não (sem Marcador Conversacional).

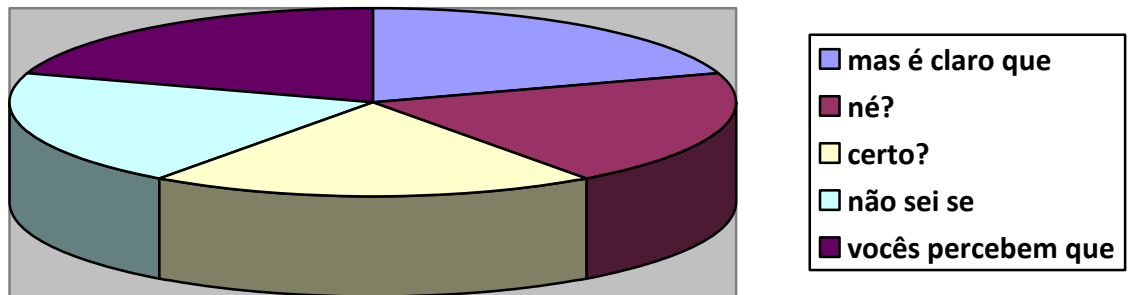
**Quadro 10 – Segunda Variável**

Observou-se um certo equilíbrio na ocorrência de MCs nos inquéritos do Rio de Janeiro analisados. Esse equilíbrio entre a presença e a ausência de marcadores significa que nem sempre existe a necessidade de assinalar, de forma explícita, a inserção paratática, pois ela é um fenômeno ligado à própria formulação discursiva. Já nos inquéritos do NURC/SP sobressaiu-se a ausência de MCs. Esse fato assinala que esses instrumentos, embora sejam recorrentes na LF, não são imprescindíveis para a sua existência e para que a interação social entre os interlocutores se realize.

Os marcadores mais comuns no material analisado foram “tá?”, “ou seja”, “eu acho”, “então”, “né?” e outros, conforme os próximos gráficos.



**Gráfico 7** – Principais MCs nos inquéritos NURC/RJ



**Gráfico 8** – Principais MCs nos inquéritos NURC/SP

### 2.3 TERCEIRA VARIÁVEL: LUGAR EM QUE FIGURA A INSERÇÃO

Considera-se, nessa variável, a posição do parêntese em relação ao enunciado no qual ele se insere. Assim, nos inquéritos estudados, as inserções parentéticas apresentaram-se no meio ou no fim do enunciado. Nos inquéritos do NURC do Rio de Janeiro, há parênteses do tipo *meio de frase com continuação entre as partes* (MFC), *meio de frase sem continuação entre as partes* (MFM) e *final de frase* (FF). Contudo, os inquéritos de São Paulo, coincidentemente, só apresentam inserções do tipo FF.

20)

Inf. a comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir... o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente... visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós lutarmos contra os meios de comunicação de massa... porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós

MFC

CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 216-222

As inserções no meio da frase (com continuidade entre as partes) ocorrem geralmente quando o falante sente a necessidade de esclarecer um termo ou contextualizar os dados, como no excerto (20). Nesse parêntese, o informante interrompe o discurso para contextualizar uma informação: de que Messerani é o autor de uma série de livros a respeito de criatividade, série considerada excelente pela professora.

Em outro momento da interação, a professora volta a inserir um parêntese no seu discurso, mas, desta vez, com a intenção de comentar algo. Essa inserção parentética, contudo, é de outro tipo, é no *meio da frase sem continuidade entre as partes*, pois o comentário da informante não tem relação com o enunciado anterior ou com o enunciado seguinte.

21)

Inf. de Língua Portuguesa... o que fazem os livros? Um dos... melhores e um dos principais... não sei se vocês conhecem... ((ruído)) é este aqui... desta série... da Maria Helena

MFN

CALLOU (1993) – Inquérito 356 NURC/RJ, linhas 175-177

Nesse momento da interação, a inserção, como se nota, provoca a descontinuidade sintática da frase “um dos melhores e um dos principais”. O comentário da professora serve também para interagir com os seus alunos: “não sei se vocês conhecem”.

Nos próximos exemplos, o parêntese também traz o(s) interlocutor(es) para perto do falante, pois este o insere no discurso, “e você falava agora mesmo...” e “como vocês todos sabem... não é?”. Nota-se, além disso, que a inserção encontra-se no fim da frase pronunciada pelas professoras, a qual, em seguida, inicia nova frase. Assim, esse tipo de parêntese encontra-se no limite entre frases. Nesse caso, a inserção não quebra a sequência, mas apenas interfere parcialmente na continuidade tópica.

22)

Inf. pequena... média ou grande... é por isso que nós nos preocupamos em situar a empresa... e você falava agora mesmo... “depende... algumas crianças atingem a adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde”...

FF

*CALLOU (1993) – Inquérito 364 NURC/RJ, linhas 314-316*

23)

Inf. se tirar o traço do indivíduo realmente se persiste aquela característica ou não... mas o teste isolado ou apenas um teste... não dá: uma (aptidão) muito segura... bom... como teste de realização... nós temos... testes de velocidade... é para ver se

FF

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 55-59*

24)

Inf. período período... da pedra lascada... como vocês todos sabem... não é?... e... tem uma duração de aproximadamente de seiscentos mil anos...seria

FF

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 04-06*

Como a presença das inserções está ligada à própria formulação discursiva e ao estabelecimento da interação entre os parceiros conversacionais, o falante a coloca, preferencialmente, no final da frase, como mostra o quadro 11, o qual exhibe que 82% das inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ e do inquérito 364 NURC/RJ e 75% do inquérito 356 NURC/RJ a parecem no fim do enunciado. Os inquéritos do NURC/SP apresentam, em 100% das ocorrências, o parêntese no final da frase.

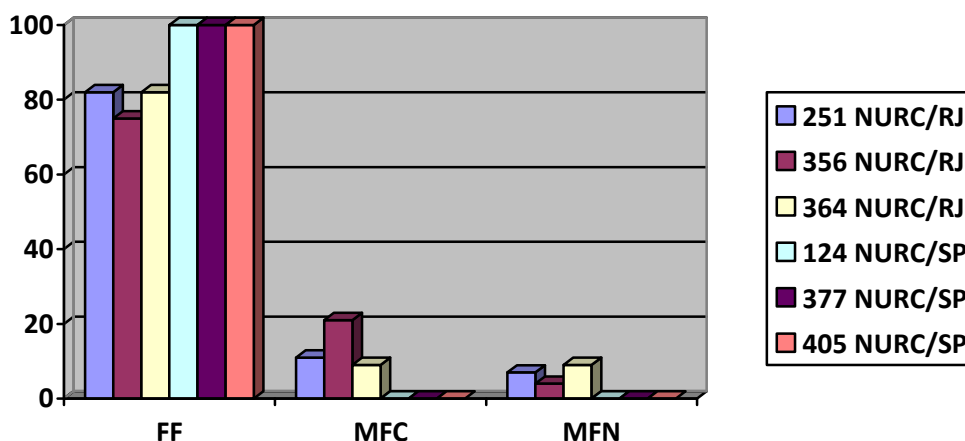
	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
FF	23	82	18	75	09	82	13	100	05	100	11	100
MFC	03	11	05	21	01	09	Ø	-	Ø	-	Ø	-
MFN	02	7	01	4	01	09	Ø	-	Ø	-	Ø	-

FF – Final de Frase.

MFC – Meio de Frase com Continuação entre as Partes.

MFN – Meio de Frase sem Continuação entre as Partes.

**Quadro 11** – Terceira Variável



**Gráfico 9** – Terceira variável nos Inquéritos NURC/RJ e NURC/SP

#### 2.4 QUARTA VARIÁVEL: ELEMENTO A QUE SE VOLT A INSERÇÃO

Em relação ao elemento a que as inserções parentéticas estão relacionadas e para o qual se voltam, observamos que há: a) parênteses relacionados à elaboração e ao desenvolvimento do tópico; b) parênteses com foco no falante; c) parênteses com foco no ouvinte; e d) parênteses com foco no discurso e ato comunicativo.

Observou-se que, além dos parênteses, o parêntese pode voltar-se, simultaneamente, a mais de um elemento da interação. Assim, há inserções com foco no tópico e no ouvinte, outras com foco no tópico e no falante, outras com foco no discurso e no ouvinte e outras focalizadas no tópico e no discurso.

Enfim, a inserção parentética está ligada à elaboração do discurso falado e à interação entre os participantes do ato conversacional. Esse fato confere às inserções um caráter dinâmico e faz com que elas focalizem um dos elementos citados. Além disso, alguns dos itens abaixo (*a*, *c*, *d* e *e*) apresentam, claramente, as funções dialógicas da linguagem (JAKOBSON apud LOPES, 1976, p.03).

### **a) Parêntese voltado ao tópico**

Esses parênteses apresentam grande proximidade com o tópico em andamento, porém colaboram para a sua complementação, porque esclarecem, exemplificam ou acrescentam algo ao assunto tratado. A manifestação mais frequente desse tipo de parênteses é a explicitação de termos constantes ao enunciado.

De acordo com Jubran (1999), essas inserções colocam em foco o sistema verbal em uso pelos interlocutores, exercendo, por conseguinte, uma função metalinguística, já que eles constituem enunciados que, reflexivamente, focalizam a própria linguagem. “O conceito de metalinguagem pode ser entendido, neste caso, no sentido restrito de exploração do próprio sistema de signos lingüísticos, uma vez que os parênteses fazem sempre referência ao código do discurso, estabelecendo relações entre signos” (JUBRAN, 1999, p.137).

Com relação à classificação de Lopes (1976), a função metalinguística (ênfase no código) é entendida como a função da mensagem que se dirige ao código. O ser humano utiliza a linguagem para dois fins básicos: ou para falar acerca de um *designatum* (função referencial), ou para falar acerca da própria linguagem (função metalinguística). Essa função pressupõe a existência de uma linguagem-objeto (aquela de que eu falo), cujo funcionamento ou cujo código se quer decifrar.

25)  
Inf. molécula... uma molécula grande... existem... mais de um... equivalente... ou um... ou dois... ou três... então... quando eu digo cinquenta jovens por sala... é a mesma coisa que eu falar... duas moles por litro... vamos supor que o volume [...] em litro... eu estou dizendo que [...] em que num tipo especial chamado... MOLARIDADE... mas não é só ESSE tipo de concentração que existe... existe a normalidade... que é um outro tipo de concentração que ao invés de exprimir...a  
*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 40-48*

26)  
Inf. dez anos conseguem realizar tarefas... até o nível cinco o nível seis já se torna um pouquinho difícil... com algu::mas exceções... então nós temos... que comparar essa nota bruta... com esses padrões... é  
*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 196-199*

## b) Parêntese voltado ao falante

Nesse grupo, estão as inserções parentéticas por meio das quais o falante se introduz no próprio texto, evidenciando- se a si próprio como a instância enunciativa ou o foco a partir do qual se desenvolve o tópico. Contudo, não há ruptura tópica, pois os parênteses com foco no locutor ainda permanecem ligados à significação proposicional.

27)  
Inf. no caso se nós conhecemos a molécula especificamente... se eu sei que é a molécula do H3PO4... eu sei que ela tem três hidrogênios ácidos... se é a molécula do H2SO4... eu sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se cinquenta jovens têm cem braços... uma solução dois molar... dois EME... de H3PO4 é seis normal... sem maiores complicações... nitidamente... quem quiser ver diferente é porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 57-71*

28) estou preocupado com isso ainda... simplesmente... eu quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com cargas negativas.... não sei quanto... e alguns com cargas positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora  
 Inf. CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 85-88

29) cavalos... nós vamos reconhecer veados... - - sem qualquer (em nível) conotativo aí - - ... e algumas vezes MUIto poucas... alguma figura humana...  
 Inf. CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 138-140

### c) Parêntese voltado ao ouvinte

Os parênteses com foco no ouvinte evidenciam a presença do interlocutor no texto falado, o que faz del as elementos marcadamente interacionais, os quais manifestam as rel ações de contato e de envolvimento entre os interlocutores da conversação. Além disso, esses parênteses têm função fática, pois chamam a atenção do ouvinte para o q ue está s endo d ito e buscam a sua aprovação discursiv a; estabelecendo a in teligibilidade do texto, evocam o conhecimento partilhado entre os interlocutores e testam a compreensão do ouvinte.

Esta função de linguagem, s egundo Lopes (1976), poderia s er a mais antiga função utilizada pelos seres humanos, pois ela surge não só na etapa do balbucio infantil (o choro dos bebês é em in entemente fático), mas também nas manifestações da linguagem animal.

Com efeito, a mensagem fática, ainda que contenha traços de apelo, é a menos coercitiva das condutas verbais conativas: ela exige de seus destinatários tão só uma *participação* na mesma situação social em que se encontra o destinador. Por isso se admite que o sentido predo minante da função fática é o de criar solidariedade, o de estabelecer e manter funcionand o os vínculos sociais que nos liga em grupo.

30) colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica... com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a mesma expressão... aqui é um composto... só...tá? por  
 Inf. CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 71-74

- 31) sal...dentro d'água... a gente sabe que a gente vai se dissociar né?... se eu tenho... imagine... se eu tenho  $\text{CaCl}_2$  que... no caso... seria Ca... mais dois... mais duas de Cl ( )... uma rápida análise... para essa... esta equação... essa expressão... NOS LEVA A PERCEBER O SEGUINTE... que... EU VOU TER XIS ÍONS do tipo A...tá? e vou ter... ípsilon íons do tipo B... e aqui em cima as valências deles... vai depender lá da sua correspondência... é claro [...]  
seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais  
CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 76-96
- 32) aquele teste que vocês fizeram... com aquela (outra) professora... (se lembram?)... o teste (tal)... então ela mediu a (realização do momento)... certo? ao MESmo  
CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 377 NURC/SP, linhas 14-16
- 33) Inf. vocês não viram então um texto que eu analisei... de Benjamin Whorf sobre os *hopi* - - quem estava aqui? ((vozes)) então quem me diz alguma coisa vamos ajudar os colegas - - ...qual é a diferença entre a forma de pensar dos *hoppi* e a forma de pensar dos  
CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 05-09

#### d) Parêntese voltado ao discurso

Quando a mensagem se dirige, primor dialmente, ao contexto, diz-se que ela es tá em *função referencial*. A maior parte das frases que se pronunciam numa conversação é usada para transmitir um significado.

Os parênteses desta modalidade coloc am em foco o ato comunicativo em si, pois remetem ao própr io processo enunciativo, à construção do discurso: o locutor anuncia o que vai dizer, ou retoma o que já foi dito.

- 34) Inf. positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora entrar na parte que nos interessa... já vimos constante de hidrólise... constante iônica... tudo isso... mesma coisa... agora vamos tentar mostrar... mais uma delas...  
imaginemos uma constante disassociação desses sais... vocês escreveriam que a constante... de disassociação  $K_b$  - não existe isso não... estou só... colocando - ...  $K_b$  seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais  
CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 88-96

35)

Inf.

sudeste da Espanha... com vários... cavernas...vários vestígios da arte pré-histórica paleolítica... - - nos slides na próxima aula nos vamos ver Basicamente Altamira e [...] - - ... BEM... então vamos tentar reconstruir a maneira de vida desse Povo para depois

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 51-55*

Além disso, os parênteses colocam também em primeiro plano a própria intencionalidade. Essas inserções focalizam dados variados: ruídos, negociações de turnos, entre outros.

Salientam-se que as inserções e entradas no ato discursivo em si relacionam-se igualmente com os outros elementos do discurso: o tópico, o falante, o ouvinte e o contexto. Enfim, os parênteses constituem o processo de desativação e têm a função de completar o tópico em andamento sem introduzir um novo, apenas inserindo uma informação a mais no texto.

#### e) Parêntese voltado ao tópico e ao discurso

No exemplo a seguir, o professor explica, concomitantemente, uma teoria ligada à temperatura, que é o tópico discursivo em andamento, e busca dissuadir os alunos de interrompê-lo. Ele faz isso porque não quer perder a linha de raciocínio. O parêntese voltado ao tópico e ao discurso enquadra-se na função conativa, pois esta é a função dos enunciados de natureza *volitiva* ou *coercitiva*, que visam influenciar o comportamento do destinatário da mensagem.

36)

Inf.

depende da temperatura... mas a temperatura muda... todos nós sabemos que qualquer constante... mas qualquer constante em equilíbrio... é função de temperatura... então... isso já vem para cá... ó... não precisa separar nem dizer pra ninguém...se na água é um caso como outro qualquer... continuemos a jogada que eu quero chegar lá... – então... se [...] apresentados... ah... não com uma constante em

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 276-182*

#### f) Parêntese voltado ao tópico e ao falante

O parêntese pode focalizar tanto o tópico quanto o falante simultaneamente. É o que acontece no exemplo que segue, no qual o locutor cessa

temporariamente o texto conver sacional para comentar algo, salientando a si e ao tópico em curso.

- 37)  
Inf. quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com cargas negativas.... não sei quanto... e alguns com cargas

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 86-87*

- 38)  
Inf. que é sempre superior ao primeiro... hipótese de trabalho que eu acho um pouco infantil... o fato... dos japoneses e chineses... estarem sempre sentados ou ajoelhados e verem as pessoas numa certa perspectiva... não não funciona isso isto é muito... uma hipótese derivada... de uma psicologia de um reforço de situações que eu acho que não explica toda a questão... mas em suma... o que é fundamental é o seguinte as noções de espaço e de tempo as noções

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 109-117*

O excerto (38) apresenta, seguidamente, duas inserções parentéticas voltadas ao falante e ao tópico. O MC “eu acho” é responsável por isso, sem ele a inserção estaria voltada apenas ao tópico. Além disso, esse marcador introduz a opinião de quem fala.

### **g) Parêntese voltado ao tópico e ao ouvinte**

Observou-se que, em alguns inquéritos do Rio de Janeiro, há parênteses voltados para o tópico e para o ouvinte. No excerto seguinte, o falante interrompe, brevemente, o enunciado para comentar algo, “faz de conta” e “só de brincadeira”, e para interagir mais ativamente com o ouvinte, solicitando a participação ou concordância deste, “tá?”.

- 39)  
Inf. pra vocês... aqui dentro tem uma solução de cloreto de prata... e digo pra vocês... que... o produto de solubilidade do cloreto de prata... faz de conta... tá? – só de brincadeira... aqui -... é sete... e eu digo que lá dentro eu

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 207-210*

40)  
Inf.

vital... do homem pré-histórico de... se conservar vivo... vocês:: se lembram que naquele primeiro texto que nós vimos aqui a respeito do estilo... há::... havia... três ou quatro citações que faziam referência exatamente a isso que estilo mudava... com... a mudança... de vida... e que o estilo e que a arte sem vão refletir uma determinada ma-NEI-ra de considerar o mundo e a natureza... ora a maneira do homem pré-histórico era... Basicamente eu

*CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 405 NURC/SP, linhas 102-110*

### **h) Parêntese voltado ao discurso e ao ouvinte**

Cinco inserções parentéticas do inquérito 251 NURC/RJ, 18%, focalizam-se, de maneira concomitante, ao discurso e ao ouvinte. O trecho que segue mostra isso: o locutor interrompe o texto conversacional para atrair o ouvinte para a interação e, ao fazer isso, retoma o seu discurso no parêntese, garantindo-se, assim, a interação entre os interlocutores.

41)  
Inf.

PRECIPITAVA... se eu misturar três e quatro e o produto... for nove... quanto ele precipita? pensa um pouquinho... se a gente não sabe... eu digo... bom... vai ter que sair alguma coisa... não vai? Não vai ter que sair alguma coisa?

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 243-246*

### **i) Parêntese voltado ao falante e ao ouvinte**

Algumas inserções voltam-se tanto para o falante quanto para o ouvinte, aumentando, assim, o grau de intersubjetividade <sup>7</sup>. É o caso do próximo exemplo, em que o informante chama a atenção dos seus interlocutores, focalizando-os e a si em seu texto.

42)  
Inf.

é isso que eu vou [...] ... isso com um pouquinho de paciência a gente chega lá... a idéia básica é a seguinte... nada vai ser diferente... nada vai ser realmente diferente em cima desse troço que nós estudamos... tentei chamar a atenção ontem... eu tentei chamar a atenção de vocês...para este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente feliz... pra que vocês me entendessem de uma maneira...

*CALLOU (1993) – Inquérito 251 NURC/RJ, linhas 05-13*

<sup>7</sup> Segundo Braz (2006, p.41): “as marcas de subjetividade e intersubjetividade são representadas por meio de verbos e pronomes nas primeira e segunda pessoas, tanto no singular quanto no plural, e também por meio de marcadores conversacionais”.

- 43) de concreto... e... vez em quando... vocês  
 Inf. percebem que eu sou um indivíduo de outra  
geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas  
 enfim isso também é um:... é um exemplo bastante  
 antigo é de Franz Boas não é?... digamos mil  
 CASTILHO; PRETI (1987) – Inquérito 124 NURC/SP, linhas 269-273

Enfim, os segmentos parentéticos, como observado, focalizam um ou mais elementos do discurso. Dos parênteses analisados, a maioria está voltada para o tópico: 33% do inquérito 251 NURC/RJ, 71% do inquérito 356 NURC/RJ, 55% do inquérito 364 NURC/RJ, 30% do inquérito 124 NURC/SP, 40% do inquérito 377 NURC/SP e 28% do inquérito 405 NURC/SP apresentam a inserção voltada ao tópico conversacional. Isso se deve ao fato de o parêntese voltado ao tópico ter função contextualizadora e explicitadora.

Salienta-se que os inquéritos de São Paulo e o inquérito 356 NURC/RJ não apresentaram nenhuma ocorrência de inserções parentéticas voltadas ao tópico e ao discurso. As variáveis D/O e F/O apresentaram, em geral, poucas ocorrências, o que se deve, provavelmente, ao fato de o locutor preferir, em muitos momentos, focalizar apenas um desses elementos.

Além disso, a relação estabelecida entre os parênteses voltados ao tópico e aqueles voltados ao ouvinte dá à interação grau maior de intersubjetividade, por isso, no inquérito 251 NURC/RJ, 124 NURC/SP e 377 NURC/SP, a inserção voltada ao ouvinte aparece em segundo lugar.

O Quadro 12 e os Gráficos 10 e 11 sintetizam os casos da quarta variável no material examinado.

	251 NURC/RJ		356 NURC/RJ		364 NURC/RJ		124 NURC/SP		377 NURC/SP		405 NURC/SP	
	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%	N	%
T	09	32	17	71	06	55	04	30	02	40	03	28
F	Ø	-	01	04	Ø	-	Ø	-	Ø	-	01	09
O	05	18	01	04	Ø	-	04	30	02	40	02	18
D	03	11	Ø	-	02	18	Ø	-	Ø	-	01	09
T/D	01	03	Ø	-	02	18	Ø	-	Ø	-	Ø	-
T/F	01	03	04	17	Ø	-	03	24	01	20	02	18
T/O	04	14	01	04	01	09	01	08	Ø	-	02	18
D/O	05	18	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-	Ø	-
F/O	01	03	Ø	-	Ø	-	01	08	Ø	-	Ø	-

T – Tópico.

F – Falante.

O – Ouvinte.

D – Discurso.

T/O – Tópico e Ouvinte.

T/F – Tópico e Falante.

D/O – Discurso e Ouvinte.

T/D – Tópico e Discurso.

F/O – Falante e Ouvinte.

**Quadro 12 – Quarta Variável**

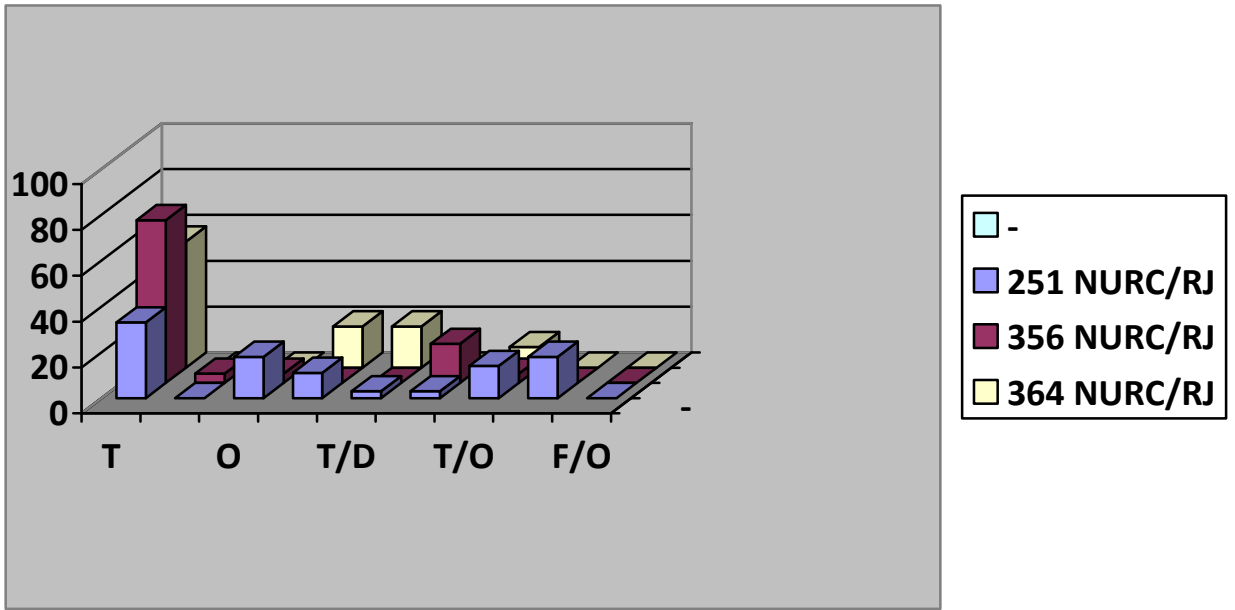


Gráfico 10 – Quarta variável nos Inquéritos NURC/RJ

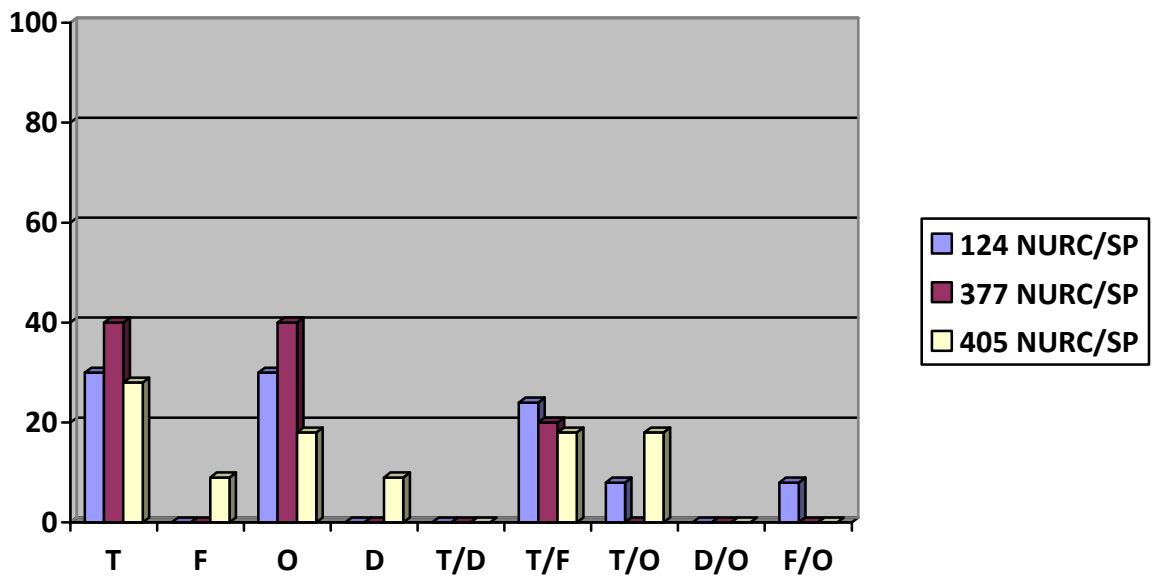


Gráfico 11 – Quarta variável nos Inquéritos NURC/SP

## CONCLUSÃO

As inserções parentéticas são descontinuidades na progressão temática do tópico em andamento, mas não chegam a representar um elemento perturbador, que rompe o fluxo discursivo. Na verdade, esses segmentos não constituem mais que desvios breves e momentâneos em relação ao tópico, pois têm por função mais frequente completá-lo ou esclarecê-lo. Com efeito, os *parênteses* têm um papel relevante na construção do texto falado e no estabelecimento das relações interpessoais, pois se voltam para a elaboração tópica do texto, para os interactantes ou para o ato comunicativo em si, colaborando, assim, para a intercompreensão do texto conversacional.

Os parênteses estão, pois, ligados à própria formulação discursiva e, do mesmo modo, exercem uma função no plano interacional, na medida em que estão ligadas à própria construção do tópico discursivo, às relações entre os interlocutores e à própria formulação discursiva. Por tudo isso, admite-se que a configuração e a função das estruturas parentéticas decorrem, diretamente, das próprias circunstâncias da enunciação.

Observou-se, durante a realização da análise, a existência de parênteses voltados a mais de um elemento da interação, isto é, focalizada simultaneamente no tópico e no ouvinte, no discurso e no falante e focalizada, de modo concomitante também, no discurso e no ouvinte e no falante e no ouvinte. Contudo, esse tipo de parênteses não figura como o mais comum, o qual é aquele voltado para o tópico e o segundo mais recorrente é o que focaliza o ouvinte.

As inserções parentéticas dos inquéritos analisados, tanto como do Rio de Janeiro quanto de São Paulo, presentes neste trabalho, apareceram em alguns casos com menor frequência, em outros, maior. As quatro variáveis tiveram uma diferença mínima no resultado como se observou nas tabelas e gráficos, contudo, somente em relação aos marcadores conversacionais (segunda variável) e aos parênteses presentes no final da frase (terceira variável) resultaram numa diferença grande entre eles, pois, diferentemente de NURC/RJ, NURC/SP não apresentou nenhuma ocorrência de MCs no meio da frase, tendo-os apenas no final delas. Além disso, os inquéritos de São Paulo pouco apresentaram marcadores

figurando a inserção parentética. Já os inquiridos do Rio apresentam de maneira equilibrada a existência ou não desse tipo de marcador.

Como a delimitação do presente trabalho foi focada somente no estudo de inserção parentética, há dúvidas, por exemplo, de qual o efeito resultante das posições dos parênteses (meio e fim). A pesquisa apresentou que o objetivo é sempre o mesmo, porém as inserções figuram-se, predominantemente, no final porque o falante não quer prejudicar a estruturação do enunciado. Também se pode admitir que a colocação dos parênteses no final do enunciado constitui uma forma de assegurar a manutenção do turno.

Acredita-se que os objetivos traçados tenham sido atingidos, de maneira que foi possível fazer o levantamento e a classificação das inserções parentéticas em aulas para o ensino médio e superior, classificar as ocorrências quanto ao elemento discursivo a que elas se voltam e também verificar a presença de marcadores conversacionais nas inserções parentéticas.

Em relação à hipótese apresentada no início da pesquisa, foi confirmada por realmente mostrar que os parênteses têm alta recorrência em textos falados, mesmo em se tratando de textos de elocuições formais, como foi o caso da pesquisa em questão. Com efeito, como foi dito no decorrer deste trabalho, os parênteses apresentam feições variadas e exercem funções diferenciadas, como estabelecer a inteligibilidade do texto, evocar conhecimento partilhado do tópico, testar a compreensão do interlocutor, principalmente na relação de professor e aluno, estabelecer condições para a realização ou prosseguimento do ato comunicativo, negociar turnos, entre outras. Os segmentos parentéticos, sobretudo, exerceram funções variadas no processo interacional como mostrado no decorrer desta pesquisa.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. L. da C. V. de O. A digressão como estratégia discursiva na produção de textos orais e escritos. In: PRETI, D. (Org.). **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000, p.99-128.

BARROS, D. L. P. Procedimentos de reformulação: a correção. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993, p.129-156.

BIBER, D. **Variation across speech and writing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

BROWN, G.; YULE, G. **Discourse analysis**. Cambridge: Cambridge University Press, 1983.

CALLOU, D. (Org.) **A linguagem falada culta na cidade do Rio de Janeiro: materiais para seu estudo**. Vol. I: Elocuções formais. Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

CASTILHO, A. T. Para o estudo das unidades discursivas no português falado culto no Brasil. In: CASTILHO, A. T. (Org.). **Português falado culto no Brasil**. Campinas: UNICAMP, 1989, p.249-279.

\_\_\_\_\_. **A língua falada no ensino de português**. São Paulo: Contexto, 1998.

CASTILHO, A. T. de; PRETI, D. **A linguagem falada culta na cidade de São Paulo**. v.I – Elocuções Formais. São Paulo: T. A. Queiroz/FAPESP, 1987 – CD-ROM.

CAMPOS, G. L. A. de S. A língua falada: características gerais. In: IGNÁCIO, S. E. **Estudos gramaticais**: publicação do curso de pós-graduação em lingüística e língua portuguesa. Araraquara: UNESP, ano III, nº1, 1989, p.202-216.

FÁVERO, L. L. O tópico discursivo. In: PRETI, D. (Org.). **Análise de textos orais**. 2.ed. São Paulo: Humanitas, 1995, p.33-54.

\_\_\_\_\_; ANDRADE, M. L. V. C. O.; AQUINO, Z. G. **Oralidade e escrita: perspectivas para o ensino da língua materna**. São Paulo: Cortez, 2000.

GALEMBECK, P. T. Metodologia de pesquisa em português falado. In: RODRIGUES, A. C. S. *et al* (Orgs.). **I Seminário de Filologia e Língua Portuguesa**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 1999, p.109-119.

\_\_\_\_\_.; CARVALHO, K. A. Os marcadores conversacionais na fala culta de São Paulo (projeto NURC/SP). In: **Intercâmbio**, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, PUC/SP, v.VI, 1997, p.830-850.

HILGERT, J. G. Procedimentos de reformulação: a paráfrase. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1993, p.103-128.

\_\_\_\_\_. A construção do texto “falado” por escrito na Internet. In: PRETI, D. (Org.) **Fala e escrita em questão**. São Paulo: Humanitas/ FFLCH/ USP, 2000, p.17-55.

JUBRAN, C. C. A. S. Para uma descrição textual-interativa das funções de parentetização. **Alfa**. 37: 1-16, 1994.

\_\_\_\_\_. Inserção: um fenômeno de descontinuidade na organização tópica. In: CASTILHO, A. de (Org.). **Gramática do português falado**. V.III: As abordagens. São Paulo: Humanitas, 1995.

\_\_\_\_\_. Parênteses: propriedades identificadoras. CASTILHO, A. T.; BASÍLIO, M. (Orgs.) **Gramática do português falado**. IV – Estudos Descritivos. Campinas: FAPESP, Ed. da UNICAMP, 1996, p.339-354.

\_\_\_\_\_. Estratégias de construção textual: parentetização. In: NEVES, M. H. M. (Org.) **Gramática do português falado**. V.VII. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1999, p.219-254.

KOCH, I. G. V.; VILELA, M. **Gramática da língua portuguesa**. Coimbra: Almedina, 2001.

LOPES, E. **Fundamentos da linguística contemporânea**. 5.ed. São Paulo: Cultrix, 1976.

MAMUS, P. T. **Inserções**: contribuições argumentativas em um discurso oral. Disponível em: [http://www.faculdadedondomenico.edu.br/revista/artigos\\_ed1/insercoes\\_ed1.pdf](http://www.faculdadedondomenico.edu.br/revista/artigos_ed1/insercoes_ed1.pdf). Acesso: 27/07/2009.

MARCUSCHI, L. A. **Análise da conversação**. São Paulo: Ática, 1986.

RODRIGUES, A. C. S. Língua falada e língua escrita. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 1995, p.13-32.

SAUSSURE, F. **Curso de lingüística geral**. 10.ed. (Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes, Izidoro Blikstein). São Paulo: Cultrix, 1985.

SILVA, L. A. Monitoramento na conversação: a interferência do ouvinte. In: DIAS, A. R. F. et. al. (org.). **Dino Preti e seus temas: oralidade, literatura, mídia e ensino**. São Paulo: Cortez, 2001, p. 128-154.

STORTO, L. J. **Língua falada e processos de monitoramento em comunicadores instantâneos: a interação no Messenger**. Monografia (Pós-Graduação em Língua Portuguesa) – Universidade Estadual de Londrina. Londrina, Pr., 2009.

TRIVIÑOS, N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.

URBANO, H. A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, D. (Org.) **O discurso oral culto**. 3.ed. São Paulo: Humanitas, 2005, p.115-139.

\_\_\_\_\_. Marcadores conversacionais. In: PRETI, D. (Org.) **Análise de textos orais**. São Paulo: Humanitas, 1995, p.81-102.

## **ANEXOS**

## ANEXO A – NORMAS PARA TRANSCRIÇÃO:

OCORRÊNCIAS	SINAIS	EXEMPLIFICAÇÃO
Incompreensão de palavras ou segmentos	( )	do nível de renda... ( ) nível de renda nominal...
Hipótese do que se ouviu	(hipótese)	(estou) meio preocupado (com o gravador)
Truncamento (havendo homografia, usa-se acento indicativo da tônica e/ou timbre)	/	e comé/ e reinicia
Entoação enfática	maiúscula	porque as pessoas reTÊM moeda
Prolongamento de vogal e consoante (como s, r)	:: podendo aumentar para ::: ou mais	ao emprestarem os... éh::: ...o dinheiro
Silabação	-	por motivo tran-sa-ção
Interrogação	?	eo Banco... Central... certo?
Qualquer pausa	...	são três motivos... ou três razões... que fazem com que se retenha moeda... existe uma... retenção
Comentários descritivos do transcritor	((minúsculas))	((tossiu))
Comentários que quebram a seqüência temática da exposição; desvio temático	-- --	... a demanda de moeda -- vamos dar essa notação -- demanda de moeda por motivo
Superposição, simultaneidade de vozes	{ ligando as linhas	A. na { casa da sua irmã B. sexta-feira? A. fizeram { lá... B. cozinham lá?
Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto. Não no seu início, por exemplo.	(...)	(...) nós vimos que existem...
Citações literais ou leituras de textos, durante a gravação	" "	Pedro Lima... ah escreve na ocasião... "O cinema falado em língua estrangeira não precisa de nenhuma baRREIra entre nós"...

### Observações:

1. Iniciais maiúsculas: só para nomes próprios ou para siglas (USP).
2. Fáticos: *ah, éh, eh, ahn, ehn, uhn, tá* (não por *está: tá? você está brava?*).
3. Nomes de obras ou nomes comuns estrangeiros são grifados.
4. Números: por extenso.
5. Não se indica o ponto de exclamação (frase exclamativa).
6. Não se anota o *cadenciamento da frase*.
7. Podem-se combinar sinais. Por exemplo: *oh:::...* (*alongamento e pausa*).
8. Não se utilizam sinais de *pausa*, típicos da língua escrita, como ponto-e-vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de *pausa*, conforme referido na *Introdução*.

1

**PROJETO NURC/ RJ**  
**INQUÉRITO 251 - BOBINA 81 - INF 302**  
*Tipo de entrevista:* elocução formal (EF)  
*Duração:* 40 minutos  
*Data do registro:* 2/10/74  
*Tema:* Aula de química para o terceiro científico  
*Informante:* sexo masculino, 31 anos, professor, formação em Engenharia Química, área residencial: Zonas Norte e Sul.

- 1 Inf. ... mais um tipo de equilíbrio... pra terminar... pra terminar por completo... então a nossa... estudo de cinética química... vocês imaginem se nós tivémos...
- AL. que produtos foram utilizados?
- 5 Inf. é isso que eu vou ( )... isso com um pouquinho de paciência a gente chega lá... a idéia básica é a seguinte... nada vai ser diferente... nada vai ser realmente diferente em cima desse troço que nós estudamos... tentei chamar a atenção ontem... eu tentei chamar a atenção de vocês... para este tipo de equação aqui... e eu não sei se fui suficientemente feliz... tá? não sei se fui suficientemente TOTAL... inclusive extrapolando pra outras matérias... a PROFUNDIDADE deste troço... bom... na hora em que vocês conseguirem sacar a profundidade deste troço... até que ponto a gente é capaz... de apenas com uma simples equação... demonstrativa de um fenômeno COMO ELE SE PASSA AQUI... pra DEPOIS... a gente em qualquer caso particular... chegar a ele... eu vou dar apenas um último exemplo fora... eu acho que vale a pena a gente encher o saco com esse troço... e... eu quero apenas lembrar que... que mesmo que se trate de um caso particular... não é essa a intenção... tá? a intenção não é... trazer um caso particular... a intenção... é mostrar uma coisa que aconteceu .. um troço que já aconteceu... e que é questão de se fazer perguntar... e

	LOCUTOR 1				LOCUTOR 2			
X. Governamento de línguas estrangeiras								
8. 1. Grau de utilização de línguas estrangeiras								
9. Profissão								
10. Outras atividades								
11. Estado civil								
12. Nível socio-cultural								
13. Naturalidade do pai								
13. 1. Naturalidade da mãe								
13. 2. Naturalidade do cônjuge								
14. Ocupação do pai								
14. 1. Ocupação da mãe								
14. 2. Ocupação do cônjuge								
15. Filhos (sexo, idade)								
IV. 1. Grau de intimidade entre os sujeitos	<input type="checkbox"/> GRANDE	<input type="checkbox"/> MÉDIO	<input type="checkbox"/> ESCASSO	<input type="checkbox"/> NULO	<input type="checkbox"/> GRANDE	<input type="checkbox"/> MÉDIO	<input type="checkbox"/> ESCASSO	<input type="checkbox"/> NULO
2. Grau de intuição e documentações	<input type="checkbox"/> GRANDE	<input type="checkbox"/> MÉDIO	<input type="checkbox"/> ESCASSO	<input type="checkbox"/> NULO	<input type="checkbox"/> GRANDE	<input type="checkbox"/> MÉDIO	<input type="checkbox"/> ESCASSO	<input type="checkbox"/> NULO

- 30 olha gente que... eu quero chamar a atenção para um troço... que já está na hora da gente... começar a fazer essas perguntas... ( ) vocês... vamos ver se há ou não correlação com isto que vou falar... eu tinha dito... se eu colocar cinquenta jovens numa sala... não é? Imaginem... eu tou botando dois... vocês imaginem cinquenta... eu posso perguntar por exemplo a seguinte coisa pra vocês... quantos narizes existem?
- 35 AL. cinquenta...  
Inf. cinquenta... quantas orelhas?  
AL1. cinquenta...  
AL2. [
- 40 Inf. quer dizer... não é mais a hora... agora... certo... que a gente não saiba... que num mol... ou seja... numa molécula... uma molécula grande... existem... mais de um... equivalente... ou um... ou dois... ou três... então... quando eu digo cinquenta jovens por sala... é a mesma coisa que eu falar... duas moles por litro... vamos supor que o volume ( ) em litro... eu estou dizendo que ( ) duas moles por
- 45 litro... significa... uma ( ) em que num tipo especial chamado... MOLARIDADE... mas não é só ESSE tipo de concentração que existe... existe a normalidade... que é um outro tipo de concentração que ao invés de exprimir... a concentração em MOLES... exprime em equivalente... como podia ser em abóbora... banana e abacate... se...
- 50 laranja... abóbora e abacate... FOSSEM... conceitos químicos... então... se vocês são capazes de... conhecendo os jovens... saber quantos braços ele tem... sei lá se tem dois... quantas pernas... ele podia ser perna ((risos))... ( ) então pode variar o número de braços por pessoa... ou de pernas... mas se você conhece a pessoa especificamente... no caso se nós conhecemos a molécula especificamente... se eu sei que é a molécula do  $H_3PO_4$ ... eu sei que ela tem três hidrogênios ácidos... se é a molécula do  $H_2SO_4$ ... eu sei que ela tem dois... hidrogênios ácidos... então eu sei

- 60 que essa molécula aqui... tem três equivalentes... por cada mol... essa aqui tem apenas dois equivalentes... então... se cinquenta jovens têm eem braços... uma solução dois molar... dois em... de  $H_3PO_4$  é seis normal... sem maiores complicações... nitidamente... quem quiser ver diferente é porque não está querendo enxergar... mas não é de maldade não... eu quero mostrar o contrário... a gente não enxerga por bloqueio... e esse bloqueio é que tem que acabar... não há diferença entre jovens e molécula... mesma coisa... só que não vai pra escola... mais nada... bom... então... vou tentar mostrar de novo... porque esse troço que eu estou colocando aqui... olha... primeiro a expressão gráfica... com a qual a gente muda a cinética química... vai ser a mesma expressão... aqui é um composto... só... tá? por exemplo... eu estou ( ) na hora em que eu coloco esse
- 70 sal... dentro d'água... a gente sabe que a gente vai se dissociar né?... se eu tenho... imagine... se eu tenho  $CaCl_2$  que... no caso... seria Ca... mais dois... mais duas de Cl ( )... uma rápida análise... para essa... esta equação... essa expressão... NOS LEVA A PERCEBER O SEGUINTE... que... EU VOU TER XIS ÍONS do tipo A... tá? e vou ter... ípsilon ions do tipo B... e aqui em cima as valências deles... vai depender lá da sua correspondência... é claro que inclusive serão funções de xis e ípsilon... mas não estou preocupado com isso ainda... simplesmente... eu quero dizer que eu tenho... eu teria alguma coisa com
- 80 cargas negativas... não sei quanto... e alguns com cargas positivas... não interessa quanto... bom... vamos agora entrar na parte que nos interessa... já vimos constante de hidrólise... constante iônica... tudo isso... mesma coisa... agora vamos tentar mostrar... mais uma delas... imaginemos uma constante de disassociação desses sais... vocês escreveriam que a constante... de disassociação  $K_b$  — não existe isso não... estou só... colocando — ...  $K_b$  seria algo do tipo... concentração de A menos elevado a xis... não é isso? mais... vezes concentração de B mais
- 85
- 90
- 95

100 elevado a ípsilon... dividindo pela... concentração de A xis B ípsilon... suponhamos agora... que este sal seja... muito pouco solúvel... mas seja... praticamente... nada dele se dissolve... você pega cloreto de prata... por exemplo... jogar dentro d'água... pum... direto... você até pensa... se você pesar... que nenhuma molequinha... nenhum ion... ionzinho de cloro... de sódio ou de prata estão livres na solução... estão... estão sempre... por mínimo que seja até a gente se dissolve... caiu na piscina tem um pouquinho de... ( )

105 dissolvido lá dentro... eu sou muito pouco solúvel... mas tem sempre alguma... alguma solubilidade sim... então o aspecto básico é o seguinte... um sal muito pouco solúvel... a quantidade de íons que existe... vai ser extremamente pequena... certo? a prova é que ele é muito pouco solúvel... se vocês entenderam então... vão dizer... ah... quer dizer que isso está ligado à solubilidade?... claro que sim... vai ser extremamente pouco solúvel... continuando... se esse produto aqui... se isso aqui é pequenininho... se isso aqui é pequenininho... vocês concordam que isso aqui é bem pequeno... mas muito pequeno... é a tal história né?... zero vírgula um elevado ao quadrado é zero vírgula zero um que é menor que zero vírgula um... coisas pequenas quando você eleva elas ao quadrado... são menores ainda... quanto mais o produto de coisas pequenas o resultado é MENOR

110 AINDA... pipocas... se isso aqui é pequeno... agora... isso aqui... é grande ou pequeno?

AL. grande... grande... grande...  
Inf. você não está dividindo uma coisa pequena por uma coisa grande... esse número aqui não é medida... não nenhum sentido em falar... nesse número tão pequeno que ele é... então... sempre que isso acontecer... todas as vezes em que — agora observe uma coisa... observe um minutinho isso que eu quero chamar a atenção — será... que as variações aqui... vão alterar variações aqui? vai se eu fizer uma pequena variação aqui em A... vai alterar isso tudo? não... porque é tão pouquinho aqui... que você pode até dobrar

115

120

125

130

3

esse número que o dobro dele não chega a alterar isso aqui... certo? em uma tonelada que tem soja em quilo (mudamos meio quilo em uma tonelada) quer dizer... o caminhão não vai nem sentir... não vai nem mudar a velocidade porque eu aumentei um pouquinho esse troço... bom... muito bem... — (é só pra dar uma idéia) — ... toda vez então que essa constante não é muito afetada por valores extremamente grandes... tão grandes que a gente pode... considerar como constante... a gente ENGLOBAL esse número aqui... nessa constante... e passamos a usar Kapa b vezes essa concentração de A xis B ípsilon... igual a concentração de A menos elevado a xis vezes concentração de B mais elevado a ípsilon... ora... todo mundo sabe que isso aqui é uma constante... não vou ficar botando esse troço toda hora... né? então a gente dá o que chamamos de uma regra da substituição... se uma coisa é igual a outra... a gente bota a outra no lugar da outra e esquece... então... a gente pode substituir tudo isso aqui por um... uma constante K... qualquer... significando apenas agora ( )... chegou a luz... meu Deus... ele está querendo dizer pra mim... que DADO UM COMPOSTO POUCO SOLÚVEL... QUE EXISTE... UMA CONSTANTE K CONSTANTE... que é o produto dos íons que aparece naquela solução... é ou não é ca/...? acabamos concluindo isso... já que isso aqui não interfere... a gente coloca o produto dos íons... sempre constante... da mesma forma... que vocês engoliram sem eu mostrar... isso aqui... ó... H<sub>2</sub>O está dando H mais... OH menos em equilíbrio... a constante de dissociação da água... water em inglês... daria a concentração de H mais... OH menos vezes... concentração... desculpe... perdão aqui... aqui... não é nada não... concentração de H<sub>2</sub>O... MAS essa concentração de H<sub>2</sub>O é TÃO GRANDE quando comparada com esses dois... que a gente resolveu não falar em constante de (ionização) de água... você vê... não tem (termo pra isso)... tem... o quê? produto iônico... que ele pegou esse... H<sub>2</sub>O...

135

140

145

150

155

160

165

- 170 jogou aqui... e chamou esse produto de H<sub>2</sub>O de KW... então... KW passou a ser concentração de H mais vezes o H menos... que ele mediu... e deu dez a menos... catorze... ( ) Por isso é que a gente sabe que... poxa... qualquer quantidade... de água... tem sempre o quê? dez a menos catorze... por isso que não muda... será sempre dez a menos
- 175 catorze... porque isso aqui... agora é uma... constante... só depende da temperatura... mas a temperatura muda... todos nós sabemos que qualquer constante... mas qualquer constante em equilíbrio... é função da temperatura... então... isso já vem pra cá... ó... não precisa separar nem dizer pra
- 180 ninguém... se na água é um caso como outro qualquer... — continuemos a jogada que eu quero chegar lá... — então... se ( ) apresentados... ah... não com uma constante em equilíbrio... — ah... até vocês já ouviram falar isso — produto iônico da água... não é isso? pronto... aqui vocês
- 185 acabaram de ser... apresentados... a também um produto de íons... só que esse produto de íons... já que não é uma água especificamente... vai nos interessar por outro motivo... este sal... eu estou interessado na sua o quê?
- AL. solubilidade...
- 190 Inf. solubilidade... então... a gente passou a chamar este produto... de íons... tá... elevado a este expoente que vocês sabem por quê... este expoente... problema de interação entre um e outro... simplesmente a gente chama a este produto de produto TS... produto de solubilidade... nada
- 195 mais é do que concentração de íons correspondentes elevados... à atomicidade desses íons na molécula do sal... correspondente... com isso... gente... a gente percebe que esse produto de solubilidade seria uma constante... pergunto a vocês... nós sabemos... se isso aqui é
- 200 constante... o que que vai acontecer... se... na realidade... eu tiver uma solução em que esse produto é menor que TS? que que essa solução tem? vamos supor... estou mostrando aqui um... vidro... totalmente preto... digo... lá dentro... eu tenho uma solução de cloreto de prata... estou dizendo isso

- 205 pra vocês... aí... eu... vejam bem a pergunta... hein... tá? vocês não estão (entendendo) aqui dentro nada... eu só digo pra vocês... aqui dentro tem uma solução de cloreto de prata... e digo pra vocês... que... o produto de solubilidade do cloreto de prata... faz de conta... tá? — só de
- 210 brincadeira... aqui —... é sete... e eu digo que lá dentro eu tenho dois... uma concentração igual a dois de prata e uma concentração igual a três de cloro... e pergunto... lá dentro eu tenho uma ou duas fases?
- AL1. uma...
- 215 AL2. tem duas fases...
- Inf. bom... vamos ver... o que é que significa... como é que vai saber? Se perguntando... vamos se perguntar... agora... duas fases... por quê?
- AL. porque ela devia dissociar o produto sete... né? Pelo que eu sei isso é alguma coisa assim...
- 220 Inf. ao contrário... né? Tem menos do que o sete...
- AL. tem menos que sete...
- Inf. então... não alcançarei sete ainda... então... está tudo solúvel... agora... suponhamos que você colocasse por exemplo... eh... vamos... vamos (colocar uma coisa bonitinha aqui nove)... vamos imaginar que tivesse
- 225 colocado três... de prata... três de prata... e quatro... de cloro... tá? imaginem que eu coloquei três de prata e quatro de cloro... que que ia acontecer? eu ia ter uma precipitação... por quê? porque o produto tem que ser... quanto? no máximo... nove... significa que como não pode ficar mais que nove... que a constante é aquele produto lá... não pode ultrapassar aquela constante de equilíbrio... o excesso vai ter que precipitar... de tal modo que o produto seja igual... a
- 230 nove...
- 235 AL. ( )
- Inf. exatamente... fase que eu tô perguntando é que você teria lá uma solubilidade de uma fase só... você olhando... você vê um troço no chão e aqui uma solução que é uma fase só... fase e isso... fase líquida... fase sólida... duas fases...
- 240

- concorrentes... nada de ( )... bom... então só pra lembrar agora... um minutinho... só... agora... QUANTO É... QUE PRECIPITAVA... se eu misturar três e quatro e o produto... for nove... quanto ele precipita? pensa um pouquinho... se a gente não sabe... eu digo... bom... vai ter que sair alguma coisa... não vai? não vai ter que sair alguma coisa?
- 245 AL. vai...  
Inf. bom... vai sair pra cada prata KW sai quantos cloros? pra precipitar?
- 250 AL1. dois, né?  
AL2. um...h  
Inf. não é AgCl gente? Hein... não é AgCl? então... meu Deus... se eu tenho um braço só... não posso sair dois braços num cara que foi... quando eu saio... sai dois braços em vez de três... então... pra cada prata que sair de junção... sair... tem que arranjar um junto com ela um cloro pra formar outro cloreto de prata... OK? Então... eu pergunto... e o que fica vai ter que ficar com o produto igual a...
- 255 AL. nove...  
260 Inf. nove... então... eu sei que se sair X de prata... sai quanto de cloro?
- AL. X...  
Inf. X... também... quanto tinha de prata no início?
- AL. três...  
265 Inf. saiu quanto?  
AL. quatro...  
Inf. X...  
AL. X...  
Inf. certo? saiu X... quanto ficou? três menos X... se tinha três saiu ficou três menos X certo? quanto tinha de cloro?
- 270 AL. quatro...  
Inf. quanto teve de sair também?  
AL. X...  
Inf. quantos aí tem que ser igual?
- 275 AL. a nove...  
AL. o produto iônico dos dois caras... aqui é prata que ficou na

- 5  
solução... aqui o cloro que ficou na solução... tem que ser valores tais cujo o produto seja igual a?
- AL. nove...  
280 Inf. nove... então... eu coloco aqui uma variável que eu não conheço... certo? justamente porque através dela é que eu vou tirar desse cara... uma quantidade Tal que me permita ter este produto igual a nove... então pergunto... só um minutinho só... quanto de cloreto de prata ele vai precipitar?
- 285 AL. X...  
Inf. X... por quê? porque X de a... de prata com X de cloro dá X
- 290 [ de AgCl... esse X eu estou falando em número de moléculas... ]  
[ porque uma prata com um cloro faz UM AgCl... certo? certo... ]
- AL. então aqui... a... a... nossa soma é um mais um dá um...  
295 Inf. porque nós estamos falando em moléculas... uma molécula quando junta com outra ela forma uma terce/ outra molécula... tá? eu podia ter um troço diferente... um Ca com dois Cl formando CaCl2... então eu teria X de Ca com dois X de Cl dando um X de CaCl2... porque esse X que eu estou me referindo... são moléculas só que aqui é uma molécula... ( ) ion de cálcio... aqui... dois ions de... cloro... e aqui formaram uma molécula... entre aspas... muito furada de CaCl2... tá? a idéia é fundamental que eu estou querendo chamar a atenção (realmente esse)... não tentem... ch... seguir o caminho... que a gente... ch... mais lógico entre aspas do que está sendo solicitado por nós... existe um caminho... é o racional.. mais nada se você tem que o produto de duas coisas ser igual a nove... no máximo igual a nove... se você tem valores MAIORES que nove... não tente subtrair daqui não... porque existe uma LEI por trás disso... esses números aqui não têm nenhum significado...
- 300 [ ]  
305 [ ]  
310 [ ]

- EN
- 315 esse pode ser abóbora... esse pode ser... ( )... não interessa o significado de... que interessa é que se esse produto de abóbora vezes ( ) for maior do que nove... isso não pode ocorrer... certo? porque o produto de solubilidade deste composto é nove... estou supondo que seja nove... então se você botar uma quantidade de cloreto de prata maior... ou seja... que daria íons que dê um produto maior do que nove... você não vai conseguir dissolver... certo? você só vai conseguir dissolver uma quantidade tal.. cujo produto seja igual a...
- AL1. nove...
- AL2. mas não vai dissolver ( )
- 325 Inf. hein?
- AL. não vai dissolver ( )
- Inf. vai dissolver uma parte cujo o produto é nove... e o resto fica no fundo... não dissolvido...
- AL. é claro que tem uma parte ( )
- 330 Inf. sim... agora... observe o seguinte... imaginem que você tem aqui a água... neste vaso... tá? água por aqui... toda... pode ser... esta abstração matemática...
- AL. um ( ) matemática...
- Inf. arranca... pega uma pratinha... uma prata e outra... e um clorinho e joga lá dentro... vai conseguir um produto igual a nove?
- 335 AL. não...
- Inf. não... então... o que acontece... essa prata vai ter cloro... então?
- 340 AL. não...
- Inf. por isso que quando você coloca concentrações TAIS que produto não seja igual a nove... seja... quando as... os... os... produtos das concentrações são menores que o produto da solubilidade... você tem uma so-lu-ção... sal de cozinha na água... vai tacando... não tem problema... vai dissolvendo... quando chegar... a uma concentração tal que te dê uma total de trinta e seis gramas de sal por cem gramas... o que acontece? solução fica saturada e começa a

- 350 precipitar sal de cozinha... por quê? você alcançou o produto de solubilidade do sal de cozinha em água... então... está feita a correlação que você perguntou na última aula... entre solubilidade e a parte da cinética... é tudo a mesma coisa... vai ser triste... triste entre aspas... é ótimo... na hora em que a gente perceber que todas as coisas... mas também seria possível de perceber isso antes de conhecer as coisas... que todas as coisas são uma só... tá? não existe nenhuma diferença... em nenhum fenômeno... tá ( ) não existe nenhuma diferença nenhuma... nenhuma... sempre existe uma força motriz... sempre existe uma resistência a essa força e... aí... aparece um fluxo... isso é geral... geral... veja ( ) existe delta T de um fluxo de temperatura... existe um... uma diferença de concentração... existe uma permeabilidade também numa ( ) e sempre... sempre que você tiver uma diferença... existe uma diferença de altura... existe uma água caindo... através de uma resistência... sempre que você tiver uma diferença de potencial... qualquer... diferença de força motriz... sempre essa força vai atuar em cima de uma resistência... porque senão não tem nem sentido... essa força... como é que pode... atuar... uma força atual em cima de algo que não existe... tá? e aquela velha história... pega um tijolo... bota um barbante no tijolo... faz um elefante puxar... e faz um pintinho puxar... a tensão... aqui...
- 360 independente do... do elefante e do pintinho é só função do ( ) do tijolo... ninguém pode fazer mais força do que a resistência... que existe no troço... então... se uma força não tem resistência... não tem força... nenhuma... então... pra que existem as leis da natureza... em todas elas... existe uma força... existe uma RESISTÊNCIA... e aí ocorre um fenômeno... geralmente um fenômeno de fluxo... sempre... um órbita ( )... um troço qualquer... sempre uma diferença de potencial que aceita um meio oferecendo uma resistência... por menor que seja essa resistência então... bem... voltando ao... ao nosso aspecto... vamos ver se vocês
- 365
- 370
- 375
- 380
- 385

390 conseguiram entender esse troço... o que eu quero dizer é que enquanto você vai colocando íons... tá... em determinado produto... reparem que vocês... deviam estar grillados em alguma coisa aqui... você diz o... " ( ) Paulo... tem um negócio aí que eu não consegui entender"... talvez fosse uma pergunta interessante... pipocas... se X é igual... porque... X não pode ser diferente de X? a quantidade de prata vai ser diferente da quantidade de cloro... né? troço esquisito... e é exatamente isso... isso que vocês estão vendo aqui é o que nós chamaríamos de... efeito... do íon... (comum)... olhe... Eduardo... pera aí... tá legal... isso aí eu... sei até que eu... não sei o que é... mas... você vai explicar o que eu entendi... mas... então... antes de você acabar com esse troço... ensinou um troço que eu não entendi... esta noção tá dando choque... "se tem mais carga negativa do que positiva tá dando choque"... eu digo... não... o que pode estar acontecendo é que fatalmente vai... ou... ao... ao acontecer isso existem outros índices nessa solução... e eu só estou preocupado... tá? com esses dois... 405 é claro que existe alguma coisa pra compensar o Cl... menos... um H mais... certo? ou um outro íon qualquer pra compensar... claro que solução que não pode dar choque... mas como estou preocupado apenas com um produto de solubilidade do AgCl... eu me esqueço dos outros todos... e 410 estou preocupado apenas com a concentração deles... alguém não entendeu essa passagem? bom... continuando... por isso que eu vou mostrar algo pra vocês... imaginem que vocês têm uma solução de CaCl<sub>2</sub>... CaCl<sub>2</sub>... totalmente dissolvido na água... aí... você vai ( ) tá linda... 415 bonitinha... jóia... aí você começa a colocar ali dentro CaCl<sub>2</sub>... vai botando... vai botando... chega a um ponto em que você satura... está bom... chega um ponto que você satura solução... não é? dali em diante... se você botar mais CaCl<sub>2</sub> que vai acontecer? vai precipitar... eu vou tentar mostrar agora um troço interessante... por que que 420 precipitou... hein? porque... a concentração daquele Ca que

251

estava ali... né?... na... na... na tal saturação vezes a concentração de Cl que estava ali... alcançou o produto de solubilidade de CaCl<sub>2</sub>... dali em diante... o que você botar ali no meio não se dissolve mais... se precipita... certo... aí 425 alguém me pergunta "vem cá... por que que quando eu boto água... dissolve ( )?"... digo "muito simples... quando você... bota água... você diminui a concentração desses caras... baixa o índice de solubilidade... dissolve 430 novamente... agora... vamos imaginar que eu estou botando água... —só fiz esse preâmbulo-zinho pra vocês... perceberem porque acontece... esse fenômeno... ]

AL. vem cá... ( ) Paulo... 435 e se eu puser outra substância... por exemplo... ( ) Inf. se você botar outra substância... que tiver um ÍON COMUM... acontece... se não tiver um íon comum... se não tiver íon comum... ele não quer saber... aqui... aqui a nossa teoria é... é... baseada nessa... nessa afirmativa... 440 agora... SE... EU COLOCAR uma outra substância que tiver cálcio ou uma outra substância que tiver CLORO... aí eu vou pra precipitar o cloreto de cálcio... se eu botar... por exemplo... HCl... aí dentro eu não estou botando cálcio... tou?... mas estou botando Cl menos... então... ao botar Cl... 445 eu estou aumentando esta concentração... e o produto... portanto... vai aumentar... claro... toda vez que tiver dois números multiplicados um pelo outro... se você aumentar um deles... o produto aumenta... isso... é... é... regra de produto... inexorável... certo? bom... de qualquer forma... 450 (eu queria mostrar o seguinte)... haveria constância... esse aspecto aqui é o mais importante de todos... se você colocar um íon comum... você vai modificar a... as... condições de solução... então... vocês reparem que produto de solubilidade tem um conceitinho a mais... tá? e o produto dos dois é que é constante... como vocês já deviam 455 esperar... porque vocês entre outras... são doutores em PH... e vocês sabem... que em qualquer situação este produto é

- igual a quanto?... com a substância pura... vê se você saca o negócio... tá? o nove... foi medido com a substância para... dez a menos catorze...
- 460 AL. ( )  
Inf. tanto é que quando vocês sabem que este aqui é dez a menos dez... quanto é esse de cá?
- AL. ( )  
Inf. mostrando que eles podem ter concentrações diferentes... porém o produto é o... mesmo... LÁ TAMBÉM... não é obrigado a ter a mesma quantidade de cloro e a mesma quantidade de prata... não é obrigado... pode ser diferente... mas fatalmente é que eu tô com aqui está com a mesma que ali... ó... com outra substância no meio... misturada... que não estará afetando este troço daqui...
- 470 AL. quer dizer que o produto do íon comum é que faz...  
Inf. precipitar as duas coisas...  
AL. não ( )... é isso?
- 475 Inf. não... ao contrário... igual a nove... é sempre... então... vamos repetir... igual a nove é que você tem que fixar ao contrário...
- AL. ( ) olha a gente pode pensar que... tem mais cloro do que prata...
- 480 Inf. e tem... não... pode pensar não... tem mais cloro do que prata... aqui... estando igual àquele X
- AL. ( ) tem um íon comum?
- Inf. não... não... vou repetir então... o nove é uma coisa chamada produto de solubilidade... certo? que foi medido... com a substância pura... ( ) tá... o nove foi medido com uma substância pura... mas uma vez medido... ele não muda mais... por quê? fica uma... constante... então... essa pergunta... você não faça mais a você mesma... assumo... desde o momento que nove/oitto é o que se chama produto de solubilidade daquele cara... mas... pra obter nove... tem várias maneiras de obter nove... né? eu posso ter... três vezes três dá nove... zero três vezes trinta também dá

- 254 8
- 495 nove... existem várias maneiras diferentes de ter um produto igual a nove... para ser mais claro... uma infinidade de possibilidades... então... QUANDO... um minutinho aí... quando as duas concentrações forem iguais... ou seja... quando as concentrações forem RAÍZES do produto de solubilidade... tá? Nesse caso estamos falando de um composto... puro... quer dizer... tá falando apenas de ter colocado o AgCl na água... certo?
- 500 AL. certo...  
Inf. mas quando as concentrações forem diferentes... aí é que vem a outra fase... é porque eu tenho lá dentro um outro composto que tem um íon comum.
- 505 AL. ah... então é por isso...  
Inf. certo... seria impossível eh... que você pegar prata com prata com cloro... você vai ver que vai sobrar cloro... esse cloro não pode ter vindo de um cloreto de prata... deve ter vindo de um HCl...  
510 AL. de um HCl... de um banana Cl... de um troço qualquer que tenha Cl... Então... como eu digo é que... quando você... mas você não muda... percebeu? você não muda esse número aqui... por isso... que você consegue... atenção... agora... hein... ((risos)) por isso que você consegue... o seguinte... se você tem aqui agora uma solução de CaCl<sub>2</sub>... eu posso precipitar o CaCl<sub>2</sub> sem colocar lá dentro CaCl<sub>2</sub>... certo?
- AL. certo...  
520 Inf. não basta eu passar por quê? cloro... por exemplo... ou alg que tenha cálcio... e vai precipitar o CaCl<sub>2</sub>... porque eu vou alcançar este produto aqui... NÃO BOTANDO O Ca E Cl<sub>2</sub>... mas apenas botando um íon... comum... não se dissociar...
- AL. não se dissociar...  
525 Inf. ah... aí vai ( ) o seguinte... se ela não se dissociar é porquê ELA tem um produto de solubilidade menor que esse aqui... um minutinho... psiu... supnhamos que eu tenha uma solução saturada de CaCl<sub>2</sub>... e eu joga lá dentro AgCl... que é que precipita... o CaCl<sub>2</sub> ou AgCl?

- 530 AL. CaCl<sub>2</sub>...  
 Inf. eu tenho uma solução sa-turada... tá... de AgCl...  
 AL. de AgCl? De AgCl?  
 Inf. é... saturada... desculpe... de CaCl<sub>2</sub>... saturada de CaCl<sub>2</sub>...  
 significa que eu tenho Cl<sub>2</sub> a danar... não tenho... hein?  
 535 coloco lá dentro UMA molequinha de AgCl... quem é que precipita?  
 AL. Cl... Cl...  
 Inf. quem?  
 AL1. Cl...  
 540 AL2. [ CaCl<sub>2</sub>...  
 Inf. Cl... porque o AgCl tem o produto de solubilidade muito menor que CaCl<sub>2</sub>... e como tem muito Cl... Ag não tem não... Ag... tem um agezinho só... certo?... mas todo o Cl desse cara aqui... já é suficiente pra estourar o produto de solubilidade... de modo que... aqui o Cl precipita...  
 545 mas vai... vai precipitar até quando?  
 AL. até que o... o... produto... fique... mas aqui você botou um só parou... você botou um só precipitou... já ultrapassou de muito... o produto de solubilidade... é capaz até... de ser suficiente pra também... ao menos... precipitar um pouquinho de CaCl<sub>2</sub>... certo?  
 550 (Zé Paulo)...  
 AL. fala...  
 Inf. fala...  
 555 AL. como é que você sabe que o AgCl é menor?  
 Inf. ah... sim... pois é... isso aí é um conceitozinho um pouco maior... é que nós sabemos que os cloretos... por decoreba... aquele negócio que eu falei... passear de noite... você... antes de sair com o namorado...  
 560 dar uma olhadinha... é o seguinte... os cloretos de prata... chumbo e ( ) são insolúveis... prata... chumbo e ( ) são insolúveis... todos os outros demais cloretos são solúveis... tá? agora... pergunto agora... aquilo lá não é uma cascata é muito grande? quando a gente está bem por dentro agora do

- assunto? tem sentido falar... o que o cara quer dizer com solúveis... muito solúveis... pouco solúveis? apenas um conceito relativo... porque TUDO É SOLÚVEL... Só que tem um limite... um mais alto... outro... outro mais baixo...  
 570 AgCl é considerado insolúvel porque o que fica de AgCl é tão ( ) acho que é dez a menos vinte e sete... um troço tão irrisório que... a gente não considera... entendeu qual é a jogada? então... quando se tem aquele conceito de solúvel... pouco solúvel e insolúvel... mas... não existe esse  
 575 insolúvel... isso aqui é uma colher de chá que a gente dá em termos de... de... medida... é tão pouco solúvel que você considera como se não tivesse solubilizado porque... o que tem na solução naqueles íons não vai atrapalhar ninguém... você pode comer quilos de: desse troço que não vai... a  
 580 prata não vai te perturbar... certo? Então você não tem uma concentração que te atue suficientemente... por isso a gente diz que... existem compostos solúveis... alguns pouco solúveis e outros totalmente insolúveis... esses totalmente insolúveis são totalmente insolúveis?  
 585 AL. não...  
 Inf. a prova é que quando se alcança o grau de solubilidade máxima... ele passa a ser insolúvel... então... o conceito de solubilidade é um conceito relativo... tá? um conceito político e um conceito relativo... agora... em relação a nós...  
 590 é que nós definimos o que é solubilidade... a gente aqui diz... ó... daqui até aqui é muito solúvel... daqui até aqui é pouco solúvel... daqui até ali é... insolúvel...  
 AL. mas... Zé Paulo...  
 Inf. e é preciso...  
 595 AL. mes... Zé Paulo...  
 Inf. só um minutinho só... que todo mundo fique de acordo... certo? se tiver um cara em desacordo... bagunçou o coreto... é uma de-fi-ni-ção... é uma... como uma convenção... que tal?  
 600 AL. aquele negócio que você falou que tem que ser... muito solúvel... quer dizer... a gente... às vezes não é questão da

- gente de ( )  
 Inf. não...  
 AL. nem o álcool com água... por exemplo? ele continua...  
 605 Inf. mas nós não acabamos de ver que... imagine o HCl... o NaCl... NaCl não é... você não usa um? você não usa álcool igual a um? se botar uma massa de ( ) você entrou ( )... se ele fosse sempre toda vida solúvel não tinha salina ( )... certo? tudo tem um produto de solubilidade... todas as coisas têm um produto de solubilidade... só que uns têm tão grande que você pode ( )  
 610 AL. quer dizer que a evaporação é você exprimir a concentração ( ) que evapore a...  
 Inf. é:: não é que evapore a água toda... não... põxa... vou esperar... se você fosse evaporar a água toda... o nosso sal não prestava... ia precipitar o cloreto de potássio... o cloreto de magnésio... tudo sal.. o microscópio ( ) não é o sal de cozinha... inclusive a água mãe das salinas é concentrada até a uma condição tal.. que só precipita sal NaCl... porque lá tem potássio... tem magnésio... uma pá desses caras... só interessa a concentração... que precipita o NaCl... depois nego joga fora... retira ( ) eles tiram o sal que tá precipitado e aquela água mãe nego joga fora... ainda tem sal naquela água mãe... então... a idéia básica é a seguinte...  
 625 eu queria chamar a atenção... pra um fator só... aliás... dois fatores... primeiro... lembrar a vocês que as características de pulga estão começando a aparecer...  
 AL. que pulga? pulga?  
 Inf. não... eu considero a pulga... quer dizer... é brincadeira... é claro que não se pode exacerbar... ( )... não podemos exacerbar as palavras senão a gente entra numa de... né... de horror e... não é essa a intenção... mas... por exemplo... (vamos apresentar um exemplo que deve ter algum motivo)... o negócio é o seguinte... eu estou querendo colocar a seguinte situação... há uma tendência... à proporção que a gente está muito longe do... do inimigo... a gente... não dá muita importância... à proporção que vai se

- aproximando do inimigo... no... até o ponto do crítico... a gente começa... a... se questionar inconscientemente sobre aquele... aquela parede se vai estourar... se vai passar por baixo... se vai passar por cima e a parede vai chegando... né? e há... uma necessidade muito importante... de você tomar uma decisão... antes da parede chegar... senão faz que nem um amigo meu que é ( ) de lambreta e a... fazia assim... puxava pra lá... puxava pra cá ((risos)) que saiu aqui... ô... que estava tão indeciso pra que lado ia que acabou passando sobre o negócio... então... tem que se chegar... um momento... nem que seja um minutinho... antes... ( ) pra gente tomar uma decisão porque senão não dá tempo mais... então quando as pessoas inconscientemente... percebem esse troço... há alguma tendência quase natural.. dá uma amenizadinha muito comum na gente em alguns momentos quanto mais nesse negócio de pressão maior... então é a hora ( )... então é preciso só que sem que se modifique... sem que a gente modifique nosso modo de pensar... mas vale a pena a gente prestar atenção... a esse... a esse sintoma... que pode ser muito importante um diazinho... né? que é que tem mais? nada... agora quando as coisas... só se perceber que elas estão se perpetuando... é um processo ruim com certeza... não é só esse... não... esse é um exemplo... esse vale pelo outro... tá? só pra... tentar mostrar como é que a gente vai fugir... aí acontece o reverso da medalha... quando se começa a chegar muito perto... aí passa a ter a tal consciência... aí o cara vira noite... e não dorme... e... fica preocupado e se dedica etc. e tal... é o tal aspecto que eu falei pra vocês... há a possibilidade tão grande... que aquela até o ratinho encurralado que ataca a cobra... nunca viram isso... não? ( ) ratinho foge... foge... foge... até quando a cobra e põe ele na parede... aí o ratinho vira fera... e às vezes se salva...  
 640 AL. ( )  
 Inf. é claro... e o ponto mais BACANA é o aspecto é... da

- 675 história de ( ) talvez... mas é que em muitos casos o  
 ratinho se salva... eu já vi muitos caras chegarem no último  
 dia do vestibular e passar... realmente é no desespero do  
 ratinho e tem gente que consegue chamar a adrenalina de  
 dentro e dar um salto ( )... eu... por exemplo... é terrível...  
 eu já pulei de um edifício para o outro... não era grande  
 680 não... não era a distância não era terrível não... apenas tinha  
 que ter... né... pra pular... porque oito andares... mas  
 acontece que eu estava não sei como... jogando bola na  
 rua... de repente eu me vejo com a bola na mão e a patrulha  
 na frente... aquele negócio de bomba... né? você corre e a  
 685 bomba fica contigo... sim... porque eu não larguei a bola...  
 não larguei... saí correndo e os caras vieram atrás de mim...  
 aí subi a escada pra entrar em casa... entrei no edifício...  
 subi pela porta... não sei por que cargas d'água passei da  
 porta... não entrei... ((risos)) bom... aí o cara que estava ( )  
 690 continuou... quando cheguei lá em cima... não ia entrar na  
 casa dos outros... estava sem bola... aí pulei... o cara ficou  
 parado... olhando... ((ricos)) o garotinho com a bola e vice-  
 -versa... mas eu nunca faria isso em condições normais...  
 sem o medo que ele estava possuído eu nunca teria ( ) não  
 695 era ( ) o grande obstáculo... não... mas era perigoso... eu  
 tinha que... tinha paredão aqui... e paredão aqui... tinha que  
 colocar pra lá e cair do outro lado... é na hora do perigo que  
 a gente faz um negócio desses... então pode ser que  
 algumas adrenalinhas escondidas aí sejam capazes de ( )  
 700 trabalhar no seu corpo...
- AL. ( )  
 Inf. não é que vocês... vocês... que vocês todos... né?  
 AL. ( )... adrenalina?  
 Inf. mas... não... esse troço é um espelho... eu não sei se eu tô  
 conseguindo transmitir pra vocês ( ) a tranquilidade...  
 gente... eu estou falando aqui... está muito barulho... entre  
 setembro e outubro a barra pesa... OK...

## PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 356 - BOBINA 113 - INF 347

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 40 minutos

Data do registro: 3/5/77

Tema: Criatividade e redação no nível superior de ensino.

Informante: sexo feminino, 30 anos, formação  
 universitária: Letras, carioca, pais cariocas,  
 área residencial: Zona Sul.

- 1 Inf.: eu vou ler a introdução do trabalho para... vocês terem uma  
 noção do que se trata... ((inicia leitura de texto)) "este  
 trabalho visa a analisar o problema da redação e o da  
 criatividade na expressão lingüística... focalizando  
 5 especificamente o nível superior de ensino... ater-nos-emos à  
 forma escrita da linguagem... já que esta modalidade  
 lingüística é que nos interessa mais de perto... a expressão  
 ORAL... é sem dúvida alguma um fenômeno relevante e  
 criativo da atividade verbal... entretanto... embora o trabalho  
 10 dos professores das faculdades de Letras e de Comunicação...  
 não consista apenas... em observar a mani... manifestação  
 escrita do idioma... consideramos o fato de que nossos  
 universitários têm mostrado maior dificuldade nesta... do que  
 naquela modalidade do idioma... o nosso objetivo é através  
 15 de uma visão crítica do ensino de Língua Portuguesa nas  
 escolas e nas universidades do Rio de Janeiro... o de procurar  
 um caminho que desenvolva no aluno... a capacidade de  
 redigir correta... E/OU... artisticamente... julgamos que para  
 o desenvolvimento pleno da expressão oral... seriam  
 20 necessários... em nível superior... cursos específicos de arte  
 dramática... visando ao teatro... e de retórica... campo fértil e  
 interessante sem dúvida... mas que foge um pouco aos nossos  
 interesses imediatos... no presente estudo... tenta-se fazer  
 uma análise do ensino de português... comunicação e  
 25 expressão... nos primeiro e segundo graus... uma vez que

partimos do pressuposto... de que o estudante universitário não pode ser analisado como um fenômeno isolado daquela realidade... ele é consequência da formação que recebeu anteriormente... e... precisa de um apoio no sentido de melhorar os erros... e as deformações que traz de seu nível médio... abordaremos criticamente os métodos empregados naqueles dois níveis de ensino... não deixando de levar em conta o fenômeno dos cursinhos... e do vestibular que tanto influenciam e prejudicam a formação de nossos discentes... a partir disto... tentaremos analisar a nossa estrutura universitária... tomando por base principalmente a realidade da Faculdade de Letras da UFRJ ... na qual exercemos atividades docentes e a qual conhecemos mais de perto... far-se-ão sugestões... de modificações do programa de língua portuguesa que se prendem sobretudo ao possível e não ao ideal... já que todos os planos visando a alcançar o ótimo... têm acabado por limitar-se ao satisfatório... este trabalho não quer... portanto... ser uma reforma... do ensino universitário em termos de redação e cria... criatividade... uma vez que isto implicaria medidas e mudanças radicais que alterariam todo o sistema... embora concordemos com ele... não temos a pretensão de cumprir o pensamento de George Kneller "para que possa realmente nutrir a criatividade a educação deve ser RECRIADA..." visando apenas contribuir com a nossa experiência pessoal e nossas observações de sala de aula para o ensino mais eficaz de nosso idioma... mormente naquilo que se refere à redação e à criatividade..." ((termina leitura do texto)) bom a partir... desse... dessa introdução... nós podemos... ver o primeiro ponto... que... eu focalizei aqui no trabalho... que é justamente uma análise... uma abordagem crítica dos métodos e dos livros... éh... adotados... no... primeiro e segundo graus de ensino... eu parti da análise... eu fiz a análise de mais ou menos... vinte e cinco livros didáticos... mas também utilizei os resultados... que saíram... numa reportagem do Jornal do Brasil... do escritor éh... Osman Lins... eie tinha analisado quatrocentos e trinta e

cinco trechos de livros didáticos... e chega à conclusão de que... realmente... éh... esses livros didáticos... esse novo ensino de Comunicação e Expressão... tem... deixado muito a desejar... no que tange à parte de literatura... à parte de formação literária... ele faz... uma espécie de levantamento estatístico e diz... que os autores mais citados pelos livros didáticos de Comunicação e Expressão... são Carlos Drummond de Andrade... Stanislaw... éh... Stanislaw Ponte Preta... muitas vezes Edson Arantes do Nascimento... Pelé... e... Chico Anysio... e pessoas... vinculadas sobretudo aos meios... de comunicação de massa... televisão... rádio... cinema... etc... e ele discute esta escolha... na medida em que não é que ela não seja válida... e eu particularmente sou a favor... da inserção de meios de comunicação de massa na divulgação do ensino do idioma... mas ele mostra que houve uma troca... em vez... de se estudarem os autores literários pela literatura em si... se estuda um autor literário a partir dos meios de comunicação de massa... ou seja... o fato de Carlos Drummond de Andrade... que é um dos nossos maiores poetas... encabeçar a lista... dos mais citados não se deve ao fato de ele ser um grande poeta... e sim... ao fato... de ele escrever crônicas no Jornal do Brasil... ou seja... ele é um nome conhecido através de um meio... de divulgação de massa... então para que o trabalho tomasse uma estrutura... tomasse corpo... eu parti da análise dos manuais tradicionais... e cheguei... aos manuais... aos últimos que nós temos em termos de Comunicação e Expressão... parti... éh... dos antigos... manuais... que apenas aquela visão que todos nós conhecemos... e eu não preciso ficar repetindo aqui... ou seja... de trazer um texto de Camões... né? d'Os Lusíadas... e mandar o aluno simplesmente fazer uma análise sintática... o que acontecia é que o aluno nem sabia fazer a análise sintática... NEM aprendia nada do texto... nem entendia o texto lido e passava a odiar Camões... então o ensino se mostrava totalmente inoperante... os textos eram... escolhidos sobretudo ATÉ Camilo Castello Branco... ou seja...

100

Camões... Dom Dinis... Almeida Garrett... e... até Camilo  
Castello Branco se ia... até Olavo Bilac se ia... mas depois  
disso não havia mais citações de texto... não é que eu tenha  
nada contra... contra Camões... ao contrário... não tenho nada  
contra Camilo Castello Branco... mas eu acho que no  
primeiro e no segundo graus... o... aluno ainda não tem a  
capacidade e a maturidade para entrar em contato com um  
texto deste tipo... bem... estes manuais tradicionais não  
funcionavam... eles ensinavam o idioma a partir de textos que  
não atingiam o nível do aluno... a parte de gramática era dada  
totalmente DESVINCULADA do texto... ou seja... havia um  
texto de Olavo Bilac por exemplo... e vinha uma ques/ uma...  
um capítulo sobre fonética... no capítulo sobre a disciplina...  
dizia-se que... havia vogais e consoantes... e que eram  
vogais... o que eram consoantes... classificavam-se as vogais  
e as consoantes e a partir daí o aluno decorava uma lista...  
enorme... de... éh... fonemas ou de sons... no caso da  
fonética... que não tinham... éh... a menor utilidade... a menor  
vinculação com a língua que ele falava.../um dos primei/  
primeiros manuais a trazer... uma nova visão... uma visão  
mais vinculada entre teoria e texto foi o "Manual de  
Português Para Terceira e Quarta Séries... do professor Celso  
Cunha... que... hoje em dia... já está antiquado... já não é  
mais dotado... mas na época... inovou bastante... a  
metodologia do ensino...ou seja ele trouxe citações de  
escritores modernistas... não só modernistas... havia uma  
mistura EQUILIBRADA entre Camões... Dom Dinis...  
Camilo Castello Branco... Olavo Bilac... Carlos Drummond  
de Andrade... Fernando Pessoa... Fernando Sabino... Rubem  
Braga... Graciliano Ramos... etc... mas... esse manual  
também não funcionava ainda em termos estruturais... ou  
seja... a gramática... e as noções teóricas não emergiam  
TOTALMENTE do texto proposto... bem... houve um um  
uma outra etapa... da... da: didática brasileira e esta veio ... no  
Rio de Janeiro... eu estou falando em termos de Rio de  
janeiro que é a realidade que eu conheço melhor... não posso

36

356

13

135

falar em termos de São Paulo e dos outros estados... mas no  
Rio de Janeiro apareceu... uma série didática da professora  
Maria Helena Marques e do professor Domicio Proença  
Filho... os três primeiros livros eram de Maria Helena... e de  
Domicio... os dois últimos... número quatro e número cinco...

140

só de Domicio Proença Filho... éh... este livro trouxe uma  
série de inovações... ou seja... desenhos... imagens  
coloridas... pertinentes ao texto... uma vinculação maior... eu  
gostaria de ler um trechinho mínimo pra vocês do prefácio de  
um dos livros... da Maria Helena... Marques... e do Domicio  
Proença Filho... em que eles definem... o objetivo... da  
didática... e do livro... de português... nós vamos ver que... a  
gramática passa a emergir do próprio texto... e passa a ser...  
vinculada à realidade brasileira... então... aqui está o trecho  
do livro deles... do livro número quatro... não... do livro  
número três... se não me engano... ((inicia leitura do texto))

145

"tendo em vista que o ensino da gramática... visa... a  
conduzir o discente à consciência dos processos que  
espontaneamente utiliza ao falar... ou escrever... o fato  
gramatical... foi examinado... em função... do TOdo  
significativo em que ocorre... procurou-se evidenciar a  
atitude dos escritores... ao selecionarem as palavras e  
estruturá-las em frases... houve também... a preocupação... de  
vincular o estudo da língua ao conhecimento da realidade  
cultural brasileira..." ((termina leitura do texto)) ou seja...

150

davam-se informações não só de literatura... mas da realidade  
brasileira... ao introduzir um texto de Graciliano Ramos... era  
importante colocar o aluno em contato com a realidade em  
que viveu... Graciliano Ramos... ou seja... para compreender  
o regionalismo... o aluno tinha de entrar de contato... em  
contato com a região... obviamente... bom... mais tarde houve  
a reforma do ensino... eu ainda faço a análise de outros livros  
mas eu acho que eu iria... encompridar muito... eu ainda  
tenho aqui... vinte minutos e eu gostaria de chegar ao cerne  
da questão até o final do meu tempo... bem... outros livros...  
a partir da reforma de ensino... o/ a disciplina que se chamava

155

160

160

165

165

170

170

37

E F

175 Português... ou Língua Portuguesa... passa a se chamar...  
Comunicação e Expressão... então... a partir da Lingüística...  
a partir de uma visão mais ampla... do que seja língua... do  
que seja cultura... né? nós temos uma modificação no ensino  
de Língua Portuguesa... o que fazem os livros? um dos...  
melhores e um dos principais... não sei se vocês conhecem...  
((ruído)) é este aqui... desta série... da Maria Helena  
Silveira... vocês já devem ter entrado em contato... quem foi  
aluno de Maria Helena Silveira... ou mesmo quem não foi...  
180 me parece excelente... o que Maria Helena faz... ou seja... ela  
parte da comunicação em geral... ela parte... do código...  
lingüístico mas também... focaliza outros meios de  
comunicação que não sejam... o da linguagem articulada... ou  
seja... a linguagem de trânsito por exemplo... ela utiliza...  
185 onomatopéias e interjeições para introduzir... o código de  
linguagem articulada... e a partir daí ela entra no texto  
literário... e não só no literário... ela traz também textos de  
jornal... ela traz... textos... éh... como linguagem de  
requerimento... por exemplo... ela traz a Declaração dos  
190 Direitos do Homem... ou seja diversas modalidades... de...  
linguagem... bom... mas ao lado deste bom livro de Maria  
Helena Silveira... há também o da Ada Rodrigues que é  
muito bom... aparecem livros... deste tipo... os livros... são  
muito coloridos... eles são muito... atrativos... e uma das  
195 críticas que o Osman Lins faz naquele artigo que eu já citei...  
o artigo se chama "O que os alunos desaprendem de literatura  
Brasileira..." uma das críticas que Osman Lins faz... é  
justamente... o fato de os alunos serem atraídos NÃO pelo...  
hábito de ler... NÃO... pelo texto em si... não pela língua que  
200 eles vão manipular... e que eles vão usar pela vida a fora e  
sim eles são atraídos pelo que é mais fácil... o que é mais  
digerível... ou seja... o alu/ o professor escolhe... o texto...  
porque o aluno... vai ficar satisfeito com aquele texto na  
medida em que ele conhece o Chico Anyisio da televisão...  
205 mas nem sempre um trecho do Chico Anyisio vai trazer...  
elementos estéticos ou elementos literários pertinentes à

356 14  
matéria a ser transmitida... então... este livro aqui... que... é  
da... Maria Gessi Militão e Marisa Serrano Feseli... me  
210 afirma na página cinquenta e um... da oitava série... o  
seguinte... ((inicia leitura do texto)) "os modernistas da  
primeira fase... vão se importar APENAS com o  
significado... isto é... o conteúdo..." ((termina leitura do  
texto)) ponto... acabou a informação... então o que acontece...  
215 é que... se por um lado a Comunicação e a Expressão...  
ampliaram a visão da língua... ou seja... a... questão de  
comunicação não está restrita ao código verbal... e isto é  
válido... e isto é desejável porque como diz o... o Samir...  
o... o Samir Curi Messerani... que é o autor de uma série  
didática chamada "Criatividade"... que eu acho excelente...  
220 visando ao ensino de redação... ele diz... não adianta nós  
lutarmos contra os meios de comunicação de massa...  
porque... se nós não o... os colocarmos nos livros... nós  
estaremos fora da realidade dos alunos... porque os... eles já  
entraram no aluno... não adianta afastar essa possibilidade...  
225 mas no momento em que nós ampliamos demais... né? nós  
corremos o risco... de dar informações deste tipo... quer  
dizer... ((cita texto lido)) "os modernistas da primeira fra...  
fase se preocuparam apenas com o conteú... com o conteúdo  
da mensagem..." ((termina citação)) ora... o que acontece  
230 nestes livros de Comunicação e Expressão e no exame dos  
quinze livros... com... raras exceções... com três ou quatro  
exceções... o que me pareceu haver... é uma tremenda mistura  
de conceitos... ou seja... o professor começa... dando um  
conceito do que seja signo lingüístico... por exemplo... bom...  
235 no capítulo seguinte... ele não... vai jogar com semântica...  
né? com... com as variações de significado ou de  
significante... no caso da fonética... não... ele passa pro  
conceito... por exemplo de sintagma... dois minutos depois  
ele me vem com função poética do Jakobson... né? ele me dá  
240 todas as cinco funções... bom... há uma mistura terrível de  
noções de teoria literária... com noções de lingüística...  
porque o próximo capítulo é de modernismo... então ele me

245 afirma alguma coisa deste tipo que eu acabei de ler... então...  
o que acontece é que em vez de se ampliar... pertinentemente  
o âmbito do ensino... o que está ocorrendo nos nossos alunos  
é uma fragmentação do ensino... ou seja... ele perde a noção  
do todo... e fica com uma série... de aspectos teóricos...  
isolados... que ele não sabe vincular à realidade nenhuma de  
250 seu idioma... isto é válido também para a Faculdade de  
Letras... ou seja... né? há uma série... de conceitos teóricos...  
que têm nomes bonitos e sofisticados... mas que... na hora de  
serem empregados... deixam muito a desejar... eu não digo  
que nós não devamos... éh... estudar lingüística... não é esse o  
meu ponto de vista... eu acho... ao contrário... altamente  
255 pertinente — estudei lingüística nesta Faculdade e não faço  
outra coisa... durante a minha carreira... senão utilizar os  
conceitos de lingüística — mas não ... a lingüística pela  
lingüística... ou seja... né? o aluno... apenas operar com o que  
seja um sintagma... então... por que que é importante a noção  
260 de seqüência e a noção de sintagma? por que que nós não  
vinculamos isso... à coordenação... e a subordinação...  
tradicionais? por que é que na hora que o professor... que  
vem... com um aparato... né? com livros coloridos... os livros  
cheios de imagens e fotografias... e ele motiva o aluno... de  
265 repente ele corta a sua aula... e diz... hoje nós vamos estudar  
orações... dois pontos... as orações se dividem em...  
coordenadas e subordinadas... as coordenadas podem ser...  
sindéticas e assindéticas... ou seja... ele quebra toda... a  
estrutura da língua... quando ele... chega em sala de aula...  
270 com um esquema pronto e lança isso... ao aluno... sem  
perguntar sequer ao aluno se o aluno sabe o que é uma  
subordinação... o que é uma coordenação... bom nesse  
ponto... nós vamos chegar a um ponto agora... eu ainda teria  
muito a dizer... sobre... o... os livros didáticos que me  
275 parecem... éh... bons na intenção... mas bastante deficientes  
na realização... éh... o que me parece que fica... em geral... a  
crítica geral que se pode fazer é esta... há uma mistura de  
conceitos... lingüística e gramática normativa se misturam...

280 teoria literária... e... lingüística se misturam... semiologia e  
lingüística se misturam e o aluno acaba não sabendo o que  
fazer com tudo aquilo que ele aprendeu... então eu  
sugiro... quer dizer... um dos outros problemas é que... a  
redação... que é o principal e objetivo primeiro... do ensino  
do primeiro e segundo graus... tem sido marginalizada... né?  
285 vocês devem ter contato com alunos... né? em colégio esta...  
em colégios estaduais e... e... e... mesmo ... éh... particulares  
e também foram alunos de colégios... e sabem perfeitamente  
que são RARAS... as aulas dedicadas à redação... ou seja... o  
que acontece é que precisa haver uma nota de redação...  
290 geralmente de dois em dois meses o professor um dia chega  
em sala de aula e diz... redação... tema tal... o aluno senta e  
escreve... o professor dá uma nota... baseado normalmente  
em critérios formais... ou seja... ele corrige ortografia...  
295 sintaxe... morfologia e acabou a aula de redação... ele passa  
pra noções teóricas... então... nesse trabalho eu sugiro... um  
outro método... ou seja... primeiro... a primeira coisa... é  
óbvio... né? que tem de haver uma reforma... no sentido de  
que os professores sejam bem remunerados... porque com a  
remuneração que os professores recebem não é possível eles  
300 terem tempo para corrigir essas redações... para dar essas  
redações... para discutir o tema com os alunos... para motivar  
o aluno... tudo o que seria desejável... ele já não tem...  
porque o que acontece é que ele é mal remunerado... então  
ele dá trinta e cinco aulas por semana e mal tem tempo para  
305 chegar em casa e poder realmente... corrigir essas redações...  
bem... então a primeira sugestão é que o governo apóie... os  
professores... aumente a carga horária e a remuneração... em  
segundo lugar... que se... motive o aluno... ou seja... se  
proponha um tema que seja discutido em sala de... por  
310 exemplo... saiu um artigo no jornal interessante... de interesse  
geral... alguma coisa que possa despertar polêmica... esses  
alunos debateriam numa aula... seriam duas aulas seguidas...  
debateriam o tema... um grupo iria discutir... discutir esse  
tema... e o resto da turma não participaria... e isso foi

Brasileiros que eu adotei... citando o grupo naturalmente... e  
 achei muito boa... ou seja... na hora que um aluno... quer dar  
 a sua opinião sobre o tema debatido... ele então... vai escrever  
 a sua opinião... quer dizer... ele não... se permite que o aluno  
 fale até determinado momento... quando ele está querendo  
 320 participar... então o professor diz... não... escreva o que você  
 está pensando... e... no início o critério de avaliação... poderá  
 ser bastante flexível... ou seja... éh... nós vamos procurar...  
 325 despertar no aluno uma capacidade de expor o conteúdo de  
 uma maneira lógica... e com pertinência ao tema... a partir  
 daí... num segundo estágio... nós poderemos colocar algumas  
 questões de gramática e... o que eu achei excelente — isso  
 também foi sugestão de outro grupo... não é sugestão minha  
 — é que o... o... o grupo disse... nós não devemos corrigir...  
 ou seja... pegar a redação e colocar a forma certa... nós  
 330 devemos... assinalar o erro... colocar um número ao lado  
 desse erro e o aluno... estaria de posse de uma apostila... de  
 alguma coisa... um... um roteiro... em que os números  
 corresponderiam aos erros... por exemplo... número um seria  
 335 ortografia... então em vez de o professor riscar aqui o  
 arbitrário com agá... o professor apenas sublinha o arbitrário  
 e dá ao aluno as fontes onde ele pode encontrar essa palavra  
 corretamente escrita... ou seja... um dicionário... então...  
 número um seria ortografia... onde o aluno pode procurar a  
 340 palavra correta? em um dicionário... então... o professor  
 sugeriria um bom dicionário... né? que não se sugira o do  
 MEC... que saiu agora uma reportagem contra do Silveira  
 Bueno... né? que se sugira um outro... bem... em segundo  
 lugar... por exemplo... o problema de concordância... então...  
 345 número dois seria concordância... em vez de colocar a  
 concordância correta... o professor colocaria a... fonte de  
 pesquisa... ou seja... Evanildo Bechara... "Moderna  
 Gramática Portuguesa"... Celso Cunha... "Gramática da  
 Língua portuguesa"... páginas tais e tais... onde o aluno  
 350 poderia procurar... o que é concordância... então ele

começaria a... ter uma certa... noção... de que... a gramática  
 serve pra aquilo que ele escreve e não só pra aquilo que o  
 escritor escreve... ele não vai aprender a gramática como  
 alguma coisa isolada... do contexto dele... aluno... e não do  
 355 profes... do... do escritor... então ele iria à gramática... e  
 tiraria dali as normas... isso seria dado em termos de trabalho  
 de casa... ou seja... o aluno teria de trazer a sua redação  
 corrigida por ele mesmo... com a forma correta após este  
 aluno pesquisar... na fonte aquilo que ele errou... quer dizer...  
 360 o professor não assume aí uma atitude paternalista de está  
 errado e eu dou a forma certa... ele assume uma atitude de  
 orientador da pesquisa... quer dizer... eu acho isso muito  
 válido e muito eficaz em termos de ensino... e uma outra  
 365 sugestão também é que... se faça... na Faculdade de Letras...  
 além de um curso de redação... não do mesmo nível do  
 primeiro e segundo graus... quer dizer... um curso... de  
 dissertação propriamente dita... porque os alunos... pelo  
 visto... não sabem... né? redigir... não sabem estruturar seu  
 pensamento... porque ensinar... a escrever é ensinar a  
 370 pensar... como diz o Othon Moacyr Garcia... eles  
 provavelmente não sabem nem pensar... então o curso... na  
 Faculdade de Letras... poderia dar... essa orientação... ou  
 seja... o professor daria princípios de lógica... cobraria do  
 375 aluno uma certa pertinência ao te... ao tema proposto... daria  
 uma redação... o próprio aluno pesquisaria... os problemas  
 que essa redação apresentasse... e... ao lado disso... poderia  
 haver um outro curso... e este curso eu acho que deveria ser  
 optativo... que visasse mais a despertar a criatividade do  
 380 aluno... ou seja... do estudante no caso... né? de nível  
 universitário... ou seja... existem... éh... pessoas aqui que  
 querem ser escritores... peetas... eronistas... contistas... etc...  
 eles não recebem o menor apoio na Faculdade de Letras...  
 eles não têm um curso dedicado a isso... então se houvesse...  
 385 por exemplo... um curso optativo... né? porque nem todo  
 mundo pretende abraçar esta carreira... em que o... estudante  
 pudesse treinar... exercitar esse seu talento... ou seja... ele

390 escreveria crônicas... contos... poemas e um professor  
 julgaria e a turma julgaria também... e haveria então uma  
 coordenação entre as cadeiras de teoria literária... de  
 lingüística e de língua portuguesa... para que os critérios de  
 correção... pudessem ser pertinentes... não é? éh... a partir  
 daí... também uma sugestão que eu dou no meu trabalho é  
 395 que se promovam concursos na Faculdade de Letras... ou  
 seja... estes alunos que criam... crônicas... ou contos ou...  
 poemas ou... mesmo... romances... poderiam concorrer... a  
 algum prêmio aqui dentro da Faculdade de Letras... isto seria  
 apoiado pela direção... e nós poderíamos inclusive convidar  
 400 escritores... e pessoas interessadas no assunto para julgarem  
 estas obras... isso motivaria o aluno a escrever... mas  
 acontece que... nós não temos essas condições e o que eu  
 sugiro no meu trabalho... e a minha conclusão é a de que  
 405 ensinar é saber lidar com o possível... ou seja... eu não  
 pretendo aqui... uma reforma estrutural... básica do sistema...  
 porque esta é desejável mas... no momento impossível e  
 improvável... o que eu desejaria é que houvesse uma  
 mudança... no próprio programa de Língua Portuguesa... da  
 410 cadeira de que eu faço parte... esta... este problema de  
 redação... deveria ser encarado no primeiro ano da  
 faculdade... em que o aluno apresenta maior dificuldade de  
 redigir... e este outro... de criatividade... seria então... éh...  
 adiado para... os níveis profissionais um e dois... né? quando  
 o aluno teria oportunidade de opção... agora rapidamente...  
 415 que o... o tempo já está se esgotando... eu gostaria de falar de  
 um problema que eu toco aqui no meu trabalho com alguma  
 profundidade mas aqui eu vou ter que ser um pouco superfi-  
 cial... mas eu acho fundamental que se fale disso... agora... é  
 o problema dos cursinhos... e do vestibular... bem... o diretor  
 da Cesgranrio... veio... aqui o ano passado fazer uma  
 420 conferência sobre o problema da redação no vestibular... ou  
 seja... as vantagens... de se colocar a redação... a partir do ano  
 que vem no vestibular... durante a sua conferência eu  
 perguntei a ele... se paralelamente... o Governo estava

356 17  
 425 tomando alguma medida... para melhorar a condição dos  
 professores e dos alunos... ele me disse... "absolutamente  
 nenhuma... a medida... está tendo o maior apoio no vestibular...  
 nós somos responsáveis pelo vestibular... mas com o  
 primeiro e segundo graus nós não temos nada... e nós não  
 vamos mexer nesse sistema..." ora... eu pergunto... a qualquer  
 430 pessoa... daqui... vocês acham que um... um aluno que me  
 frequenta o primeiro e segundo graus... de repente... no ano  
 do vestibular... vai aprender a escrever? não há  
 possibilidade... né? então vai ser tão ineficaz quanto... a  
 solução de prova de cruzinhas... né? porque ele está colocado  
 435 num funil... ou seja... o aluno vem... e de repente se vê  
 obrigado a escrever... escrever bem... escrever claramente...  
 escrever corretamente... sem ter tido a menor... infra-estrutura  
 para chegar a este ponto... bem... ele me disse que não se  
 tomavam medidas neste nível... então eu desisti de discutir...  
 440 achei que não valia a pena... comecei a examinar também...  
 no trabalho... os livros adotados nos cursinhos... quer dizer...  
 fora as apostilas... né... que são assim os macetes  
 tradicionais... né? do vestibular... mas os livros... de vestibular...  
 445 e os dois livros mais famosos são... o do Gualda  
 Dantas... né? José Gualda Dantas... e do Celso Luft... muito  
 bem... eu trouxe aqui alguns exemplos de exercícios... que  
 esses livros apresentam... gostaria também de ler o objetivo  
 do Gualda Dantas... e o que ele faz em termos de exercícios...  
 aliás... eu não sei se eu vou escrever porque eu acho que não  
 450 vai dar tempo... eu prefiro ler pra vocês rapidamente as  
 palavras do próprio Gualda... na sua introdução... ele diz o  
 seguinte... ((inicia leitura do texto)) " com base em textos  
 apropriados e significativos... procura-se medir... não só  
 conteúdos programáticos... mas ainda e sobretudo...  
 455 capacidade de compreensão... análise... síntese... avaliação  
 dos fatos lingüísticos presentes na comunicação... tendo isso  
 em vista... atenuou-se a CARGA... de memorização... e a  
 indagação a respeito de designações... terminologia..."

460 morfologia e fonética..." ((termina leitura primeiro parágrafo)) atenuou-se a carga... dentro do seu livro... ((reinicia leitura do texto)) "assim... este programa... não objetiva que o candidato armazene conhecimentos especializados dos principais centros de interesse do idioma... mas reúna condições... que provem... sua capacidade de

465 entendimento... e expressão... ou seja... revele domínio... efetivo do idioma... sistema de regras... que permite gerar e interpretar... frases..." ((termina leitura do texto)) e ele... entre muitos... me... me dá o seguinte exercício... ((reinicia leitura)) "assinale a forma correta... precavenha... entreviu... entretesse... precavesse... manteram... ((termina leitura))

470 então eu pergunto... aonde está... esta visão estrutural do idioma? aonde está esta carga de memorização atenuada... que ele prega no seu prefácio? o que ele faz aqui... é colocar quatro formas erradas e uma certa... ou seja... a probabilidade

475 é de o aluno gravar a forma errada... porque ele lê... quantitativamente quatro formas... e tem que saber que uma está certa... então a probabilidade é de ele gravar a forma errada... não a certa... ele vai... continuar... a dizer precavenha... ele vai continuar a dizer manteram... porque... este exercício é fragmentário... e não leva a estrutura

480 nenhuma... do mesmo Gualda... aliás... este aqui eu acho que é do Celso Luft... diz o seguinte... ((inicia leitura)) "assinale a classificação da oração subordinada adverbial em... 'chamam-te illustre... chamam-te subida'... éh... —que mais... hem...? — "chamam-te subida... sendo dina de infames vitupérios..." Camões ((termina leitura)) em vez de ele me perguntar ao aluno se ele entendeu o que ele leu... se ele sabe o que é vitupério... se ele sabe o que é dina... se ele sabe o que que é subida... se ele entendeu... enfim... a frase... ele me dá as seguintes... as seguintes opções... ((reinicia leitura))

490 "causal... condicional... modal... concessiva... conformativa..." ((termina leitura)) e o aluno tem que saber que é concessiva... né? então... não se perguntou... o que é uma concessão... o professor não chegou e disse... ah...

495 "chamam-te illustre... chamam-te subida..." ou seja elogiam...<sup>18</sup> embora sejam digna... né? de... difamações públicas... por exemplo... isto não foi dito... foi dito apenas... e exigido do aluno que ele saiba classificar a oração "sendo dina de infames vitupérios..." então é óbvio que este aluno... aprende a ver a probabilidade maior de uma resposta correta... porque

500 ele não está entendendo nada do que ele está lendo... né? que esse aluno — ih... agora eu caí pra um registro informal... né? — ele está... fazendo este exercício pra chegar a esta sintaxe que eu escrevi aqui... porque quando ele faz aquele tipo de exercício... ele só pode escrever deste modo... na minha opinião... de modo que... o que eu proponho e vocês que estão saindo da Faculdade de Letras — eu nem sabia que eu ia falar a vocês... eu pensei que eu ia falar pra meus colegas... quer dizer eu tive que mudar um pouco o tom e mudar... toda a idéia inicial... mas isso não tem importância } e vocês estão saindo da Faculdade de Letras e eu peço a vocês que... revejam tudo aquilo que vocês aprenderam e... se vocês não aprenderam... que vocês aprendam autodidaticamente... porque isto funciona... também... que vocês leiam a gramática normativa... e leiam também... os princípios de

515 lingüística... e saibam tirar aquilo que é essencial... aquilo que é realmente necessário... para o aluno... mostrem ao aluno que quando ele pega um texto e faz a análise sintática... ele não deve... absolutamente achar que gramática é uma coisa e língua é outra... comecem... da própria redação do aluno... mostrem a ele a necessidade de ele entender... o porque daquela frase dele... em todas as resenhas que eu corriji desse primeiro ano... eu coloquei... "faça uma análise sintática do seu período"... porque há vários períodos de subordinadas sem principal... então... a partir daí... pode ser que o aluno comece... a vincular aquilo que seja estrutura do idioma... não só em termos de gramática normativa... com... a realidade que ele fala e escreve... porque na realidade o que ele faz não é absolutamente... utilizar os conceitos de gramática... ele continua a falar na gíria dele... no no...

530

535 registro informal e... quando escreve alguma coisa... ele tem sempre medo... ele acha que aquilo não está correto e acaba cometendo mesmo... ultracorreções... ou seja... coloca formas que estão incorretas mas que ele pensa que estão corretas...  
 540 porque... ele é sempre corrigido quando ele diz "me dá um livro" e... o professor — antiquado... naturalmente... porque o de hoje em dia nunca faria isso — diz a ele "não se começa frase com pronome átono"... então aparece na redação e aparece na resenha dos meus alunos da Faculdade um ... verbo desse tipo... "poderia-se"... ham? porque ele foi tão corrigido... porque ele nunca podia usar a próclise... né? ele não podia dizer "me dá o livro"... então acha que quando ele escreve... ele tem de usar a ênclise... então... ele nunca... usou a mesóclise... que realmente... não é de... de uso corrente... e  
 545 muito menos pensaria... que se ele colocasse "ele" ou "ela se poderia transformar"... isto estaria correto porque há um sujeito antes... há uma palavra que permite a próclise... mas ele acha que a próclise por princípio está errada... porque a ênclise é mais certa... e me comete um erro desse tipo... né? a mesóclise realmente é muito pouco usada... embora em  
 550 registros formais... em conferências... em... requerimentos a gente ainda use... mas pelo menos a próclise correta... ou seja... ele passa a usar uma linguagem do século dezesseis... né? porque a ênclise... ao futuro só se deu no século dezesseis... então... de tudo — e eu já estou passando da hora  
 555 — de tudo eu só queria deixar a sugestão pra que vocês no nível médio procurem fazer a gramática... os conceitos normativos emergirem do próprio texto do aluno... que vocês não isolem... uma realidade da outra... e... dentro da Faculdade de Letras... no que for possível... nós estaremos aqui pra transformar aquilo que for transformável... tá?  
 560 ((palmas))

## PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 364 - BOBINA 119 - INFORMANTE 446

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 55 minutos.

Data do registro: 25/11/77

Tema: A empresa (aula de organização e métodos)

Informante: sexo masculino, 41 anos, formação universitária: Administração de empresas, carioca, filho de pais cariocas, área residencial: Zona Sul.

- 1 Inf: eu vou passar a chamar vocês pelo nome todo pra identificar... tá bom? ((vozes)) e tá todo mundo proibido de dizer não sei... hein?
- AL: eu sei... eu sei... eu sei...
- 5 Inf: é? ((risos)) bem... na aula passada nós analisávamos a parte concernente à figura do administrador... o PORQUÊ dos administradores... e o que era preciso para ser um administrador... então... nós tivemos oportunidade de verificar... que há uma distinção hoje... bastante acentuada...  
 10 entre a figura do PROPRIETÁRIO e a figura... há... gerencial... não significa que o proprietário não... POSSA administrar a sua empresa... mas ele deve administrá-la de acordo COM técnicas gerenciais... portanto... dentro duma área de estudo... em que... TODA a ciência da administração seja efetivamente... APLICADA... e que a ênfase que nós procurávamos dar... ao... TRABALHO organizativo seria muito mais da responsabilidade da contribuição do administrador... do que... efetivamente... do PODER e da autoridade que ele detém... e verificávamos... inclusive... que  
 15 o TRABALHO é conjunto e não isolado... consequentemente... a precípua função da administração... é... exatamente... formar uma equipe... através de... há... uma... permanente pesquisa em BUSCA de... homens capazes... de... formando uma equipe... levar uma empresa a  
 20 atingir os seus reais objetivos... e eu perguntaria a vocês o
- 25

30 seguinte... esse tipo... de busca... de pesquisa... a formação da equipe... e aquelas cinco funções que nós analisávamos... de estabelecer objetivos... de motivar e transmitir... de avaliar pessoas... de formando pessoas... formando... também... um processo... analítico... dentro da empresa... eu perguntaria a vocês.. esse método se aplica... se APLICA a qualquer tamanho de empresa ou apenas a... uma empresa de grande porte? isto é... o formar pessoas... o formar

35 EQUIPE... o desenvolver esse trabalho... tem que ser feito em todos os níveis da administração... e em todos... em todos os tipos de empresa... não importa a dimensão da empresa... seja ela pequena... seja ela rudimentar... seja ela de médio porte... grande porte ou... ainda... a empresa... há... de grande

40 porte? esse método de formar equipe se aplica a todo mundo ou não... Irlana?

AL: eu acho que sim... porque para qualquer ne/ para qualquer tamanho de empresa... se não houver uma equipe... se não houver organização... se não houver e... essas pessoas pra... juntas... para obter uma determinada tarefa... para obter um determinado objetivo... acho que em qualquer empresa... tanto de pequeno porte... porque por menor... numa de

45 pequeno porte... a equipe vai ser menor... é lógico... vai ser mais fácil... numa de médio porte... vai ser uma profissional...

50 Inf: então... em todas as... eh... empresas... não importa a sua dimensão... você considera que é indispensável que aquele elemento forme uma equipe... mas uma empresa rudimentar... ela é uma empresa que não tem um corpo administrativo...

55 AL: sim... mas o que eu falei é que seja PROPORCIONAL... a empresa rudimentar pede que... o dono pode ser o...

Inf: é... é...

AL: o dono é... é o administrador...

Inf: é quem tá gerindo a empresa...

60 AL: é quem tá gerindo... então aí... o negócio já é... já é menor... mas ele não deixa de se encontrar com as outras pessoas...

também da sua empresa pra levar o negócio adiante... se nós temos... então... que formar equipe... em diversos níveis... não importa a dimensão de uma empresa... é indispensável que se saiba... a MANEIRA pela qual nós vamos formar essa equipe... como é que nós vamos formar essa equipe? antes da procura... da busca do homem... do indivíduo... o que nós temos que verificar são... as... funções que esses homens irão desempenhar... portanto... é indispensável... que nós... há... retornemos àquele ponto... já abordado aqui...

65 anteriormente... da avaliação... de cargos e funções... por que razão? porque as pessoas... que nós vamos contratar... as pessoas que nós vamos chamar para a nossa empresa... são as pessoas... que irão ocupar cargos... e desempenhar funções... e tem que haver um perfeito AJUSTAMENTO... entre a organização humana... e a organização estrutural... e a

70 organização... portanto... que nós vamos há... criar para a empresa... que nós vamos desenvolver na empresa... é lógico que numa empresa rudimentar... o tipo de TAREFA... o tipo de função desempenhada... será bem diferente que numa empresa multinacional... por outro lado... aquele homem... que faz a SELEÇÃO da... é... das pessoas... que atribui

75 tarefas a cada uma das funções... ele tem uma visão inteiramente diferente... a visão limitada e limitativa que a própria empresa rudimentar exige... e a função... ou... e a visão muito mais AMPLA... muito mais TÉCNICA... de muito mais CONTEÚDO... que uma empresa de grande porte... de mul/ ou uma empresa multinacional...

80 efetivamente vai exigir... há... de todos os seus administradores... bom... nós falamos até aqui... em critérios concernentes à... avaliação de... empresa rudimentar... e empresa... há... de pequeno porte... médio porte e grande porte... nós temos que saber... agora... quais os critérios que nós vamos adotar para a análise desta dimensão da empresa...

85 bem... primeiro nós... nós... ((ruidos)) como vai ser analisado o critério para o... quais seriam os critérios para se verificar... se uma empresa é pequena... se uma empresa... há... de

90

95

- 100 grande porte... e se uma empresa é rudimentar? Frederico...  
como é que você... verifica se uma empresa é de pequeno  
porte... se uma empresa é de grande porte?  
AL: verifico?  
Inf: é... quando é que você acha que uma empresa é de pequeno  
porte ou de grande porte?
- 105 AL: quando ela não tá mais como empresa de pequeno porte... eu  
acho... é quando ela não tá mais controlada pelo  
proprietário...  
Inf: você acha que uma empresa de grande porte é uma empresa  
que não é controlada pelo proprietário?
- 110 AL: é... porque a autoridade é ultradividida... há uma hierarquia  
enorme ( ) vai subindo até chegar ao... ao cara... entendeu?  
não sei... uma de pequeno acho que é... acho que é bem  
controlado pelo proprietário...  
Inf: eu perguntaria a você o seguinte... e o exemplo da Ford? a  
Ford era uma empresa de grande porte que tinha um controle  
autoCRATA... do seu dirigente...
- 115 AL: mas... só que a Ford é uma família... não é uma família? Não  
era um homem da Ford?  
Inf: mas... inicialmente... era um homem só... Henry Ford... que  
controlava...
- 120 AL: mas há quanto tempo... atrás?  
Inf: já há bastante tempo atrás... uns trinta anos atrás...  
AL: ( ) teve espaço para crescer bastante... hoje em dia é um  
negócio enorme... é uma multinacional... quer dizer... hoje  
em dia é im/ é impossível...
- 125 Inf: então... você... eh... faria a seguinte distinção... as empresas...  
de grande porte e multinacional seriam empresas  
controladas... eh... por diversas pessoas...  
AL: é...  
130 Inf: enquanto que a empresa rudimentar até a empresa de médio  
porte seria a empresa de... há... a empresa... de...  
controlada...  
AL: pelo gerente... ( ) quer dizer... pelo gerente não... ((vozes e  
ruidos))

- 135 Inf: então... a empresa de... há... grande porte e de multinacional  
seria a empresa que... há... seria dirigida por pessoas... não  
proprietárias da empresa...  
AL: proprietários e donos...  
Inf: enquanto que as outras seriam as empresas dirigidas pelos  
seus donos... Alcides... que que (vo)çé acha?
- 140 AL: ah... pode ser pelo montante de capital que a empresa tem...  
ch... se poderia dizer de nível da departamentalização...  
Inf: pelo nível de departamentalização... que mais?  
AL: se é uma empresa de grande porte... ela deve ter muitos  
departamentos... né?
- 145 Inf: uma empresa de grande porte teria muitos departamentos...  
uma empresa de pequeno porte teria poucos departamentos?  
AL: é... eu acho que sim... ela não tem muitos recursos pra muitos  
departamentos...  
150 AL: não...  
[  
AL: também não há necessidade...  
Inf: que que você acha?  
AL: acho que aí... depende do que a empresa faz... quer dizer...  
155 qual é o objetivo da empresa... entendeu? se ela é uma  
empresa com estrutura... sem ter precisado de departamentos  
especializados naquilo... você entende o que eu quero falar?  
não tô sabendo explicar...  
[
- 160 Inf: tô entendendo...  
AL: direito... é mais ou menos isso...  
Inf: que que você acha... Frederico?  
AL: eu não acho...  
Inf: você não acha? ((risos))
- 165 AL: depende da estrutura dela...  
Inf: depende da estrutura?  
AL: da necessidade...  
Inf: nós estamos partindo do pressuposto... até agora... que o  
Alcides dizia... que a estrutura da empresa não é perfeita... é  
possível... entretanto... nós não podemos esquecer... que eu
- 170

- tenho uma estrutura que pode ser superdimensionada... eu posso olhar para uma empresa e considerar que essa empresa... pelo número de empregados que tem... pela departamentalização que possui... ela é uma empresa multinacional... vamos a um exemplo prático... a empresa... a Rede Ferroviária Federal... é a empresa... no Brasil... com o maior número de empregados... ela tem cento e cinquenta mil empregados... conseqüentemente... dentro da divisão que você está atribuindo... embora o critério também seja válido... essa empresa seria uma das maiores empresas do mundo... por quê? porque o seu nível de departamentalização é muito grande... é muito maior do que... por exemplo... a da Volkswagen... esse é um critério válido... MAS... nós não podemos considerar... apenas... este... há... critério como único... para se distinguir se uma empresa é rudimentar... pequeno porte... médio porte... grande porte... etc... o grande... a grande dificuldade que nós vamos encontrar sempre é situar a posição da empresa... por que razão? porque eu hoje tenho... mais ou menos como um esquema consagrado... que as empresas se dividem... em rudimentar... pequena... médio... grande porte... e uma empresa... há... a qual será multinacional ou transnacional... mas o fato... é que eu tenho... pequenas empresas... que são... ainda dentro da categoria de pequenas empresas... elas são um pouco maiores que as suas companheiras... eu pergunto... assim... a vocês... há... um exemplo comparativo... até que idade vai a primeira infância? cinco anos? mais ou menos? e a segunda infância até que idade?
- 200 AL: oito...  
Inf: oito? e aí começaria a adolescência? ((vozes misturadas em discussão)) hein? até quinze anos?  
AL: não... a adolescência começa com doze anos...  
AL: não... a adolescência começa com doze... treze...
- 205 AL: é...  
Inf: você acha que começa com que idade... Fred... com quinze?

- AL: a adolescência? ((vozes)) É...  
Inf: uns quinze anos?  
AL: catorze...
- 210 Inf: e terminaria com que idade?  
AL: ((vozes)) dezenove... ((vozes)) vinte e um... ((vozes))  
Inf: vinte e um...  
AL: vinte e um... a maioridade... não é isso?  
Inf: sim... só a maioridade... a maioridade...
- 215 AL: a adolescência com doze e a maioridade com vinte e um...  
Inf: então... você consideraria... que vocês... de uma certa forma... que até cinco anos... seria a primeira infância... a segunda infância até os doze... a adolescência de doze... até que idade?
- 220 AL: vinte...  
Inf: vinte... vinte ou vinte e um... começaria... aí... a juventude ((vozes))... que iria... mais ou menos... até que idade? ((vozes))  
AL: depende... depende da pessoa... acho que...
- 225 Inf: sim... até que idade... mais ou menos?  
AL: uns trinta...  
Inf: até uns trinta... aí começaria a idade madura ((vozes))... pra depois chegar à velhice... até que idade vocês considerariam... a idade madura e... depois... há... consideraria... que o homem... atingiu a sua...
- 230 AL: sessenta...  
Inf: faixa?  
AL: cinquenta e cinco... sessenta...  
Inf: cinquenta e cinco... sessenta... muito bem... e... a partir... então... de sessenta seria a velhice... é um critério... que vocês adotaram... baseado em quê... esse critério? numa análise que vocês fazem... numa análise... pessoal... sem nenhum dado científico... vamos admitir que esse critério... que vocês adotam... esteja certo... esse critério se assemelha... mais ou menos... ao critério que nós encontramos... em termos de... há... tamanho de uma empresa... a rudimentar seria... assim... a de primeira
- 240

- 245 infância... a pequena empresa seria de segunda infância... a empresa... eh... de médio por... há... porte seria aquela emp/ empresa em plena adolescência... a de grande porte a empresa na idade... há... madura e... assim... a multinacional... a empresa... quer dizer... a média empresa a idade jovem e a multinacional... a idade madura e por diante... muito bem... ACONTECE... que... mesmo adotando esse critério... vamos pegar aqui... a faixa que vocês consideraram adolescente... eu perguntaria a vocês... um jovem ou uma jovem de doze anos... ela tem o mesmo comportamento de uma outra de vinte? tão todas as duas na adolescência... o comportamento é diferente... por que que o comportamento é diferente? ((vozes))
- 250 AL: porque uma ainda tá mais perto da segunda infância e a outra já tá tangente com a... ( )
- 255 Inf: então... o que que isso traz em termos de... há... comportamento pessoal?
- 260 AL: doze e vinte são quase que dois extremos diferentes... Inf: doze e vinte são quase que dois extremos diferentes... por que razão? porque as necessidades... de uma menina de doze anos são... inteiramente diversas... daquela outra... de vinte anos... a sua maneira de agir... as suas necessidades... o seu comportamento... a sua forma de se expressar... os seus valores... são diferentes... é a mesma coisa que ocorre em termos de uma empresa... a empresa pode ser de médio porte... mas ela ter doze anos... tá no início da sua adolescência... enquanto que... uma outra empresa... que ainda é de médio porte... ela já terá maior amadurecimento... já terá... portanto... uma outra estrutura... já terá um outro tipo de comportamento e... conseqüentemente... outras necessidades... portanto... quando nós ROTULAMOS as empresas de rudimentar... pequena... média... grande e multinacional... nós não podemos nos... esquecer... de que... embora... rotulando-as... por uma questão de análise... de estudo... nós vamos verificar que teremos... dentro da... dimensão de médio porte... eu terei... pequenas empresas de

- 280 médio porte... médias empresas de médio porte... e grandes empresas de médio porte... eu vou... portanto... criando uma subdivisão... a cada etapa desse processo... o comportamento vai se alterando... vai se modificando...
- AL: a pequena entra na lista... né... então... a pequena é dividida em pequena... média...
- 285 Inf: média da pequena e grande da pequena... e essas subdivisões... seriam... há... sempre acrescidas... se desmembrariam... por isso... nós temos que adotar um determinado... critério... o grande problema que nós vamos nos defrontar... ao analisar cada uma dessas empresas... é exatamente a sua passagem... da mesma maneira que você tem dificuldade em dizer se... há... o adolescente... eh... com doze anos... já tinha terminado a sua infância e portanto tava entrando na adolescência... também nós... da empresa... temos dificuldade de verificar se uma empresa... já deixou de ser pequena e passou a ser média... por que razão? porque o jovem... não... dorme e... o dia seguinte... ele acorda adolescente... o processo é muito lento... ninguém... eh... dorme... eh... num dia... e no dia seguinte diz assim... "agora sou adolescente" ou "agora... nesse instante... terminou minha adolescência"... não dá pra você... eh... verificar isso... é um processo lento... da mesma forma... o presidente de uma empresa não chega... um determinado DIA... pela manhã... e declara à sua empresa... "HOJE nós não somos mais de pequeno porte... a partir de agora nós vamos ser uma empresa de médio porte"... mas por que que isso é importante pra nós? porque a maneira de dirigir a empresa... de organizar a empresa... de conduzi-la... vai ser diferente... a empresa de pequeno porte tem que ser conduzida e organizada e estruturada... de forma inteiramente diferente da empresa de médio porte... então... vai ser indispensável que aquele elemento tenha uma visão do momento... uma visão da situação... ele pre/ precisa saber se a empresa dele é pequena... média ou grande... é por isso que nós nos preocupamos em situar a empresa... e você falava agora

- 315 mesmo... "depende... algumas crianças atingem a  
adolescência mais cedo... outras atingem mais tarde"...  
mesmo adotando esse critério... que nós... aceitamos aqui...  
de que doze se começa a adolescência... é possível que...  
mesmo nessa sala... muitos de vocês tenham chegado à  
320 adolescência um pouco mais cedo... ou talvez... um pouco  
mais tarde... e tem gente que fica ETERNAMENTE na  
adolescência... tem gente com quarenta anos que não se a/  
assumiu ainda a sua idade... o seu comportamento... e  
325 EMPRESAS que... eternamente... vão ser empresas de  
pequeno ou de médio porte... não terão... inclusive...  
coragem de dar um novo passo... sair... de uma estrutura e  
mudar... o grande problema que nós analisávamos... que  
ocorreu com a Ford... foi exatamente pela falta de visão... do  
330 seu dirigente... QUANDO... ele já possuía... dirigia uma  
empresa de grande porte... mas ele a dirigia como se fosse  
uma empresa de pequeno porte... um homem genial... com  
uma capacidade excepcional... que não teve a sensibilidade  
de perceber... que a dimensão da empresa estava se  
335 modificando... a empresa era de grande porte e tinha que...  
ser organizada de forma diferente... e ele ainda usava... os  
métodos concernentes a uma empresa pequena... e... por  
isso... ela apresentou... durante quinze anos... resultados  
profundamente negativos... qual era a sua pergunta?
- 340 AL: você já respond/ já...  
Inf: já respondi?  
AL: posso fazer uma pergunta? você disse... uma vez... em aulas  
passadas... que...  
Inf: hein?
- 345 AL: a empresa... querendo ou não... ela tinha que crescer...  
Inf: não... eu não... eu acho que não disse isso... não... ou... se eu  
disse... me enganei ou... ou não soube me expressar... uma  
empresa... mesmo que ela não queira... ela vai crescer?  
AL: é... mesmo... porque essa empresa pode ser mínima... mas ela  
350 tem que crescer...

- Inf: ela terá que crescer...  
[  
AL: uma opção dessa empresa...  
Inf: ela terá que crescer... eu me recorde de ter comentado isso  
355 com vocês... por uma questão de sobrevivência... ainda mais  
uma empresa... em que... participa-se... há... de três por cento  
no mercado... a sua participação no mercado... seja de  
fabricação... seja de vendas... é de três por cento... agora... se  
esse mercado... a tendência populacional... é... é elevada... é  
360 de crescimento elevado... se o poder aquisitivo é maior... se  
ela não acompanha pelo menos o crescimento da população...  
ela... daqui a algum tempo... daqui a cinco anos ela não terá  
mais três por cento... ela terá um e meio... ((vozes)) então...  
365 ela tem que... ela não tá crescendo... ela está acompanhando  
o crescimento do mercado... porque se ela não o  
acompanhar... daqui a pouco ela vai morrer... ela vai  
desaparecer... mas o crescer... aqui... significa uma coisa um  
pouco diferente... é você sair de uma estrutura e passar pra  
370 outra... é você sair de adolescente e chegar a um homem  
maduro... você pode não querer se... assumir isso... há  
algumas empresas que não aceitam a mudança da sua... há...  
posição... vamos... é... também... a um exemplo prático... o  
caso do Bob's... o Bob's era uma empresa de que tamanho?  
375 vocês acham que o Bob's... aqui... do Rio de Janeiro...  
AL: médio porte...  
Inf: era... mais ou menos... de que dimensão? ((vozes  
misturadas))  
AL: pequeno...  
380 AL: pequeno porte...  
AL: pequeno não... grande...  
AL: era?  
Inf: era...  
AL: em comparação com a empresa brasileira era de médio  
385 porte... ainda é... no caso...  
AL: pequeno...  
AL: médio...

Inf: era de médio porte? não... uma empresa... o Bob's era uma empresa de pequeno porte...

390 AL: dentro de pequeno porte... ela era maior...

Inf: embora... dentro do ramo... ela fosse... é... é a melhor e a maior... era uma empresa de pequeno porte... mas chegou um determinado momento... há... no ano passado... EM QUE... a sua administração se defrontou com um problema muito grave... ou a empresa abandonava a sua estrutura de pequeno porte... e passava a ser uma empresa de médio porte... ou... então... essa empresa... ia acabar desaparecendo... por que razão? porque ela possuía uma administração muito pequena... o controle... era o controle... feito... diretamente... pelo seu proprietário- presidente... a empresa tinha três ou quatro pessoas na sua direção e... aproximadamente... dezoito... há... filiais... onde... gerentes... empregados chamados de gerentes... tinham uma determinada função... mas não tinham uma autonomia gerencial... era apenas... o chefe daquele setor... o gerente é muito mais do que um simples chefe... ele tem uma autonomia... administrativa... ele tem uma... há... delegação de autoridade... e... portanto... ele tem uma parcela de poder... coisa que... em relação às lojas do Bob's... isso não existia... porque o gerente... apenas... era o encarregado do cumprimento das tarefas... ele não podia admitir ninguém... o critério de admissão... de seleção... de promoção de pessoal... não era dele... ele não tomava... nenhuma... há... deliberação importante... não tinha nenhuma iniciativa... ele... apenas... controlava... as tarefas... previamente fixadas... o que aconteceu com o Bob's? ele foi crescendo e... num determinado momento... ele paralisou... estacionou... por que que ele estacionou? porque para crescer mais do que isso... era preciso... criar uma nova estrutura... se o Bob/ Bob's pretendesse ampliar a sua área de atuação no estado do Rio... chegar a São Paulo... portanto ampliar a sua participação no mercado... não eram três ou quatro pessoas que poderiam continuar dirigindo... era preciso produzir aqui... neste nível... uma... há... direção intermediária... uma

60

25  
administração de porte... há... intermediário... de nível intermediário... portanto... uma administração... aqui... que seria a... há... o elemento de ligação entre já e a administração superior... que vamos chamar de ordem direta ou administração de nível inferior... pra isso... era preciso delegar autoridades e os seus dirigentes não quiseram... eles acharam que... preferiam manter aquela pequena estrutura... porque não queriam perder o controle da empresa... eles consideravam que... o processo de delegação de autoridades significaria a possibilidade de outras pessoas... que não sócias- proprietárias... portanto a FAMÍLIA... dirigisse o negócio...

425 AL: mas isso é uma mentalidade muito limitada para um empresário...

Inf: se é... era uma questão de opção... pretendiam permanecer nessa posição... acontece que aí... vem uma empresa maior vem uma empresa multinacional e chega... e convIDA... aquela empresa de pequeno porte a... uma negociação... e pergunta... "(vo)cê tem interesse em vender o negócio?" e... normalmente... a empresa de pequeno porte diz: "não... não quero vender o negócio"... "mas... como? mas nós queremos comprar"... começa ali... uma fase de negociação... uma fase de barganha e... depois... uma fase de pressão... a multinacional acaba... finalmente... chegando para a pequena empresa e dizendo o seguinte... "eu vou entrar nesse negócio... se você não me vender... eu tenho poder... eu tenho estrutura... eu tenho... há... recursos pra montar um negócio igual ao seu... e posso concorrer com você com muito mais "know how"... com muito mais conhecimento... com muito mais recurso... posso concorrer com você e te derrubar... então... a proposta que eu faço é a seguinte... ou você me vende o negócio... pra mim é melhor... ou eu vou instalar... há... uma... pequena empresa... com os meus recursos... e acabo com você"... diz a Irlana... aqui do lado... "é chantagem"... não é?

440  
445  
450  
455 AL: não é questão de ser chantagem...

51

- 460 Inf: mas... não é... é chantagem... mas não é um direito dele também?  
 AL: se ele quer... de qualquer maneira... comprar... é um direito dele...  
 Inf: ele não é... não tem direito de instalar alguma empresa?  
 465 AL: ah... tem todo direito... ninguém vai poder mandar ele embora...  
 Inf: não resta dúvida que o tipo de negociação não é muito ético... mas ocorre... pode-se dizer até que ele... não digo imoral... mas seria amoral... isso vai... realmente ocorrer... que que fez o Bob's? vendeu a empresa pra Nestlé... a Nestlé... o ano passado... comprou... o que que normalmente fazem as multinacionais quando elas não agiam... por este tipo de negociação? a multinacional não utiliza esse recurso assim tão radical como eu... quando eu tava expondo...  
 475 AL: mas foi isso que aconteceu... não foi... com o Bob's?  
 Inf: foi... o Bob's não se interessava mais... não queriam crescer... e eles perceberam o seguinte... qual era... quais as alternativas que possuíam? ou cresciam... ou ficavam parados... e sofriam a concorrência e a competição... ou... vendiam a empresa... venderam... optaram pela terceira alternativa... ainda mais que já tinham tido uma experiência... que é a concorrência que os abalou... que foi a implantação da cadeia... eh... de lanchonetes do Rick... o Rick... abalou o Bob's... o Bob's estava tranquilo no mercado... numa posição... há... absolutamente segura... por que que o Rick não cresceu? o Rick não cresceu... ou melhor... por que que o Rick não vingou? ele não vingou porque cresceu rápido demais... também assunto que nós já debatemos em aulas anteriores... o crescimento muito rápido da empresa pode fazer com que ESTRUTURA... com que foi criada... não seja adequada... e isso se torna bastante perigoso... então... vejam bem... há... o Rick concorreu e competiu com o Bob's e retirou uma parte da clientela... a imagem do Bob's ficou sendo... assim... de uma empresa...  
 495 há... de uma organização um pouco antiquada... o Rick era

- moderno... o Rick veio com uma promoção... uma propa- 26  
 ganda... tanto assim que o Bob's... logo depois... foi obrigado a se ajustar à nova realidade... ele não fazia propa-  
 500 ganda... há... nos rádios... ele nunca fez propaganda em qualquer veículo... passou a fazer... há... o Bob's limitava-se a venda dos seus próprios artigos... ((vozes)) o Rick começou a vender artigos... há... refrigerantes de outras empresas... o Bob's foi obrigado... também... vender Coca-cola... vender o... guaraná... outros refrigerantes... por quê? porque a  
 505 concorrência começou a ser maior... mais aciRRADA... se tornou a competição... com isso... ele foi obrigado a... se adaptar ligeiramente às novas realidades... mas percebeu que a sua forma de organização tinha que ser alterada... nesse momento... as multinacionais começam a... perceber que esse  
 510 tipo de mercado ainda estava praticamente inexplorado... e elas ameaçam entrar no mercado... e a Nestlé acaba entrando no mercado... e o Bob's... então... é vendido... eu dizia a vocês... a posição da multinacional... nem sempre é tão...  
 515 ch... radical... por que que nem sempre ela é tão radical? embora ela tenha recursos... estrutura... organização... a proposta dela... não é... apenas... assim: "ou você me vende o negócio... ou eu... há... te derrubo"... normalmente... ela chega... para... o pequeno... empresário e pergunta a ele se ele quer vender... ele diz que não... aí... ela começa a mostrar  
 520 a ele a verdadeira realidade... diz o seguinte... "você... aqui... é pequeno... QUANTOS ANOS você vai levar... dentro do seu planejamento... por mais otimista que ele seja... pra se transformar... numa empresa de grande porte? será que você vai chegar a uma empresa de grande porte? quanto tempo  
 525 você vai precisar pra chegar a esse tamanho? isto é... você pode vencer da... toda a etapa da adolescência e chegar direto da infância à idade madura...  
 AL: rapidamente...  
 Inf: rapidamente? ((vozes misturadas)) é um processo lento...  
 530 AL: pode ser mais rápido do que outras pessoas... né?  
 Inf: pode ser mais rápido do que outras pessoas... sem dúvida...

- AL: mas tem um limite...  
 Inf: mas ele tem um limite... qual é o tempo? vinte anos... trinta anos... cinquenta? será que chegarei?
- 535 AL: será que chegará?  
 Inf: aí... que entra a multinacional e diz assim... "olha... eu... faço um negócio com você... você é uma pessoa capaz... você montou a sua empresa... ela tá funcionando bem... você teve muito sucesso... mas você vai levar vinte ou trinta anos pra realizar os seus sonhos... pra re/ atingir os objetivos... que
- 540 você mesmo fixou... eu te proponho o seguinte... eu compro PARTE da empresa... cinquenta e um por cento das ações da empresa e você continua com quarenta e nove por cento das ações... e faço mais... você continua dirigindo a empresa e eu
- 545 dou... a você os recursos que você precisa... a tecnologia... tudo que você quer... para... diminuir essa... esse tempo... a defasagem vai ser muito menor"... cap/ qual será a resposta da pequena empresa?
- AL: aceita...  
 550 Inf: por que aceita?  
 AL: porque é um pouquinho tentadora... a proposta... né?  
 Inf: porque a proposta é tentadora... e... acima de tentadora... é a única alternativa que te resta... porque senão ele... vai acabar... a... a multinacional acabará por montar uma grande empresa...
- 555 AL: foi isso que aconteceu com o Bob's?  
 Inf: não... o Bob's... não... o Bob's vendeu totalmente...  
 AL: mas foi assim... foi assim que aconteceu?  
 Inf: mas por que que as multinacionais agem assim? porque
- 560 interessa também a ela... manter uma equipe que tá dando certo... por que que eu vou... se sou... se... há... multinacional... por que que eu faria... há... o treinamento do pessoal... implantar um negócio... procurar gente? então... eu vou deixar... a direção daquele negócio com as pessoas que... efetivamente são capazes... porque já conhecem o mercado... cresceram com a empresa... dou... portanto... uma associação a essas... empresas... dou uma associação... a essas... há...

- organização... que tá crescendo... e... dou ainda uma perspectiva muito maior... uma perspectiva muito melhor... por quê? porque esse indivíduo... esse presidente... esse dono da pequena empresa... que esTÁ... há... sonhando desejando... querendo atingir a uma... empresa... há... a um tamanho... que ele sabe que ele vai levar de vinte a trinta anos... ele passa a se incorporar a um grande negócio... a sua ambição é imediatamente despertada... ele poderia ser presidente... daquela empresa... mas... se ele for um sujeito muito bom... ele será o presidente dessa empresa durante uma temporada... mas ele terá ainda uma escalada pela frente... ele tem um caminho enorme e... daqui a pouco... ele... dentro da multinacional... ele passa a galgar outros postos... outros níveis mais elevados... então... é óbvio... que a proposta passa... a ser tentadora... e pra multinacional também é um bom negócio... por quê? porque... ela entrega a direção a quem realmente... está APTO a exercê-la... para aquele pequeno... há... empresário também é um bom negócio... porque... ele ficar com quarenta e nove por cento das ações... e o crescimento... a valorização do negócio dele representa... também... o ganho... a s/ valorização do seu próprio negócio... do seu próprio dinheiro... do seu próprio investimento... ele vai continuar fazendo tudo com a mesma dedicação... porque é o dinheiro DELE que tá ali... é o negócio DELE que vai crescendo... pronto... Fred... ( )
- AL: então... o poder final desse pequeno fica na mão da multinacional...  
 595 Inf: claro que o poder...  
 AL: ah... não...  
 AL: o quê... hein?  
 AL: o poder  
 Inf: é claro...  
 600 AL: então... esse pequeno comerciante vai ter que partir o poder... é lógico... né?  
 Inf: O PODER... é transferido...  
 AL: será que o cara da pequena empresa vai querer transferir esse

Ing.

- 605 AL: poder?  
AL: é lógico...  
AL: ele assim... de frente... obviamente ele aceitou...  
Inf: é claro... mas ele tinha outra alternativa ou não?  
AL: numa de enfrentar uma multinacional... ele ia ter um risco muito grande...
- 610 AL: é...  
Inf: é um risco muito grande? só é risco...  
AL: só é risco...  
AL: assim ele se mata... é suicídio...  
Inf: é praticamente um suicídio... realmente é um suicídio...
- 615 AL: ou você aceita a... a briga... ou você...  
Inf: mas você não pode... Fred... você não pode brigar... a história de Davi e Golias é... é bíblica... mas eu não acho que possa... hoje... há... funcionar nesses termos...  
AL: essa multinacional... ela se acha numa daquele esque/ aquele esquema... se correr o bicho pega... se ficar o bicho come...
- 620 AL: então...  
Inf: você acha que uma empresa de pequeno porte... tem condições de competir com a de grande porte? ((vozes)) você acha que o armazém consegue derrubar o supermercado?
- 625 AL: mas aí... mas... aí... você vai... você vai de encontro... ter que ir toda uma filosofia de administração... veja bem... você tem a multinacional... até que ele comece a implantar uma... uma empresa... mesmo com os maiores recursos que ele tem e a tecnologia e tudo... essa pequena empresa de pequeno porte...
- 630 AL: [ ]  
Inf: psiu meninas...  
AL: se ela... se ela aceitar a briga... entendeu... e pegar recurso e tudo... ela vai tá na frente e... ao passo que essa que vai começando... entende... vai... fica na posição provocativa e não tá por cima... porque...  
Inf: mas... aí... você tá... você...  
AL: ( ) sugeriram isso pra ela porque realmente ela tava num...  
Inf: mas... Fred... você...

66

- 640 AL: é uma opção muito pessoal... é uma opção muito pessoal...  
Inf: Fred... você há de convir... que... há... esse crescimento... que você está imaginando... tá muito rápido...  
AL: é...  
Inf: a multinacional abrir cinquenta lojas...
- 645 AL: é... um absurdo...  
Inf: e em um ano... a pequena empresa também conseguir fazer isso... ela não consegue fazer isso... ela não tem recurso...  
AL: sim... mas se ela aceita a concorrência... entendeu... se ela aceitar... realmente...
- 650 AL: se ela aceitar a concorrência...  
AL: esse desafio...  
Inf: ela... dificilmente... ela estará com condições... veja bem... não é de sobreviver... quando eu digo... o armazém pode derrubar o supermercado? não... agora... não significa que ele não tenha... há... LUGAR... a pequena empresa vai continuar existindo... sem dúvida que vai... haverá sempre um lugar pra pequena empresa... o PROBLEMA... é você... ser pequena empresa e chegar... por hipótese... à multinacional... quando... JÁ EXISTE uma outra multinacional no mercado...
- 655 AL: concorrendo... você pode continuar existindo... não há a menor dúvida disso... o que vai ser impossível... é o seu crescimento... você terá que se conformar em ser... há... um adolescente ou uma... uma elemento da segunda infância a vida inteira... você nunca chegará à maturidade... e aquilo que tá se oferecendo é... pular uma etapa... pular uma passagem...
- 660 AL: acho que a própria resolução da pequena empresa sofreu isso...  
Inf: não há outro remédio... não há outra alternativa...
- 670 AL: nem se...  
AL: ma/ ma/ ma/ ma/ mas... não há... não...  
Inf: é subjetivo... não... ele é até muito objetivo...  
AL: se é...
- 675 AL: eu jamais... se eu... eu tenho uma empresa... deixaria o

67

- Inq.
- poder... se eu sempre tive o poder de decisão... ou dividia esse poder de decisão com outra empresa...
- AL: mas... na verdade... cada uma é uma mentalidade... cada um tem uma visão...
- 680 Inf: olha aí... viu?
- AL: no caso... vamos supor... ele vendeu... ele não precisa ter visão ou não...
- AL: é lógico que pode...
- AL: ele... ele que quis... quer dizer ( ) decidiu vender... Inf: você não venderia? ((vozes))
- 685 AL: eu não venderia...
- Inf: você não venderia... e as duas... então... que são representantes de multinacional... que fariam em relação a você?
- 690 AL: abre... abre a: concorrente...
- AL: abre uma concorrente...
- AL: abre a concorrente... lógico...
- AL: com muito mais ma/ com muito mais "know-how"...
- AL: tem bem mais condições de dinheiro....
- 695 AL: tudo...
- AL: não fica um exemplo mais prático...
- Inf: e aí... que que aconteceria com você?
- AL: e... aí... você não teria nem condições de concorrer... ((vozes))
- [
- 700 Inf: que que aconteceria com você?
- AL: você não teria condições de concorrer...
- AL: você também vai colocar... quer dizer... porque aí passa a ser um desafio...
- Inf: sim... é um desafio...
- 705 AL: mas aí é uma multinacional...
- AL: hein?
- AL: já é uma multinacional...
- AL: mas... aí... é que tá... se você tem... quer dizer... o incentivo...
- Inf: qual é a arma que você tá usando? atiradeira... e ela? o raio laser...
- 710 AL: mas a multinacional parece até um fantasma... você tem

- 24
- que...
- AL: não... é fantasma apenas na teoria... na prática você sabe que não é bem assim...
- 715 Inf: mas... VAMOS... VAMOS continuar debatendo... o que que (vo)cê faria? as duas... são multinacionais... ela... você tem dez lojas... elas abrem...
- AL: elas não tem nenhuma...
- Inf: hein?
- 720 AL: elas não têm nenhuma...
- Inf: elas não têm nenhuma... mas elas têm recursos e você não tem...
- AL: pois é...
- Inf: certo? que que você espera que elas façam? ((vozes)) que que você espera que elas façam?
- 725 AL: ah... se eu aceito o desafio... eu vou tratar de arrumar recurso...
- Inf: sei...
- AL: então... não... não...
- 730 Inf: você vai arranjar recursos dentro das suas limitações... né... Fred? você não vai lá na porta do banco e ele dizer assim... "eu empresto... dentro dos riscos..."
- AL: ( )
- Inf: ô...
- 735 AL: ( )
- Inf: Fred... mas no momento em que elas abrem dez... quinze ou vinte lojas ao lado da sua... em cima das suas lojas... elas têm fonte de matéria prima... elas têm condições de perder dinheiro durante seis meses... você não tem... é o armazém... o supermercado pode perder dinheiro durante seis meses... o armazém não pode... tem... todo mês... que tá pagando... ela... multinacional... da mesma maneira que os supermercados... vai lá nas fontes de abastecimento pra comprar diretamente do produtor... e você vai comprar aonde? no intermediário... o seu custo operacional vai ser mais caro... a concentração em conglomerado vai permitir que ela tenha uma economia operacional... um custo

- operacional mais baixo... por que? porque ela já tem equipe... ela já tem centro de processamento de dados... ela tem todo um sistema de controle implantado... ela tem equipe pra selecionar... treinar pessoal... enquanto que você... tá fazendo tudo isso sozinho... então... quanto tempo você duraria?
- 750 ((vozes)) você pode durar a vida inteira desde que você se conforme... a permanecer no seu tamanho... mas... seria praticamente impossível... que você tivesse condições de enfrentá-las... e... dentro de alguns anos atingir o mesmo porte... que ela... já possuem agora... fica muito difícil... fala...
- 755 AL: fica... eu acho o seguinte... a... a empresa de pequeno porte não ia exercer uma certa atividade... um pouco limitada...  
Inf: claro...  
AL: do que a multinacional... quer dizer... ela não ia se aguentar durante muito tempo...  
Inf: não...
- 760 AL: e ia ter prejuízo porque ia ser impossível ela manter uma concorrência... não é isso?  
Inf: a não ser que ela conseguisse pegar uma pequena faixa do mercado e ficar ali... é claro...  
AL: ah... entendi...
- 765 Inf: o armazém não funciona até hoje?  
AL: de uma determinada... até hoje...  
AL: nas cidades não funciona mais...  
Inf: aqui... no Rio... você ainda encontra armazéns...  
AL: não...
- 770 Inf: em grandes cidades (vo)çê ainda encontra...  
AL: em Friburgo... assim...  
Inf: nas zonas sul? (vo)çê ainda encontra...  
AL: ( )
- 775 AL: armazém não... mercearia...  
Inf: tá bom... mercearia...  
AL: é um nome mais bonitinho...  
Inf: pra que que serve a mercearia?  
AL: quebra-galho...

- 50
- Inf: quebra-galho... então... ela se conformou em ser apenas...  
785 hã... eh... ter um mercado de: fornecimento rápido... ela não tem condições de imaginar que um dia vai ser um supermercado... não tem estrutura... não tem condições pra isso... você poderia... Fred... aí... sim... dizer... "ah... mas em outra época... todos os armazéns... não existia supermercado... todo mundo era do mesmo tamanho"... aí... eu concordo... mas... aí... você não tinha a concorrência de uma grande em cima de uma pequena... todos eram do mesmo tamanho... é aquilo que eu dizia na aula passada... uma coisa... é você ter dois alunos que se formam saindo daqui... do padrão zero... a outra é... no dia que você receber o seu diploma... você ter seu apartamento... você ter seu automóvel... este daqui... que tá... só com o diploma... ele vai levar quanto tempo pra comprar o apartamento dele e o carro... pra chegar... portanto... nesse nível aqui... dentro de 800 uma escala? dez anos... por hipótese... ou cinco anos ou quatro anos... acontece que você... que já tem o carro... que já tem o apartamento... você não ficou parado... quando este daqui... o b/ chegar... dez anos depois... a esse nível... você já tá aqui em cima... ô...  
805 AL: dez anos é pouco...  
Inf: você já possuía toda essa infra-estrutura... então... você já avançou... então... você poderia me dizer... "bom... mas esse camarada parou... bom... se ele parou é porque não teve nenhuma visão administrativa"... aí... é porque ele tinha a competição... e o crescimento dos outros... mas... 810 dificilmente isso vai acontecer... dificilmente isso vai ocorrer... é lógico que o fenômeno se... eh... repete exatamente... ((ruído)) em termos de empresa... em termos empresariais... é a mesma coisa... se eu tenho uma empresa... já possuo uma infra-estrutura... já tenho um tamanho... já tenho recurso... já tenho um determinado potencial... é óbvio que essa outra... até atingir um tamanho... se va/ se conseguir 815 atingir... a outra já tá muito longe... há uma distância enorme... até mesmo entre empresas... de grande porte como

- 820 as multinacionais... vocês se recordam que eu dizia aqui que o... Henry Ford segundo... quando recebeu... há... em mil novecentos e setenta e quatro... o título de... há... o homem...há... de negócios de maior visão nos Estados Unidos naquele ano... ele dizia que a Ford atingira a um tamanho que... seis anos antes... a General Motors já conseguiu atingir... portanto... a busca pela... pelo primeiro lugar... pra chegar na frente... continua... mas é difícil... é lento... o negócio... você não consegue mudar rapidamente...
- 825 AL: só com alguma estratégia... não é?
- 830 Inf: só com uma estratégia... pela quebra de... há... de uma outra empresa... é feito uma corrida de Fórmula Um... há... dois carros disputam o primeiro lugar... aquele que sair em primeiro... na "Pole Position" levou a vantagem... esse aqui saiu... por hipótese... quatro segundos depois... o carro B... 835 quantas voltas eu vou precisar pra poder tirar essa diferença de quatro segundos... se o carro número um continuar tendo um bom desempenho? ele passa... assim na hora? quantas voltas ele leva pra poder atingir?
- AL: depende do piloto...
- 840 Inf: depende do piloto... depende de quem está administrando... mas depende do carro também...
- AL: é claro...
- Inf: ninguém discute que o Fittipaldi é um excelente piloto... todos continuam... há... acreditando tecnicamente no Fittipaldi... mas o carro não ajuda né? o carro não passa ninguém... passa quando os outros quebram...
- 845 AL: o carro é bom...  
Inf: o carro é bom?  
AL: é lógico...
- 850 Inf: é bom?  
AL: o problema... o problema é o motor...  
AL: quando está correndo várias corridas...  
Inf: então o carro não é bom... pô...  
AL: o carro é bom...
- 855 Inf: se (vo)cê tá dizendo que o carro é bom... o problema é o

- motor... o carro não é bom...]
- AL: é que tem desnive! no motor...((risos)) não... porque todo carro de For/ de Fórmula Um tem o mesmo motor...
- 860 Inf: hum? só que o dele ele não conseguiu ajustar?
- AL: é... por causa do...
- Inf: enfim...
- AL: é... não interessa...
- Inf: existe alguma coisa que ele não consegue disputar nada... agora... os dois carros estão correndo... e você observá isso numa... numa corrida de Fórmula Um o que acontece? mais ou menos... de um segundo por volta... você consegue ganhar a diferença... então... tem assim... diferença entre primeiro e segundo colocado... é de cinco segundos... você vê que o segundo tá desenvolvendo mais... na... outra volta... a diferença vai cair pra quatro segundos... então... a expectativa é de que... daqui a quatro voltas eles comecem a disputar... porque esse primeiro não parou... agora... se o primeiro quebra... aí... aquele pegou a posição primeira... é a mesma coisa que em termos de empresa... a diferença... pra ser tirada... de cada segundo... de cada percentual do mercado... é uma diferença que demora... custa... você sofre... é que você corre risco... se esse aqui... primeiro... tá correndo a uma velocidade MÉDIA de... duzentos quilômetros a hora e tá em primeiro lugar... e vem o camarada que vem em segundo lugar... e que tem... portanto... uma distância de quatro segundos entre o primeiro e o segundo...
- AL: se ele continuar com a mesma velocidade...
- 885 Inf: se ele continuar com duzentos quilômetros... ele vai manter essa diferença de quatro segundos sempre... então... ele vai ter que imprimir uma maior velocidade... ele não pode ter duzentos quilômetros... ele vai ter que ter duzentos e vinte... tá? agora... duzentos e vinte... o risco que ele tá correndo é muito maior do que duzentos... porque... talvez... duzentos seja... seja o limite... é... máximo de segurança... a partir

895 dali... o risco já é muito maior... então... você vê a grande dificuldade... que é... a... etapa... eh... vencer essa etapa... ganhar cada segundo... cada instante... cada minuto... isso realmente é muito difícil... por isso é que é indispensável que você... se situe bem... que você conheça o seu carro... que você conheça sua empresa... a sua potência... qual é a velocidade... que você pode imprimir à sua empresa... ao seu carro... que você pode crescer... que você pode ganhar ou vai perder... dentro do exemplo que você dizia... de pequena empresa e uma multinacional... é a mesma coisa que você entrar com um Volkswagen numa corrida de Fórmula Um... quais são as suas possibilidades?

AL: nenhuma... nenhuma...

905 Inf: nenhuma? certo... mas não significa que você não chegue lá... AL: é... porque eu posso até ganhar de um carro de Fórmula Um que quebrar... entendeu... se quebrar...

AL: mas aí... vai ter que quebrar todos...

Inf: se... não é? se... se... se... se... no terreno dos "ses"

910 AL: é... eu vou quebrar...

Inf: não significa que o Volkswagen vá quebrar...

AL: ele chega na frente...

915 Inf: ele pode... ele vai na velocidadezinha dele... tá? haverá lugar na pista pra ele... ((vozes)) não vai ser eliminado da pista... a não ser que ele queira correr demais... competir... aí... a coisa é complicada... mas ele pode andar ali... ó... nos seus cem quilômetros... no máximo... e o Fórmula Um vai passando por ele... tranquilamente... ele não vai ser eliminado... mas ele não vai conseguir superar todos os Fórmula Um... é exatamente o problema da pequena empresa em relação à grande empresa...

920

925

PROJETO NURC/RJ

INQUÉRITO 379 - BOBINA 120 - INF 469

Tipo de entrevista: elocução formal (EF)

Duração: 35 minutos

Data do registro: 28/04/18

Tema: Aula de Geografia Econômica, Industrialização Japonesa

Informante: sexo feminino, 39 anos, professora, formação

universitária: Economia, carioca, filha de pais

cariocas, área residencial: Zona Norte e Zona Sul.

- 1 Inf.: bom... a gente vai ver hoje... Andréa... o: problema da industrialização do Japão... como? Vocês vão ver pelo livro... né... que vai dar bem mais detalhes desse tipo de curso... o que eu vou tentar fazer hoje não vai ser só na aula de hoje...  
5 que Japão merece mais... hoje vou dar uma introdução... tentando localizar as principais diferenças práticas do início da industrialização no Japão... e dos Estados Unidos Atualmente... Bom... então... voltando um pouquinho atrás... nós vimos que o início da industrialização nos Estados  
10 Unidos... se deu de uma maneira direta... né... decorrente... de uma aplicação de excedente... europeu... no início da industrialização dele... encontramos lá... no território... dos Estados Unidos... condições geográficas favoráveis... condições de população... favoráveis... quer dizer...  
15 constituindo uma força de trabalho... GRANDE e na medida... necessária... ao desenvolvimento... harmonioso que... desenvolvia nos setores... e os capitais... como nós já vimos... tanto equipamentos como capital estrangeiro... eles foram... ch... quase que linearmente aplicados... na economia americana... e conseguiu então essa trinca dos recursos  
20 favoráveis... de uma força de trabalho... preparada... e de... uma injeção de capital... grande... com que a economia realmente conseguisse... se desenvolver normalmente e então por isso é difícil... a gente não entender... como a economia americana chegou assim... quer dizer é muito claro porque ela  
25

## PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 124 —BOBINA Nº 43 —INF. Nº 150

*Tipo de entrevista:* elocução formal (EF), *Duração:*  
45 minutos.*Data do registro:* 28/11/72.*Tema:* Influência da língua na personalidade do indivíduo  
(aula universitária).*Informante:* homem de 51 anos, casado, professor universitário,  
paulistano, filho de pais paulistanos.  
2ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) relacional... não é?... que está subjacente no  
comportamento... e de certa forma... influencia esse  
comportamento... na última parte... das das aulas de  
5 terça-feira passada tinha muito pouca gente ... mas  
você não viram então um texto que eu analisei... de  
Benjamin Whorf sobre os *hopi* - - quem estava aqui?  
((vozes)) então quem me diz alguma coisa vamos  
ajudar os colegas -- ... qual é a diferença entre a forma  
de pensar dos *hopi* e a forma de pensar dos  
10 indivíduos que pertencem... a grupos integrados na  
tradição cultural do ocidente... ((vozes)) ham?...  
((vozes))
- Loc. acidental* éh... éh que os... parece que os *hopi*... eles  
aceitam as... regras sociais... como se fosse coisas  
15 deles... e no ocidente a gente medita mais como uma  
coisa que... que tem histórico...
- Inf.* você já está saltando sobre o aspecto lingüístico para  
chegar nas conseqüências não é?... mas...
- Loc. acidental* eles não têm passado nem futuro... ((vozes))
- 20 *Inf.* certo... não existe passado presente e futuro... agora  
me diga uma coisa... eles não têm idéia então  
ninguém se casa por exemplo marca a data do  
casamento e não se casa porque não tem idéia do  
futuro?... ((vozes)) como é a his/... como é a história?...
- 25 *Loc. acidental* a forma de expressão deles... é pelo  
presente... se por exemplo uma... uma planta está::  
verde... isso tem relação assim está se referindo ao  
passado a planta está verde... ou ela vai ( ) amadurecer
- Inf.* certo
- 30 *Loc. acidental* mas tem uma denominação especial para  
aqueles casos... no naquele momento... e não um

estado referindo ( ) passado  
*Inf.* exato... a o *hopi* diz... não há idéia então... de um  
35 *CONTINUUM*... compreendem?... isto é alguma  
coisa que se perde numa perspectiva infinita às nossas  
costas... que é o passado... alguma coisa que é um  
ponto onde nós estamos... certo?... e alguma coisa  
que se dirige... para um horizonte e se perde no fim  
do horizonte... que nós chamamos de futuro...  
40 certo?... isto é... como eu disse a vocês... uma das  
idéias fundamentais no ocidente... é a idéia de  
viagem... a idéia de peregrinação... nós podemos  
aproximar isto então... da literatura religiosa do  
ocidente... “nossa vida é uma via/... é uma viagem  
45 pelo vale de lágrimas”...-- vocês já não ouviram  
isso? - - tem alguns católicos que... vão à igreja ao  
domingo... e ouvem sermões não é? esta idéia de  
viagem eu creio que tenha uma importância imensa...  
em todas as mitologias que influenciaram... isto este  
50 todo extremamente complexo... que se chama...  
a civilização ocidental... uma das primeiras ... obras  
literárias... que se conhece da humanidade ... é a  
epopéia de *Gulgamesh* que... foi escrita em língua  
síria... se não me engano ou siberiana não sei em que  
55 diabo de língua foi escrita... e que aliás até hoje se lê  
com agrado... ((tossiu)) em que a:: *Gulgamesh* tem  
um amigo que chama-se ( ) esse amigo... era imortal...  
e ela tinha a simplicidade dos animais... de repente  
ele conhece a mulher e através da mulher... a doença  
60 a morte são lendas... que PREexistiram à elaboração  
da Bíblia... e tiveram uma influência muito grande  
sobre a Bíblia... daí chega a serpente ele vai em  
busca da imortalidade *Gulgamesh*... e a serpente  
rouba a imortalidade dele a serpente se torna imortal...  
65 mas enfim... a estrutura da narrativa é uma estrutura  
de uma viagem... cheia de percalços cheias de aventuras...  
vocês pegam a literatura do Ocidente toda... *Odisséia*  
por exemplo... a *Eneida* ... não é?... há toda esta  
idéia de viagem... isto tem uma influência muito  
70 grande eu creio... - - eu poderia estar chutando aqui  
um pouco - - ((tossiu)) ... isto tem um:: uns  
resquícios desta teoria ((tossiu)) nalguns autores...  
mas em suma eu acho uma coisa muito interessante  
como sugestão como hipótese de trabalho... a idéia de  
75 que a viagem os povos do ocidente... que viveram...

em constantes ... andanças... Europa é uma península  
 da Ásia que sofreu todas as invasões possíveis...  
 então esta mobilidade deu uma certa idéia de  
 mobilidade social ... e de mobilidade no tempo e o  
 80 espaço... até nós chegarmos às idéias de tempo e  
 espaço... que existem na nossa cultura...  
 e que são o fruto da elaboração milenar do  
 pensamento... chegou a uma forma precisa... por  
 exemplo em relação ao espaço... num homem que se  
 85 chamava René Descartes... compreendeu? mas antes  
 de René Descartes houve um outro que chamava-se  
 Leonardo da Vinci... e que deu a forma final a uma  
 noção de pers-pec-ti-va... certo? todos vocês conhecem  
 a Santa Ceia pelo menos... para não falar na  
 90 Gioconda não é?... a Gioconda... segundo Claude  
 Valery... foi o pedaço de tela tecida que mais asneiras  
 ouviu no mundo... todo mundo em Paris chega  
 frente à Gioconda ... e diz asneiras... mas na  
 Gioconda... mas especialmente na Ceia há essa...  
 95 perspectiva... vocês aprenderam ainda desenho nas  
 escolas na minha época ... havia as famosas  
 perspectivas de ponto de fuga vocês aprenderam  
 isso...nas aulas de Desenho?... os pontos de fuga... as  
 coisas que vêm do fundo... até nós... esta idéia de  
 100 espaço... não é universal... por exemplo... em toda  
 pintura egípcia não havia essa noção de espaço...  
 para se representar... o exército do faraó...  
 punha-se a primeira fileira do exército ... num plano...  
 em seguida... acima desta fileira... outra fileira...  
 105 compreende? e assim por diante... na na plástica nas  
 artes plásticas no Oriente e na China ... e no Japão...  
 a perspectiva é diversa... é uma perspectiva em que  
 há um primeiro plano mais nítido e um outro plano  
 que é sempre superior ao primeiro... hipótese de  
 110 trabalho que eu acho um pouco infantil... o fato...  
 dos japoneses e chineses... estarem sempre sentados ou  
 ajoelhados e verem as pessoas numa certa  
 perspectiva... não não funciona isso isto é muito...  
 uma hipótese derivada... de uma psicologia de um  
 115 reforço de situações que eu acho que não explica toda  
 a questão... mas em suma... o que é fundamental  
 é o seguinte as noções de espaço e de tempo as noções  
 de causabilidade... as noções relativas aos problemas  
 fundamentais da existência... que guiam que põem...

120 direções que dão (portas) à ação dos grupos... são  
 derivadas de conceitos... que... radicam vamos dizer  
 que... saem... se não se se não são totalmente  
 determinados são em grande parte determinados...  
 por... hábitos lingüísticos... certo? isto é... voltando  
 125 aos *hopi* ... existe... na mitologia *hopi* ... a idéia  
 é o coração do universo... desta força central derivam...  
 forças parciais... que animam ... tudo o que existe no  
 universo... então... não existe nada de  
 é o coração do universo... então... não existe nada de  
 130 inanimado... vocês encontram em certos manuais  
 sobretudo manuais brasileiros... que estão quarenta  
 ou cinquenta anos em retardo sobre a... os avanços  
 da ciência... vocês encontram a palavra animismo - -  
 já ouviram falar nisso? - -... é uma concepção  
 135 falsa... porque supôs-se... a princípio nos primeiros  
 contatos entre... muitas vezes missionários  
 exploradores e povos de outra tradição que não o  
 ocidental... que eles atribuíam uma ALma...  
 a objetos e a plantas... mas a noção de alma é uma  
 140 noção complexa... é uma noção que foi refinada...  
 através ... da tradição judaica... ahn da filosofia  
 grega... que foi um dos componentes essenciais... do  
 Cristianismo compreendem?... não há uma atribuição  
 de alma a objetos ou a plantas... supõe-se que estas  
 145 plantas... os objetos e o mundo inteiro... é animado  
 de certas forças compreendem?... forças... éh que se  
 revelam em certo momento então elas existem em  
 estado latente ... compreendem?... então há uma  
 espécie de eterno presente... que é um presente  
 150 mitológico... o mito... não é um acontecimento do  
 passado... o mito é algo que aconteceu... segundo...  
 um esquema narrativo... que pode obedecer  
 a variações mas há uma história no mito... mas::...  
 uma vez que se desenvolve este drama do mito... este  
 155 drama não tem fim... porque ele se repete sempre ele  
 é um presente eterno... - - isto ficou claro? - -... isto  
 não é só característico dos *hopi*... é característico de  
 todo grupo... que... tenha ( ) da existência...  
 baseado em mitos ou seja todo grupo humano...  
 160 praticamente... mas alguns... põem ÊNfase... nesse  
 eterno presente... em que ... há forças... ocultas que  
 de repente se manifestam... como diz... ahn  
 Whorf... “não se pode dizer que as coisas vão

165 acontecer... que elas aconteceram... ou que elas  
 acontecem agora as coisas sempre... se  
 E-VEN-TU-AM’’... ( ) ... -- eu procurei no  
*Pequeno dicionário... da língua portuguesa* e não  
 encontrei a palavra eventuar... e em inglês é palavra  
 170 rara eu vi lá ... termo raro... mas ele diz para o *hopi* ...  
 a coisa não surge a existência porque houve um  
 passado que levou a certas... ah ações determinadas...  
 há um presente... em que as coisas então são::  
 contemporâneas... e depois o futuro...hum... certo?  
 175 há um conjunto... de indícios que é necessário  
 interpretar... donde a importância da magia... e da  
 religião... e esses indícios mostram que de repente ...  
 uma força... hum num determinado momento...  
 ((tossiu)) se manifesta... Lévi-Strauss em *La pensée*  
*sauvage*... diz o seguinte... “por que nós supomos  
 180 que o nosso modo... de interpretar o mundo... é o  
 modo verdadeiro?”... e ele encontra no  
 pensamento... de certos grupos... ah selvagens...  
 alguma coisa que está mais de acordo... com a física  
 atômica... compreende?... porque eu acho...eu não  
 185 não estou de acordo com isto -- eu não andei  
 pixando muito Lévi-Strauss para vocês porque  
 senão... vocês não conhecem mas eu há anos que eu...  
 me bato contra o Estruturalismo --... em todo o  
 caso... neste nível de análise... eu creio que nós  
 190 podemos utilizarmos desta reflexão... para um  
 grande número... de grupos humanos... existem  
 então... forças que surgem... que se manifestam  
 então... o verbo entre os *hopi*... tem duas categorias...  
 segundo Whorf... notem que eu não sei... se isto não  
 195 foi completamente transformado pela lingüística  
 moderna... na época em que eu estive nos Estados  
 Unidos... Sapir tinha morrido há pouco tempo e esta  
 corrente... Edward Sapir ( ) era gente que tinha uma  
 importância muito grande na Lingüística ...isto  
 200 ((tossiu)) antes de Jakobson... começar a visitar os  
 Estados Unidos e depois o Estruturalismo lingüístico  
 dominou... acho que a Lingüística de um modo  
 geral... mas::... o que eu quero salientar é que...  
 sem entrarmos em hipóteses... porque a hipótese de  
 205 Whorf... e de ( )... como eu disse a vocês... é a  
 hipótese... que a importância soberana da língua...  
 deriva... talvez de um modo mais claro exis/... no

- século dezoito existiram... indivíduos que ...  
 defenderam esta idéia ( )... e outros... quem deu uma  
 210 feição mais científica foi... Humboldt... a idéia de  
 que o indivíduo PEN-SA... por meio de símbolos  
 lingüísticos... a estrutura da língua... então dita a  
 forma do pensamento... o indivíduo vê ... o universo...  
 215 através dos rótulos que a língua coloca sobre o universo...  
 a ação do indivíduo é norteadada pela língua... há então  
 ... uma influência ... da língua... que é DEcisiva na  
 formação do pensamento... mas... a começar pela  
 própria percepção ... o indivíduo não percebe -- aí  
 220 nós estamos no terreno de vocês -- quem diz alguma  
 coisa sobre percepção?... vocês já tiveram curso sobre  
 percepção?... ((vozes))) ninguém teve?...
- Loc. accidental* segundo ano  
*Inf.* segundo ano...
- Loc. accidental* teve...
- 225 *Inf.* cadê o segundo ano? tem alguém do segundo ano?...  
 bom... mas em todo caso *gestalt* vocês sabem o que  
 é? ... *gestalt*... teoria da *gestalt*... quem me diz o que  
 é *gestalt*... ((vozes)) ahn?... ((vozes)) ahn?...
- Loc. accidental* só o segundo ano
- 230 *Inf.* só o segundo ano? ahn... tem tem alguns do segundo  
 ano que ficaram não é? que... resolveram topar na  
 o o curso ou não? ((vozes)) ahn...
- Loc. accidental* eles estão fazendo prova agora...
- Inf.* ah hoje tem prova?... ah mas porque não não  
 235 avisaram a a gente podia fazer mais um dia então  
 bom... a coisa está tão atrapalhada que não vale a pena  
 atrapalhar mais né?... em suma... vocês todos têm  
 uma idéia geral... do organismo... que é a base e o  
 conceito-chave para o estudo da Psicologia...  
 240 organismo... não é... uma máquina... dotada... de  
 órgão de recepção passiva... de estímulos... e que  
 responde a esses estímulos com passividade vocês  
 sabem disso... o organismo é essencialmente atividade  
 ... então... a percepção não se faz... por uma série de  
 245 sensações que ferem o organismo... todas elas se  
 juntam e dão a percepção... a percepção é aTiva...  
 a percepção... é o dirigir-se... de certas...  
 possibilidades de dar-se conta do universo que existe  
 no organismo... para o mundo exterior... a SE-LE-ÇÃO  
 250 ... ((tosse)) daqueles estímulos que têm importância  
 para o organismo... vocês compreendem isso?...

por exemplo... bom... deixe eu dar um exemplo...  
 bom... um exemplo clássico... um índio... que foi  
 trazido ... de uma reserva... do norte do Canadá...  
 255 para Ottawa se não me engano... uma das cidades  
 canadenses ... levaram este índio a ver tudo pela  
 primeira vez que ele tinha contato com uma cidade...  
 do mundo do Ocidente... quer dizer ele passou por  
 aquilo olhando... de repente ele parou embasbacado...  
 260 ficou olhando... o quê?... um indivíduo subindo num  
 poste elétrico... para consertar... fios... coisa  
 equivalente... esse indivíduo tinha um cinturão de  
 couro ... não sei se vocês já viram isso nas ruas de São  
 Paulo?... não é?... tem um cinturão de couro que  
 265 tem nos calcanhares uma espécie de esporão... então  
 ... ele finca o esporão no... no -- eu acho que isso  
 não há mais em São Paulo porque não há mais postes  
 de madeira os postes todos são de cimento não é?...  
 de concreto... e... vez em quando... vocês  
 270 percebem que eu sou um indivíduo de outra  
 geração já... sou um quadrado mesmo não é?... mas  
 enfim isso também é um::... é um exemplo bastante  
 antigo... é de Franz Boas não é?... digamos mil  
 novecentos e vinte... - - ((risos)) então havia o poste  
 275 de madeira com esse esporão... foi isso que o índio  
 percebeu... vocês compreendem?... porque... na cidade  
 de Ottawa... tudo o que existia... era de tal modo  
 novo... que não podia ser relacionado com a  
 experiência anterior desse índio certo?... quer dizer  
 280 imagine que ele visse pela primeira vez a locomotiva...  
 aquela coisa imensa que se move... com que ele  
 relaciona? com nada de preciso ... a máquina... é um  
 universo estranho a ele... mas ele viu um indivíduo  
 subindo num poste de uma maneira muito fácil ora...  
 285 em toda esta região os índios sobem em certas  
 árvores... por exemplo... certas formas de ( )... que  
 chama-se... em português chama-se boldo parece  
 é uma planta que dá uma seiva açucarada... da qual  
 se faz uma rapadura que aliás é deliciosa e um ...  
 290 uma espécie de melado... então eles sobem até certa  
 altura da árvore e talham... subir numa árvore por  
 meios relativamente simplés como seja esporão... de  
 furo... e uma correia de couro passada na cintura que  
 o indivíduo se apóia na árvore... foi qualquer coisa  
 295 que a experiência anterior do índio permitiu... que ele

compreendesse ele tinha um esquema anterior no qual os estímulos novos podiam ser enquadrados certo?... isto é... para que haja percepção... é necessário antes... que já haja uma organização do campo perceptivo... claro?... quer dizer... é preciso... que haja... um certo modo de estruturar este mundo porque senão as coisas não fazem sentido ... não sei se vocês... ahn conheceram na época em que eu era estudante nos Estados Unidos havia uma voga muito grande de certas coisas... certas piadas ... o que é isto?... alguém me diz?

*Loc. accidental* uma ave...

*Inf.* uma ave?... quem me dá outro palpite? o que é isto?... ((vozes)) vamos fazer mais... é assim... ((vozes)) é uma cantora de ópera italiana vista da caixa do ponto... ((risos e vozes)) a caixa do ponto... ((vozes)) quer ver havia uma outra que era uma girafa passando na janela de uma catedral como era? ... bom mas enfim... há uma série de coisas desta ordem não é?... se nós... não sei se vocês já tiveram ocasião... de pegar... uma fotografia por exemplo... uma fotografia de jornal... vocês PEGam o jornal correm a notícia... correm os olhos sobre as manchetes... as notícias... de repente há uma fotografia vocês olham... e à primeira vista parece um embaralhado de massas... de repente vocês olham e percebem as coisas... já tiveram essa experiência?...

*Loc. accidental* já ((vozes))

*Inf.* o:: ( )... no Canadá também ( )... antes de começar... a aplicar os testes de rocha com esse grupo... ele começou por mostrar fotografias eles nunca tinham visto fotografias na vida... mas de repente ele dizia E ISTO... os índios olhavam viam a coisa ficavam LOUcos de alegria mas gargalhavam de alegria... de PERceberem compreendem?... é necessário então haver antes... uma noção de que é possível representar... objetos tridimensionais em duas dimensões... para a pessoa aceitar a fotografia... e organizar o campo perceptivo... muito bem... voltamos à Lingüística... segundo esta corrente... que alguns chamam escola humboldiana ou escola... ahn Sapir-Whorf ou ( ) ... o principal NExo que liga as coisas... no mundo... a principal maneira de chamar a atenção para os objetos... é o estímulo lingüístico...

340       compreendem?... nós não podemos desenvolver isto  
muito aqui que este curso é introdutório... eu quero  
apenas dizer que evidentemente... esta orientação...  
pode comportar... exageros... eu não acredito... que  
a língua... tenha um papel... TÃO decisivo... na  
345       formação... de toda a estrutura... de percepção  
cognição da própria personalidade do indivíduo...  
que nós cairíamos aí numa dificuldade lógica que eu  
já tinha falado a vocês... nas primeiras aulas que eu  
dei... que é a seguinte... se a língua é tão decisiva...  
350       na formação da mentalidade... como é possível...  
passar-se de um universo lingüístico a outro?...  
compreendem?... eu falo... uma língua... de derivação  
indo-européia... possivelmente eu me entendo com  
um francês... eu me entendo com um alemão... com  
355       um russo... um italiano... como eu vou me entender  
com um árabe?... em que tem uma outra estrutura  
lingüística completamente diversa... ou com um...  
o judeu que fala só hebraico... quer dizer há línguas  
semitas que têm uma outra estrutura uma estrutura  
360       em que há... ahn... formas vazias triliterais... são...  
sempre consoantes... e as vogais são representadas  
por pontos... vocês sabem que ninguém conhece o  
nome de Deus... diz-se... Iavé... Jeová ... mas é... o  
correspondente ao... na nossa... no nosso alfabeto a  
365       um i... ao h e a um v... como se pronunciava isto... há  
várias tentativas de reconstrução... vocês sabem que  
as línguas... têm estruturas muito diferentes eu falei...  
no caraíba... no no caraíba das Antilhas que eu  
cheguei a conhecer um pouco... essas... línguas...  
370       polissintéticas aglutinantes... em que a palavra  
desaparece como palavra-palavra... e inclui aquilo que  
nós chamamos comumente de verbo... inclui...  
variantes de local... de tempo de privação... ou de  
adjunção... enfim a palavra é uma frase em si  
375       própria... lembrem-se daquela frase que eu disse não  
é? o... meu amigo Sabago... onde está ele ele esteve  
procurando o senhor por toda parte... se deveria  
traduzir... o... estão procurando DEle... pelo senhor  
... está em em toda parte... quer dizer a frase  
380       inteirinha eram duas palavras só em caraíba... não sei  
se cheguei a pôr isso na pedra... não eu dei uma  
outra coisa SEM que se pudesse ter previsto antes  
eu acho não é?... então... vocês vêem... que... existe

- 385 uma importância muito grande ... da estrutura lingüística subjacente à ação por quê?... porque a língua... designa certos aspectos da natureza... ela articula ações... a língua... organiza... o mundo dos atos humanos significativos... mas não se pode dizer... que a língua transmite todo o sentido profundo de uma
- 390 cultura... eu não vou entrar nesses argumentos é uma coisa que há vinte anos eu vejo discutido eu acho apaixonante... mas... apenas eu coloquei para vocês a questão lógica... lembram-se disso?... Equimênedes de Creta dizia “todos os cretenses são mentirosos” ... certo?... ele estava dizendo a verdade ou a mentira?... quem me diz?...
- 395 *Loc. accidental* a mentira...  
*Inf.* a mentIRA?... mas se ele dizia todos os cretenses são mentirosos ele estava mentindo portanto estava dizendo a verdade... se ele dizia a verdade mentia e se mentia dizia a verdade... como é que nós vamos destrinçar isto ... de Creta e Equimênedes e tudo o mais?... compreendem? ... não se pode construir uma lógica... em que as proposições lógicas... se referem... a SI PRÓ-prias... comPREENdem?... você não pode dizer... eu estou mentindo ou ISTO é mentira... isto é mentira... o quê?... isto que eu disse é mentira... o quê?... isto que eu disse anteriormente é mentira bem... é uma espécie de dízima periódica
- 400 compreendem?... uma classe lógica tem que ser construída... por critérios estranhos À PRÓpria classe lógica certo?... você não pode referir... Equimênedes de Creta cretense... que diz alguma coisa sobre Creta que é decisiva sobre Creta... e que alguém fora de
- 405 Creta dizia qualquer coisa compreendem?... uma classe lógica se constrói com critérios sempre exteriores à própria classe lógica... se não... há uma espécie de... isto no Oriente há um símbolo clássico... a serpente que morde a própria cauda... se alimenta da cauda cresce... então a boca da serpente vai comendo a própria cauda e a cauda vai crescendo porque ela se alimenta da cauda... então... é um círculo fechado em si mesmo... que é um dos:.... símbolos que eu conheço... mais interessante sob
- 410 certas formas... de conhecimento místico... mas nós estamos aqui não tratando da mística...mas da ciência... então... eu diria o seguinte... a língua...
- 415
- 420
- 425

articula de fato a ação... a língua...designa pontos do universo para os quais se dirige a ação humana...  
 430 certos casos são muito claros... lembram-se do que eu disse também na última vez... no que toca ao vocabulário... o fato de existirem... trinta e seis ou trinta e sete palavras na língua esquimó... para designar gelo... isto é evidente não precisa...  
 435 comentar com vocês... ahn que o vocabulário... de um determinado grupo social é determinado por suas atividades... depois nós passamos a este plano mais profundo da organização mental coletiva de um grupo... que deriva da estrutura lingüística... mas ...  
 440 o ponto é o seguinte... a língua... tem esse efeito decisivo?... meu amigo Joseph (Winter)... uma vez teve um argumento... me pareceu na hora de... muito contundente... ele estava conversando com um lingüista francês... e disse o seguinte... “eu acredito que os franceses... estão ainda na fase... do chamado animismo”... os franceses acreditam que cadeiras e mesas têm sexo talvez até namorem (o que) eu não admiro nada dos franceses... porque um francês diz...  
 445 *la chaise*... e quando se refere... a a cadeira ele diz *elle*... portanto esta cadeira... para o francês... é alguma coisa dotada de sexo... porque em inglês NÓS que falamos a língua inglesa... nós somos plenamente... racionalistas... porque nós temos o gênero neutro... e temos então a cadeira para nós é  
 450 *it*... é um objeto inanimado ninguém jamais chamou a cadeira vejam... aí mesmo há certas coisas curiosas... em inglês... a palavra... *ship*... navio... é *re/*... não é *sheep* -- lembram-se disso não lembram? problema não vamos voltar a isto não --... a palavra  
 460 *ship* navio... pertence ao sexo feminino... por quê? eu creio que a:: língua inglesa é uma língua de marinheiros... e... um navio... para o marinheiro não tem a impersonalidade do *it*... é alguma coisa de afetivo e evidentemente vai para o sexo... feminino...  
 465 bom isto me lembra também um exame de alemão que eu fiz... na universidade em ( ) ... em que... alguém foi perguntado sobre... isto é clássico depois eu me ( ) a palavra *mädchen*... em alemão...  
 470 *mädchen* ... que significa moça... menina... como é diminutivo vai para o gênero neutro em alemão mas... ele diz que gênero é esse? respondeu o candidato...

neutro... por que neutro?... ele pensou então disse eu  
 acho que as meninas alemãs pertencem ao gênero  
 neutro... ((risos)) o que eu quero dizer com tudo  
 475 isto... é que existem hábitos lingüísticos... mas::...  
 a língua não encerra dentro de si... todos os processos  
 do pensamento... por exemplo... nós vamos entrar  
 na próxima aula na análise de mitos e símbolos...  
 parece-me que o pensamento mítico transcende... do  
 480 mundo... que está contido dentro dos significados  
 lingüísticos compreende? toda língua tende... a dar  
 como significado alguma coisa a mais do que está  
 contido... dentro da estrita estrutura lingüística... isto  
 que dá a possibilidade... de se traduzir qualquer coisa  
 485 de uma língua para outra... eu já ouvi... esta  
 afirmação... “não há tradução... ninguém traduz  
 nada”... na verdade... o que se pode dizer... é que...  
 em cada língua cada palavra tem um sentido especial  
 ... ela desperta existe em torno dela... uma série de  
 490 significados... claros... e latentes... o que se chama  
 conotação e denotação... de modo como cada em  
 cada língua essas palavras são um pouco diferentes...  
 cada sentido de uma palavra em cada língua é único...  
 ahn se eu digo a uma criança mauzinha... por  
 495 exemplo... não é a mesma coisa que o italiano que diz  
 a uma criança *cativo*... *cativo* significa mau...  
 é curioso a transformação lingüística que houve...  
 mas há um... um halo semântico que chamava-se  
 antigamente isto... e que eu esqueci porque eu estou  
 500 com duas lingüistas na sala e eu estou me arriscando  
 num assunto que eu não trato há muitos anos... mas  
 então... existe um modo peculiar de conceber  
 a palavra... que é característico de cada língua...  
 e não passa à outra compreende?... mas a tradução...  
 505 é uma reconstrução da outra língua... mas é capaz de  
 transmitir... o essencial que está num texto da língua  
 a ser traduzida... sem isso não seria possível  
 a comunicação entre os homens... certo?... então...  
 eu estou supondo o seguinte... a língua faz o  
 510 pensamento?... de certa forma... vocês vejam que  
 ciências humanas... Psicologia está mais... um pouco  
 mais ligada às ciências biológicas por exemplo...  
 mas em ciências humanas... uma das coisas terríveis é  
 que... nenhuma afirmação é totalmente errônea...  
 515 é muito uma questão de matizes de precisar bem o

sentido... que não se possa pensar SEM a linguagem...  
 é uma verdade ou não?... eu acredito que não se pode  
 pensar CLaramente... que não se pode articular  
 o pensamento... sem o uso de categorias gramaticais  
 520 que levam... de um PAssso do pensamento a outro...  
 mas existem as formas mais obscuras de pensar...  
 existe o pensamento emergente de um fundo  
 conativo-afetivo ... que ainda não atingiu a clareza da  
 cognição... eu não estou dizendo nada de místico  
 525 para vocês porque eu sei que há isto... porque existe  
 em todas as línguas... uma coisa que se chama  
 poesia... e o que é a poesia? é exatamente...  
 a apreensão... de sentidos NOvos às palavras  
 ... compreendem? poesia e... muitas vezes a prosa...  
 530 num escrito de Eça de Queirós da juventude ele dizia  
 que::... “os prados estavam revestidos de uma erva...  
 tão louçã... de um verde tão moço”... um crítico  
 disse os absurdos da pseudo da escola  
 pseudo-científica que saiu de Coimbra... um verde  
 535 moço moço é um adjetivo que só se pode aplicar a  
 coisas humanas... ora eu acho admirável eu vejo  
 mais o verde do Eça do que outros verdes românticos...  
 compreendem? ... ele usou uma palavra... que  
 designa qualquer coisa de exclusivamente humano...  
 540 para alguma coisa da natureza... e nos deu então a  
 noção quer dizer o verde... loução o verde... ahn::  
 viçoso e tudo mais eram coisas gastas... ele usou  
 a palavra verde... moço... quer dizer em toda língua  
 há... uma parte cristalizada no sistema... e há a  
 545 língua que se elabora... que está se fazendo... uma  
 língua que lança mão de recursos expressivos da  
 linguagem... para criar novas aplicações de termos...  
 existe... na concepção estruturalista... uma idéia de  
 estrutura lingüística que demasiado rígida... para  
 550 meu gosto... porque... o característico... de todo  
 organismo de todo sistema vivo... é o contínuo devir é  
 a mudança ...contínua... então ... há sempre  
 possibilidade de transcender o esquema lingüístico...  
 então nós cairíamos nalguma coisa que... se chama  
 555 CRIatividade humana... vocês compreendem?... que  
 se nós admitirmos ... que uma estrutura... seja  
 lingüística ou seja social ... se impõe... aos membros  
 do grupo... e que essa estrutura... cria... cérebros  
 pensantes... com hábitos lingüísticos inteiramente

560 estabilizados... à imagem e semelhança da sua própria  
estrutura... nós estamos negando a História... nós  
estamos negando esta renovação conti/ na língua...  
se transforma como a sociedade se transforma... o meu  
maior interesse neste momento da minha carreira...  
565 não é a estrutura... e todas as explicações... que se  
podem fundar na estrutura... eu estou interessado  
especialmente... em saber COmo se explica a  
estrutura... a estrutura surgiu num certo momento...  
como?... como de uma estrutura sai outra estrutura?...  
570 e eu creio que há uma... ÊNfase... que dura muitas  
décadas... nas ciências sociais... uma ênfase...  
posta na estrutura em que... a mudança da  
estrutura... é concebida como algo de anômalo uma  
CRise e muda a estrutura... ora nós podemos... em  
575 Psicologia... em Psicologia... em Sociologia deixe de  
lado a Lingüística ...que eu tive alguns cursos há  
muitos anos meu último curso formal de Lingüística...  
foi... em mil novecentos e quarenta e oito não é?...  
portanto vocês vêem isto é pré-histórico não é?...  
580 então... nestas ciências do comportamento humano...  
nós podemos adotar um outro ponto de vista que é o  
seguinte... o movimento... a transformação são  
contínuos... a transformação a dinâmica não é tanto  
um problema... certas transformações se cristalizam  
585 e entram a fazer parte de estruturas... e este é um  
problema ... certo?... (...)

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 377 — BOBINA Nº 123 — INF. Nº 416

*Tipo de entrevista:* elocução formal (EF). *Duração:* 32 minutos.

*Data do registro:* 8/10/76.

*Tema:* Os instrumentos da vida intelectual (aula universitária).

*Informante:* mulher de 32 anos, solteira, professora universitária, paulistana, pai nascido em Santos (SP) e mãe em São Paulo (SP).

1ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) certo?... então os testes (que medir) que medem a capacidade são testes que dão... mais (restrito) o prognóstico do indivíduo... então por exemplo...  
 5 *éh:: em seleção de pessoal:: são adotados testes::... que medem a capacidade do indivíduo... então eu quero ver em que medida esse sujeito consegue trabalhar em determinada seção... então eu dou um teste de capacidade... e verifico que ele:: não vai se dar muito bem porque::... as:: tarefas do teste são*  
 10 *semelhantes às tarefas... da situação de trabalho...então eu fico mais (tranquila) então eu estou percebendo a CAPACidade dele... agora eu posso... querer medir a realização dele... o momento então por exemplo aquele teste que vocês fizeram... com aquela (outra)*  
 15 *professora... (se lembram?)... o teste (tal)...então ela mediu a (realização do momento)... certo? ao MESmo tempo em que ela mediu a (realização do momento) é cla::ro... que eu posso extrapolar (para) uma situação de cultura... e:: chegar à conclusão de que certos*  
 20 *indivíduos vão realizá-(lo em cima daquilo) MAS::... AS situações que ela trouxe no tes::te são situações reais::... no momento... ela mediu no momento... certo?... então o indivíduo aí no momento realizou (até::) aquele tipo de tarefas... certo?... então veja*  
 25 *bem... ahn:: os testes têm como objetivo... verificar a situação real:: do indivíduo... eu quero saber REalmente do que que esse indivíduo é capaz... então o tes::te já pressupõe::... que ele tem uma medida objetiva... né? então... ehn:: quem u/ quem utiliza*  
 30 *tes::te já parte do princípio de que ele POde ter essa medida REAL::... é claro que isso é extremamente discutido... então em Psicologia há modelos::... que::*

NÃO aceitam os testes de modo algum porque:...  
 é difícil você realmente ter... a:: medida REal do  
 35 indivíduo a capacidade ou (realização)... REal do  
 indivíduo... porque:... o indivíduo no momento pode  
 estar:: (ah com problemas)...né?... pode estar doent::te  
 pode estar (impressiona::do)... pode não se sentir  
 40 BEM:... com o material do tes::te... pode não conhecer  
 certas questões por um motivo qualquer ele simplesmente  
 nunca viu aqui::lo... certo? OU o teste pode estar...  
 ahn:: falso ah::... dirigido mais para certos tipos  
 de conhecimento de que ele não tem::... né?... e::  
 45 então a pa/ o próprio limite do instruMENTo que é o  
 teste... e o limite das condições do indivíduo que são  
 diFíceis de se controlar... éh::... não possibilitam que  
 a gente acredite assim CEM por cento nos testes...  
 percebem?... não dá para a gente acreditar cem por  
 cento... a gente tem uma meDIDA... (recebe lá) uma  
 50 medida certo?... MAS::: com muita cautela que  
 a gente pode::... éh:: utilizar aquela medida certo?  
 então... o que se vê e o que se faz normalmente é:: se  
 aplicar assim uma bateria de testes... uma porção  
 de testes para a gente ter uma constân::cia... éh:: e daí  
 55 se tirar o tra::ço do indiví::duo realmen::te se  
 persis::te aquela caracterís::tica ou não... mas o teste  
 Isolado ou apenas um teste... não dá:: uma (aptidão)  
 MUIto segura... bom... como teste de realização...  
 nós temos... testes de velocidade... é para ver se  
 60 o indivíduo... realiza:: as tarefas... num determinado  
 ritmo por exemplo... se ele varia ou se ele é muito  
 len::to::... quando ele está emocionado se ele realiza  
 com muita::... rapidez::... se ele não está emocionado  
 se ele realiza... devagar:: né?... para se verificar  
 65 inclusive éh:: (faz:: usa esse teste em comparação)...  
 com ou::tro por exemplo... e vocês:: FOram (comigo  
 eu já distribuí) testes... se vocês tiverem que realizar...  
 umas fazer umas continhas né? e::... se... vai  
 comparar... a realização de vocês... dentro daquele  
 70 TEMpo::... que vocês tiveram... para fazer aquelas  
 conTInhas... em relação àquela escala de ansiedade  
 ... então vai se verificar se aqueles altos ansiosos...  
 ou os baixos ansiosos... vão realizar... ah:: MAIS  
 continhas... num determinado tempo padrão...  
 75 certo? e:: por exemplo se::... os indivíduos vão realizar  
 as continhas... numa seqüência determinada...

isso também é importante... então (aqui) no caso  
 de seqüência determiNAda... nós (iríamos)  
 verificar::... éh:: em termos de exatidão... não é?  
 80 então nós temos um PAdrão::... de exatidão... e  
 vamos verificar em que medidas o indivíduo se  
 distanciam... e se aproximam desse padrão... de  
 exatidão... então por exemplo nós temos um padrão  
 de que:: os indivíduos... éh:: baixo ansiOsos...  
 85 realizam as continhas sempre no mesmo sentido eles  
 não a não pulam... certo? eles vão sempre... umas em  
 seguida das outras e SEguem as instruções... já os  
 alto ansiosos não eles não seguem as instruções...  
 90 realizam as continhas assim alternadamente sem uma  
 ordem determinada... certo?... então o que nós  
 estamos verificando aí?... qual... a distân::cia vamos  
 dizer qual a posição do resultado desses testes... em  
 relação... a um:: padrão... de exatidão... certo?...  
 bom... um outro tipo de teste seriam testes de  
 95 dificuldades... né? então um teste apresenta várias::  
 tarefas::... em graus diferente de dificuldades  
 ele tem dificuldades crescentes por exemplo... né?  
 então... as primeiras tarefas são tarefas fá::ceis... os  
 indivíduos conseguem realizá-las e as outras tarefas  
 100 vão se tornando mais:: complexas... mais difi::ceis...  
 então se verifica... em que medida o indivíduo  
 conse::gue... chegar até os níveis mais al::tos... de  
 de... de realização... não é? então vê através... das  
 dificuldades das tarefas... se verifica em que grau o  
 105 indivíduo se encontra... então por exemplo teste de  
 Binet... teste de inteligência de Binet... ele faz de  
 tarefas bem fáceis... que uma criança de três anos  
 pode realizar... até as tarefas de adulto... né? então  
 no início o indivíduo fez ( ) ... e depois ele vai  
 110 terminar no segundo (caso) né?... bom seriam todos  
 testes de realização que eu quero verificar...  
 a realização do momento daquele indivíduo... como  
 que ele se sai::... naquela situação::... que o teste  
 apresenta... bom os testes de (aptidão) que eu falei  
 115 para vocês né?... têm que (predizer a realização) do  
 indivíduo... na realidade os testes de ( ) são testes de  
 de realização... só que::... esta realização se  
 asseme::lha por exemplo... a::: uma:: situação ( )  
 ... né?... determinadas tarefas que vão exigir::...  
 120 certos aptidões:: certas outras tarefas... né?

secundÁrias... então (então) o que é?... então daí...  
 podemos verificar em que medida o indivíduo pode...  
 realizar (determinadas funções... assumir certas  
 funções) ... vocês verificam que esses testes...  
 125 surgiu::ram... a partir:: de necessidades... PRÁticas  
 certo?... para atender problemas práticos... esse foi o  
 motivo do surgimento dos testes... por um lado...  
 para selecionar indivíduos... para o trabalho... por  
 outro lado para selecionar crianças:... eh:::...  
 130 problemáticas... crianças que::... não:: conseguiam  
 acompanhar a escola... certo? então se procurou ter...  
 uma medida mais ou menos... seGUra... pra:: se  
 verificar em que em que ponto aonde estaria aí...  
 a/ o erro certo? a dificuldade... dessas crianças não  
 135 conseguem... éh:: realizar as tarefas normais da  
 escola... em... em que medida... éh:: nós poderíamos::  
 colocar certos indivíduos em certas funções... NÃO  
 prejudicando a produção... então foi na época da  
 industrialização né? no surgimento da revolução  
 140 industrial::... que::... os testes foram muito úteis e se  
 desenvolveram... certo? então nós tínhamos por um  
 lado naquela época muitas crianças com problemas...  
 e havia uma necessidade... de se pegar essas  
 crianças... e adaptá-las à escola co-mum né? porque...  
 145 quanto mais uma criança possa (se) adaptar a uma  
 escola comum... melhor... não há necessidade de  
 formação... especial:: para educador:: e nada disso  
 né? ... e por outro lado uma necessidade de de:: de  
 desenvolvimento da indústria... e a indústria o que  
 150 que precisa? maior produção... maior rendimento...  
 né?... o indivíduo certo para a tarefa certa... -- não  
 sei se alguém aqui já ouviu falar no Taylor ... né? --  
 então em ( ) em termos de traBAlho nós temos os  
 testes de Taylor... né? que ele::... se propôs::... a...  
 155 ahn... racionalizar o trabalho... a colocar indivíduos  
 ... adequados... em determinadas tarefas... para que  
 houvesse uma maior produção... e na escola nós  
 temos os testes... de Binet... e de Simon e depois  
 adaptados por (STANford)... pra:: pegar essas  
 160 crianças... né?... que não conseguiam acompanhar o  
 ritmo normal da esCOLa ... e::... verificar AONde  
 estava esse erro? aonde estava essa dificuldade?...  
 em que medida? COmo se poderia corrigir... então...  
 esse teste de dificuldade de AU::todificuldade surgiu

165 com Binet e Simon... que ele inicialmente... ele partiu  
de:: uma tarefa comum... né? uma tarefa difícil...  
para todo mundo... depois ele verificou que::... éh::  
o certo seria... uma gradação:: de dificuldades  
170 porque::... a inteligência segundo Binet... ela vai se...  
se se (desenvolvendo) certo?... então ela é... é ( )  
(tarefas) mais simples no sentido de::... o indivíduo  
realizar... tarefas mais simples... né? resolver  
primeiro os mais simples... indo assim de uma forma  
175 gradativa até conseguir resolver problemas mais  
complexos... então ele seguiu... essa seqüên::cia... em  
níveis de::... de resolução do problema né? do mais  
simples ao mais complexo... éh::... em testes:: né?  
então os testes deles possuem assim... éh GRAUS de  
180 dificuldades... crescentes... éh ... ehn::... bom... o  
que seria então... éh:: uma nota bruta... num teste?  
seria aquela nota total... de erros... e acertos então  
cada indivíduo... realiza o seu teste e:: obtém uma  
nota... que é o total de erros... e acertos... MAS...  
essa nota simplesmente... não diz muita coisa...  
185 então nós precisamos ter... éh um NÍvel de  
significância É significativo esse número de acerto  
(esse número) de erros?... é significativo em termos  
estatísticos... em termos QUANTitativos?... né?  
então::... o que nós fazemos? nós compaRA::mos::...  
190 esses resultados... com padrões... determinados  
padrões então na hora de se confeccionar um teste...  
éh:: se estabelece... um determinado padrão... por  
exemplo ( ) é com uma determinada ida::de por  
exemplo né? ... consegue realizar... a::: as tarefas até  
195 o nível cinco por exemplo... né? indivíduos... de::  
dez anos conseguem realizar tarefas... até o nível  
cinco o nível seis já se torna um pouquinho difícil...  
com algu::mas exceções... então nós temos... que  
comparar essa nota bruta... com esses padrões... é  
200 cla::ro que::... para chegar nesses padrões... que que  
nós (temos) que fazer?... tivemos que::... aplicar  
VÁrias vezes esses testes em grupos diferentes...  
certo?... e verificar... qual seria a ... normalidade... a  
MÉdia desses resultados... em relação a esses níveis...  
205 então vamos supor... em vários grupos que foram  
aplicados... se verificou:: que::... éh::... pessoas...  
com quinze anos por exemplo atingiam o nível oito...  
né? sujeitos... com:: três anos atingiam o nível dois

210 por exemplo... então de várias amos::tras... de vários  
 grupos que se submete::ram a esse teste... né?... ah::  
 verificou-se que:: ( ) uma regularidade... desses  
 resultados... então... se pôde êh::... construir...  
 padrões... né? pôde se estabelecer padrões... e as  
 215 notas brutas dos outros indivíduos que vão se submeter  
 aos testes... serão comparados... né?... as notas  
 brutas serão comparadas... a esses padrões... então  
 por exemplo se eu utilizo um teste ...êh sueco... no  
 Brasil... eu tenho que primeiro... Adaptar essa  
 mostra... sueca... ese paDRÃO::... Ao padrão::  
 220 brasileiro então primeiro se aplica em vários grupos...  
 quantos grupos... a estatística disser que é  
 necessário... não é?... (e) então... passa-se a seguir a::  
 fazer um diagnóstico... dos indivíduos... né?...  
 comparando-se a um paDRÃO:: significativo dos  
 225 brasileiros... isto é:: a parte mais difícil do teste...  
 é se adaptar... esses padrões que foram construídos a  
 partir de uma amostra representaTIva... para uma  
 outra mostra... né? porque:: aí vai influir meio  
 cultural::: social::: né?... o tipo de vida do indivíduo  
 230 o CONhecimento que eles têm... né? (se) pode ter  
 menos ou mais conhecimentos... e o teste pode ser  
 construído... ou É construído a partir de  
 conhecimentos... né? então... esses padrões (tem sua  
 ação) DIretamente... e:: comprometem os  
 235 instrumentos né? isto já é um fatorzi::nho:: negati::vo...  
 êh:: difi::cil que::... êh:: perturba assim a::... a  
 utilização de ( ) teste... bom... nós podemos então  
 comparar com padrões e também comparar com  
 240 OUTros sujeitos... com notas... de OUTros sujeitos...  
 para ver se por exemplo o resultado... a nota bruta  
 de um indivíduo... se distancia mui::to dos outros  
 ... é MUIto diferente dos outros... ou se está mais ou  
 menos...próximo do resultado dos outros né?...  
 bom... estas notas significativas elas se distriBUEM::  
 245 numa CURva... que se chama cur::va de  
 distribuição... esta curva de distribuição ela  
 representa... todas as notas obtidas... a partir da  
 aplicação dum teste... num determinado grupo... essa  
 curva de distribuição... êh:: como é que ela é  
 250 característica?... ela se caracteriza... por aqui ó...na  
 própria ( )... certo? ... os valores mé::dios... a  
 maioria né? os valores MÉdios... se concentram

mais no centro da curva... e os valores de menor  
 (frequência) os exTREmos... né?... na cauda...  
 255 ((vozes)) CAUda... ((vozes)) ( )... certo?... então  
 aqui eu tenho... uma taxa de maior (concentração)...  
 dos resultados... né? e aqui eu tenho... menor  
 (concentração) dos resultados (menor frequência)  
 de resultados... se situa... nos extremos... certo?...  
 260 bom... agora o que existe por exemplo... éh:: nessa  
 curva... é::... é que os valores são precisos... não  
 existe assim... um limi::te...né?... um limite mas  
 existe uma gradação... então o indivíduo se situa mais  
 ou menos nesse nessa posição... mais ou menos nessa  
 265 posição extre::ma... e::... numa faixa média (comum)  
 está dentro de uma faixa média... mas não existe  
 assim dentro de um limite ex/ PREciso... não existe  
 assim:: um sal::to por exemplo né? ( ) não é uma  
 coisa de saltos... é coisa ( )... né? então ela é uma  
 270 curva... é uma curva éh contí::nua... certo? mas não  
 uma curva... interrompida em saltos uma curva  
 (contínua)... mas (a gente não pode) se lembrar::  
 que esta curva é obtida através::... de tes::tes né?...  
 em que PAR::tem do princípio de que a inteligência é  
 275 contínua... é um desenvolver CON::tínuo (da  
 inteligência) por isso que... se obtém Essa curva...  
 então por exemplo quando se vai programar... um  
 tes::te... se parte do princípio de que... aquilo que eu  
 quero medir é tal tal coisa... então existe um concei::to  
 280 aí... a respeito do que eu quero medir... e Este  
 conceito esta idéia essa::... éh:: essa rotulação  
 do que eu quero medir... éh:: vai... determinar o tipo  
 de teste... um tipo de avaliação... o tipo de tarefa  
 que o indivíduo vai ter que resolver... então é lógico  
 285 que a curva obtida... ela está liGAda... a:: o que o  
 indivíduo vai ter que medir... agora se eu partir do  
 princípio por exemplo de um outro modelo... de que a  
 inteligência não é algo CONTínuo... mas:: tem::...  
 ua uma::... uma subida ou uma descii::da um:: umas  
 290 cri::ses por exemplo como é o desenvolvimento  
 certo? que nós vimos ( ) até agora... é lógico que::...  
 a curva não vai dar essa... porque os instrumentos de  
 avaliação (não constam do quadro)... vão ser  
 295 OUTros... os instrumentos de avaliação ... então os  
 instrumentos da de avaliação CARREgam... os  
 princípios... ahn:: da de quem confeccionou::... o

instrumento né?... o indivíduo acredita... que::... tal  
 coisa significa tal coisa certo? inteligência é algo  
 contínuo... é o uso do intelecto... é o uso É finalis::ta...  
 300 então ele vai confeccionar um instruMENto... de  
 acordo com esse conceito... e ele vai postular certas  
 hiPÓteses... para verificar os (seus) DAdos de  
 aCORdo com esse conceito... então qualquer pesquisa  
 que o indivíduo faz... por exemplo se ele escolhe...  
 305 éh::: entrevistar uma pessoa por exemplo... ele parte  
 do princípio de quê? de que aquele instrumento é  
 vá::lido... e porque que é válido? porque ele acredita  
 que... aquilo que ele está (perguntando) PO::de ser  
 (avaliado) através de uma pesquisa...  
 310 (questionário)... então QUAL-QUER tipo de pesquisa  
 traz... com e::la TOda uma filosofi::a... um  
 concei::to ( )... pressupostos teó::ricos daquilo  
 certo?... então... (NA na:: a metodologia) ( )... então  
 por exemplo esses testes trazem consigo todo o  
 315 conceito... do funcionamento... agora se nós  
 tivéssemos... éh::: por exemplo no mode::lo:::  
 behaviorista... nós confeccionaríamos os instrumentos  
 de outra FORma... faríamos por exemplo uma  
 experiência controlada... em laboratório... na base  
 320 de estímulo e (resposta)... ((tossiu)) que é?... então aí  
 o resultado seria de (outra FORma) e partiria de um  
 conceito diferente de inteligência... alguma coisa  
 (para ve/ para verificar::) ou algum ( ) ... de acordo  
 (com a abordagem do que que seria)... a::: a  
 325 inteligência... certo?... o que me interessa no  
 behaviorismo é o comportamento (do aparelho)...  
 o que ele... o que ele (está desenvolvendo ali) em  
 termos de estímulos... e (reforço) em termos de  
 (estímulos) e (reforço) certo? então aquilo em  
 330 determinadas ( ) revelam o conceito... do modelo...  
 no modelo... eh *gestalt* por exemplo... já teria um  
 outro instrumento... no modelo psicogenético teria  
 uma OUtra forma de:: de (se) estudar a inteligência...  
 seria mais uma frase de ... de:: evolução:: da  
 335 inteligência... FA::ses da inteligência... como nós  
 estamos estudando o desenvolvimento ... as fa::ses da  
 inteligência então aí no caso a inteligência ... ela  
 estaria... liga::da a TO::do o desenvolvimento do  
 indivíduo ela (ia ia) estar JUN::to... ela é TOdo o  
 340 desempenho do indivíduo ela não é simplesmente...

o uso do intelecto... mas ela é:: éh:: tudo TOda a  
 realização do indivíduo em qualquer momento...  
 então nesse caso... ela tem uma curva... (signóide)...  
 e ela tem saltos... ela não é contínua... por exemplo...  
 345 se eu vou estudar a inteligência na época da  
 puberDAde... em que o indivíduo está... com um  
 metabolismo totalmente alteRAdo... qual vai ser (a  
 realização do indivíduo)... como é que... como é que  
 vai ser o desempenho dele?... então o desempenho  
 350 dele vai estar muito mais ligado às funções  
 neuro-vegetativas... porque nesta época da puberdade...  
 essas funções têm maior pe::so... então a inteligência  
 no ( ) (psico/psicogenético) ela não (impe::de o  
 desenvolvimento de nada disso) ... e::... ( )... ela vai  
 355 sendo::... é um uma::... uma curva assim... éh  
 conTÍ::nua... de acumulação:: de conhecimen::tos  
 simplesmente... sem éh... sem QUE::das... sem  
 SAL::tos... (quer dizer) é conTÍnua... então no  
 modelo funcionalista... o desenvolvimento É::  
 360 contínuo... no modelo psicogenético não é contínuo...  
 é::... feito:: em CRIses... em SALtos... (entende?)...  
 queda e saltos... ((intervenção de locutor  
 acidental))... bom aí depende do modelo...  
 ((intervenção de locutor acidental))... depende do  
 365 modelo em termos funcionalistas como eles acreditam  
 que a inteligência é con::TÍnua... então eles (eles)  
 verificaram nos testes deles... que o indivíduo  
 atinge... éh:: o MÁ::ximo do desenvolvimento da  
 inteligência aos vinte e poucos anos... MAIS:: do que  
 370 isso ele vai (el/) ele não consegue atingir... certo?...  
 isso porque... eles eles (acreditam) eles têm verificado  
 de acordo com os instrumen::tos... (que é esses)  
 né?... de que os::... ah:: a inteligência é contínua...  
 e ela vai até certo ponto e depois pára agora no  
 375 modelo psicogenético... em que se verifica (que)  
 CAda fase... o indivíduo dá de SI... aquilo que a fase  
 está tendo como prepondeRANte... não existe isso...  
 não existe... não não existe por exemplo esse marco...  
 que por exemplo se o indivíduo está numa fase...  
 380 em que::... éh:: ... o organismo... em termos de::  
 sistema nervo/ sistema:: glandular... é mais  
 inTENso... a inteligência dele vai ser mais glandular  
 (vamos dizer) vai ter muito mais um desempenho ...  
 mais ligado ao organismo... então ele vai (receber)

385 muito MAIS... taREfas... DIretamente ligadas::...  
 ao:: sistema vegetativo dele... (quem) não tiver::...  
 (ah) não vai perceber mas não porque ele não é  
 inteligente é porque naquela fase (começam) ( )... na  
 390 puberdade é um exemplo... né? depois na  
 adolescência o que que acontece?... o indivíduo está  
 muito mais... liga::do a::... investigações intelectuais  
 para (contestar)... então ele (está querendo discutir...)  
 ( ) ALto (mais de base de::) e não de:: de  
 395 argumentação::... de diÁlogo mas está muito mais  
 ligado à discussão... então... todo aquele teste... que  
 provocar esse tipo de discussão ele vai gostar e vai  
 realizar... e vai ( ) ... ( ) ... agora se por exemplo...  
 o indivíduo (entrar) na adolescência... mas se estiver  
 doente... então aí há um (rebaixamento) desse:: Tipo  
 400 de indivíduo... então ele vai... vai procurar...  
 desenvolver TUdo MAIS::... em termos orgânicos...  
 então ele vai ter respostas... mais emocionais... então  
 a inteligência dele está mais emocional... porque a  
 405 inteligência ( ) (psicogenético) mais para o  
 desempenho geral (do que)... é o desempenho geral  
 dele não é simplesmente... o intele::cto... certo?  
 separado assim do organismo... resolução de  
 problemas abstratos (tudo mais) ( ) não é isso ela  
 está ligada ao...ao organismo como um todo... tanto é  
 410 que na psicogenética a gente FAla em inteligência  
 animal... né? o animal TEM inteligência mas é uma  
 inteligência... num:: nível em que o homem já superou...  
 o homem já superou aquele nível... um nível mais assim::...  
 éh menos (flexível)... mais assim::... éh:: repetitivo né?  
 415 (um nível) mais repetitivo ( ) determinadas tarefas...  
 então ele está num nível mais automati::vo... então  
 o homem superou ( ) ele não está SÓ:: no  
 nível automativo ele já:: atingiu por exemplo o  
 420 aDULto... já atingiu um nível mais flexível em que se  
 adapta às situações mais::... éh:: novas possíveis...  
 mas se ele tiver algum problema algum disTÚRbio ele  
 cai para um::... um nível mais fixo né?... (uma)  
 inteligência mais fixa... então aí a gente vai (obter)  
 425 resultados diferentes::... e:: os instrumentos utilizados  
 são instrumentos diferentes nós não podemos utilizar  
 por exemplo ... numa linha psicogenética... o mesmo  
 instrumento para qualquer indivíduo... né? nós temos  
 que inclusive... éh:: observar mais... observar assim...

- 430 mais de forma natural... como é que o indivíduo (tem)  
o seu desempenho como é como é que ele se  
desempenha... é mais na base da observação:... e  
também:... não assim... (em) situações:... éh:... em  
determinadas situações separadas de um contexto...  
mas se procura... verificar:... a evolução::  
435 daquele... (da) ( ) ... a evolução do comportamento  
inteligente... uma das suas realizações ( )... e a::  
FAse respeitando muito as fases...né? ( )...

PROJETO NURC/SP

INQUÉRITO Nº 405 — BOBINA Nº 141 — INF. Nº 489

*Tipo de entrevista:* elocução formal (EF). *Duração:*  
35 minutos.

*Data do registro:* 2/5/77.

*Tema:* A arte pré-histórica: o paleolítico (aula de curso secundário).

*Informante:* mulher de 36 anos, desquitada, professora secundária, paulistana, filha de pais brasileiros. 2ª faixa etária.

- 1 *Inf.* (...) então nós vamos começar pela Pré-História...  
hoje exatamente pelo período... do paleolítico... a  
arte... no período paleolítico... o paleolítico é  
5 período período... da pedra lascada... como vocês  
todos sabem... não é?... e... tem uma duração de  
aproximadamente de seiscentos mil anos... seria  
exatamente... pegando a (fase) da evolução do  
homem... quando o homem *sapiens*... que já deixou  
de ser (macaco)... passou a usar a inteligência... a  
10 conseguir fazer coisas... e como a gente vê é um  
período... eNORme ( ) a o que a gente conhece da  
história humana... seiscentos mil anos é MUIto  
tempo... as:: manifestações artísticas começaram a  
aparecer no paleolítico superior... especificamente no  
15 período ( ) que é o último período do paleolítico...  
e que vai abranger ... aproximadamente de vinte  
mil... a doze mil antes de Cristo... então a gente já  
limitou bastan::te nesse período extremamente vasto  
de seiscentos mil anos... embora... de vinte mil a  
20 doze mil... (quer dizer) praticamente oito mil anos...  
ainda seja... um período MUIto maiOR do que... o  
que nós conhecemos... historicamente... que  
abrange por volta de cinco mil antes de Cristo até  
hoje portanto... por volta de sete mil anos... certo?...  
25 então tudo o que a gente vai dizer a respeito desse  
período... é baseado em pesquisas ... arqueológicas...  
é baseado em pesquisas... etnográficas... em  
pesquisas... no campo da ARte... mas uma série de  
coisas são suposições... se nós não podemos  
30 afirmar... categoricamente que as coisas se passaram  
assim... a gente tem uma série de dados... levantados

especialmente pela Arqueologia que a gente interpreta... de um determinada forma... mas com...  
 35 iMENsOs... buracos em branco... então... não é uma história ligadinha com todos os elos que a gente possa dizer olha... se desenvolveu NESTe sentido... muitas vezes a gente supõe ... que as coisas tenham ocorrido assim... e por isso eu vou precisar que  
 40 vocês... se dispunham a usar da imaginação... para se transportar para essa época e tentar entender... dentro de que cntexto... pôde se desenvolver uma manifestação artística... então... primeiro nós vamos localizar onde foram encontrados esses vestígios artísticos... vou fazer um mapa aqui bastante rude...  
 45 isto seria a Espanha... e aqui... a França ((vozes))...certo? então nós vamos (ter)... Altamira... que é um nome que vocês... vão encontrar em muitos lugares... aqui no norte da Espanha... e depois... ( ) ... no sudoeste da França... e ainda aqui em toda  
 50 essa região abrangendo o sudoeste da França... e sudeste da Espanha... com vários... cavernas... vários vestígios da arte pré-histórica paleolítica... -- nos slides na próxima aula nós vamos ver Basicamente Altamira e ( ) - -... BEM... então vamos tentar  
 55 reconstruir a maneira de vida desse POvo para depois poder entender como surgiu a arte... e... porque surgiu um determinado estilo de arte... a gente vai pensar no homem do paleolítico superiOR... como um homem que ainda não conseguiu se organizar socialmente nem politicamente... eles ainda vivem em  
 60 BANdos... ainda existe... o individualismo marcado... (e) ainda não existe o sentido de comunidade... ainda é:: cada um por si e Deus por todos... (quer dizer) cada homem vai cuidar de seu grupo mais próximo que a gente poderia talvez denominar de grupo familiar:: já... mas... aquele grupo mais próximo dele... e eles viviam  
 65 basicamente da coleta eram caçadores... e viviam da coleta... isto é levava a um tipo de vida nômade... por quê?... porque na medida... em que acabava a caça do lugar OU (que) em virtude da da época do ano no inverno por exemplo... os animais iam hibernar outros... imigravam para lugares mais quentes eles também precisavam acompanhar... o a  
 75 migração da caça se não eles iam ficar sem comer...

quanto à coleta se eles dependiam... da colheita...  
 de... frutos...raízes... que eles NÃO plantavam... que  
 estava à disposição deles na natuREza... eles também  
 tinham que obedecer o ciclo:... vegetativo... então  
 80 existe uma época para ter uma maçã outra época para  
 ter laranja outra época para ter banana... existem  
 CERTas regiões onde há determinados frutos OUTras  
 regiões... com OUTros frutos...então eles tinham  
 que acompanhar este movimento também:: e por isso  
 85 eram nômade e não se fixavam ... a lugar nenhum...  
 então numa vida deste tipo... a preocupação  
 PRINCipal está centrada na sobrevivência... não dá  
 tempo assim para minhocar coisas muito esotéricas...  
 de ficar pensando no sentido da vi::da... se o *rock*  
 90 é melhor do que o chori::nho::... se:::... meu Deus  
 do céu como eu vou educar meu filho para ele estar  
 preparado para a sociedade de amanhã:: que está em  
 tão rápida transforma/ não tem tempo para fazer  
 isso... eles precisam pegar pele para se esquentar...  
 95 e ter comida... para comer e se defender dos outros  
 animais... então as preocupações são MUITO...  
 ahn::... de todo (o) DIA:: levanta tem que procurar  
 comida... não tem ninguém para servir o café para ele  
 na hora que ele levanta... então::... toda e qualquer  
 100 manifestação que a gente for procurar vai ter que  
 estar necessariamente ligada... a esta preocupação  
 vital... do homem pré-histórico de... se conservar  
 vivo... vocês:: se lembram que naquele primeiro texto  
 que nós vimos aqui a respeito do estilo... há::...  
 105 havia... três ou quatro citações que faziam referência  
 exatamente a isso que estilo mudava... com... a  
 mudança... de vida... e que o estilo e que a arte  
 SEMpre vão refletir uma determinada ma-NEI-ra...  
 de considerar o mundo e a natureza... ora a maneira  
 110 do homem pré-histórico era... BASICamente eu  
 preciso comer...e eu preciso::... me defender dos  
 animais e eu preciso me esquentar na medida do  
 possível... certo?... então a arte pré-histórica só vai  
 poder refletir::...então a arte vai nascer:: em função  
 115 dessa NEcessidade... de se manter vivo... necessidade  
 que vai se caracterizar de forma PRINCipal:: em  
 termos de comida... isto é de caça... que é o que  
 oferece... uma resistência porque a:: fruta está na  
 então eles não precisavam se preocupar... certo? se a::

120 fruta... éh se eles iam conseguir a fruta ou não...  
mas a caça pode fugir:: a caça pode atacar... então  
a preocupação central... vai ser em torno da caça...  
então vai... nós vamos ver isso refletido desde os  
125 temas... OU:: se a gente se reportar... ao problema  
da análise iconográfica... DES::de... o::tema  
pré-iconográfico... que nós vamos reconhecer... até  
... ao iconográfico propriamente ainda não existe...  
não... seria pré-iconográfico só... porque ainda não  
130 existe o problema da composição vocês se lembram  
que o tema... pré-iconográfico a imagem é uma  
composição de motivos... a que nós só vamos... fazer  
uma leitura em nível PRÉ-iconográfico nós vamos  
reconhecer as formas... então que tipo de formas  
que nós vamos reconhecer?... nós vamos reconhecer  
135 bisontes... ((vozes))... bisonte é o bisavô... do  
touro... tem o touro o búfalo:: e o bisonte MAIS  
lá em cima ainda... nós vamos reconhecer ahn::  
cavalos... nós vamos reconhecer veados... -- sem  
qualquer (em nível) conotativo aí --... e algumas  
140 vezes MUIto poucas... alguma figura humana...  
aí na parte ... de estatuária que a gente vai reconhecer  
a figura humana mas é muito raro... neste período...  
por que o bisonte e não o touro? por que a gente está  
falando em bisonte especificamente e não o touro?...  
145 ((interferência de locutor acidental))... exatamente  
porque naquela época... o que existia eram os bisontes  
e os mamutes também... alguns mamutes...  
mamute... vem a ser... o bisavô... do elefante...  
((risos))... - - Betina... ((vozes))... já resolveu? tudo  
150 bem -- ... bom... então primeiro em nível de tema...  
a seguir... qual seRIA... o motivo pelo qual... eles::  
... começaram... a pintar ou a esculpir... estas  
formas... ((vozes))... Betina... ((vozes))  
eXAtamente... nós vamos chegar aí... e hoje quando  
155 a gente senta... e:: para fazer uma obra de arte...  
mais ou menos... a gente se dispõe... a gente pára  
aquela vida cotidiana da gente... a gente se tranca em  
algum ambiente se possível põe um aventalão:: e se  
fantasia de artista... é algo desligado de nossa vida  
160 quer dizer é uma faceta que a gente assume um papel  
novo... agora neste momento eu vou trabalhar com  
barro vou fazer minhas criações ou eu vou pintar um  
quadro... ou eu vou fazer ahn uma::... JÓia... certo?

165 mas é:: uma faceta... MUIto especial da vida da  
 gente... da qual a gente tem que desligar todos os  
 interesses práticos... certo?... não é só porque eu  
 preciso me vestir que eu vou fazer um vestido::  
 maravilhoso... ou que eu vou bordar... uma:: tela  
 170 para pendurar em casa porque eu preciso de aquecer  
 a casa... NÃO... é porque eu acho bonito... mas...  
 se a gente está num nível de vida... em que a  
 preocupação principal é se manter vivo... qualquer  
 atividade nossa vai estar relacionada com:: com essa  
 preocupação... então a arte SURge não em função::  
 175 de uma necessidade de auto-expressão... nem em  
 função de uma necessiDAde... de::...embelezar o  
 ambiente em que eu vivo... deveria ser uma  
 necessidade estética de ver coisas bonitas... mas  
 180 Unicamente... em função da necessidade de eu  
 assegurar... a caça... e continuar podendo comer e me  
 manter vivo... então vejamos... no momento em  
 que o homem... pré-histórico por uma razão qualquer  
 mexeu... no carvão mexeu nos ossos carbonizados  
 ficou com a mão... suja preta... e encostou as mãos  
 185 na parede... ele percebeu que ele era capaz de  
 CRIAR::... e criar uma imagem::... que TANta  
 semelhança... com o objeto real... que era a mão  
 dele... neste momento ... as coisas para eles ainda  
 estão muito confusas quer dizer... criar uma pessoa...  
 190 ou criar uma imagem é mais ou menos a mesma  
 coisa... no sentido de que nós estamos criando uma  
 coisa nova... do nada... eu não tinha nada  
 aqui passo a ter a imagem da minha mão... e esta  
 idéia de criação é que ainda ( ) e representação...  
 195 não foi aINda... estabelecido... na medida em que  
 as duas coisas são reais... que as duas coisas fazem  
 parte do mundo e têm e passam a ter uma existência...  
 eles ainda não se preocuparam... com o problema  
 de um se::r... a representação do outro... e isto  
 200 DEve ter dado uma sensação de poder... uma  
 sensação... de poder... uma sensação ... de domínio  
 sobre a natureza... que no final das contas toda a  
 evolução humana... não deixa de ser exatamente a  
 evolução do domínio que o homem tem sobre a  
 205 natureza... a possibilidade que ele tem de manipular  
 as coisas em seu próprio proveito ... certo?...  
 está claro até aqui?... então:: ele vai tentar usar

esta criação... que ele é capaz de fazer... para  
 garantir a caça... pois ele é capaz de criar algo...  
 210 que se pareça MUIto... com aquele animal que está  
 correndo lá FOra... ora... isso dá a ele... então  
 um poder sobre aquele animal... e no momento  
 que ele é capaz:: de desenhar... -- aqui a única  
 215 coisa que eu sei fazer é um gato -- ... a hora que  
 ele é capaz... de desenhar este animal... ele é capaz...  
 de desenhar este animal... ele vai ter poder sobre a  
 vida dele... então isto vai garantir... que ele traga  
 este animal de volta para casa (sem) ser comido...  
 220 COmo... que nós chegamos a es:ta?... teoria... não  
 deixa de ser uma teoria... como que nós chegamos  
 a ela?... por alguns fatos... primero... alguns desses  
 animais eram representados com:: uma flecha...  
 cravada neles... o QUE:: enquanto representação  
 225 enquanto imagem não tem sentido eu matar uma  
 imagem... que a imagem não tem vida nem sentido...  
 ela existe:: mas ela não é vivente... certo?  
 ((vozes))...outras vezes não dá para comer olha O::  
 Carlitos conseguiu comer um par de sapatos né?...  
 230 mas comer a:: a imagem na pedra ia ser bem mais  
 difi/ precisava de dentes MUIto mais fortes que eu  
 acho que não havia não... e também não tinha sal::  
 temperinho porque às vezes agora a gente precisa  
 tomar sopa de pedregulho né?... mas a gente põe  
 235 algumas outras coisas para melhorar o gosto... naquele  
 tempo ia ser muito (difícil)... outras vezes... em  
 vez da representação da flecha então da morte  
 simBÓlica não? representada... nós íamos encontrar  
 MARcas aqui de que flechas reais foram atiradas...  
 240 contra a imagem... então esta seria uma das razões...  
 a segunda razão... seria o fato que nos leva a pensar...  
 na:: na arte nascendo ligada à magia... é o fato  
 de que essas representações eram feitas sempre na  
 parte escura das cavernas... MUIto no FUNdo...  
 245 de maneira que não era de maneira alguma para ser  
 vista... no escuro a gente não pode ver... a própria  
 COR... depende da luz... ou... é... um problema de  
 luz...de iluminação... certo?... então não havendo a  
 luz... não pode haver a refração diferente aí dos  
 250 raios luminosos e portanto não existe a cor... então  
 não haveria sentido em pinTAR... iMAGens:: num  
 lugar escuro... há ainda uma terceira razão...

((interferência de locutor acidental))...por ser no  
 escuro... demonstra... que a imagem não foi feita...  
 para decorar a caverna... ou para ser vista por outras  
 255 pessoas... certo? por exemplo numa igreja hoje você  
 tem imagens que representam... uma idéia religiosa  
 uma série de coisas mas que estão lá para ser vistas  
 também... a igreja é clara... no fundo da caverna  
 nem isso eles não poderiam ir lá:: orar:: digamos...  
 260 porque eles não veriam a:: as imagens... certo?  
 então... não foi feita para ser vista...uma terceira...  
 razão:: é que eles sobrepunham as imagens... então  
 nós vamos encontrar... em cima de um bisonte  
 a imagem de um veado... então não tem  
 265 importância que aquela que aquele espaço já tivesse  
 sido ocupado por uma imagem... se o próximo  
 animal (que eu) preciso caçar é um cavalo eu vou  
 desenhar um cavalo em cima daquilo... não tem  
 importância... ficar uma sobreposição de imagens...  
 270 porque não é para ser visto... certo? agora a  
 fi-na-li-da-de com que ela foi feita não impede...  
 que elas tenham um valor estético quer dizer que  
 elas se mantenham até hoje... que a gente Olhe  
 e ache que é obra de arte... porque hoje para  
 275 nós... não influi mais o fato... delas terem sido feitas  
 com uma finalidade mágica porque nós não  
 dependemos da caça mais... mas é possível a gente  
 olhar para elas e ainda se espantar com a QUALidade  
 da representação então são dois fatos diferentes...  
 280 a finalidade (para o que) ela foi feita... e a  
 ca-pa-ci-da-de artística de quem a fez... certo? porque  
 se eu (fizer) este gato e deixasse durante doze mil  
 anos... ele vai continuar sendo um gato sem valor...  
 não tem:: nenhuma... um valor artístico esta  
 285 representação mesmo porque:: é usada por todas as  
 crianças acho que quase que do mundo inteiro para  
 desenhar gatos... então não estou colocando nadinha  
 de novo (no tema)... nada de original... certo?...  
 bem... então::... a partir disto olha nós vamos poder  
 290 entender ... qual o tipo de arte que se desenvolveu  
 porque se eu quero criar... uma réplica da realidade...  
 um DUplo do animal que eu quero caçar qual é o  
 único estilo que eu posso usar?... ((vozes))...  
 naturalista... ((interferência de locutor acidental))...  
 295 não não... aí:: a gente vê essa obra hoje com outros

olhos com os nossos critérios... de beleza... e os  
 nossos critérios de valor estético... eles têm... esse  
 valor também a gente pode ver segundo outros  
 critérios...além daquele pelo qual ele foi criado...  
 300 então nós vamos fazer uma diferença aqui olha...  
 uma coisa é dizer que a arte na época... tinha  
 função... pragmática... porque é isso que a gente  
 vem dizendo até agora certo? se ela foi criada...  
 para um FIM... OUtro... que NÃO... a contemplação  
 305 estética... ela é pragmática... então ela foi criada  
 com uma função pragmática... outra coisa... é eu  
 falar em es-TI-lo... naturalista... e naturalista aqui  
 realista... isto é:: não é a realidade a a a... a  
 realidade idealizada MAS a realidade de FAto...  
 310 que vai ser retratada... ((interferência de locutor  
 acidental))... ela mistura uma coisa com a outra...  
 ((interferência de locutor acidental))... com outro tipo  
 de realidade... continua sendo realidade (o desenho)  
 é um outro tipo... ((interferência de locutor  
 315 acidental))...mas ... o que ele... pintou ou  
 desenhou... é dentro de um estilo naturalista-realista  
 ele não vai esquematizar... ele não vai estilizar...  
 por quê?... por causa (dessa) necessidade de criar  
 algo tão parecido com com a realidade quanto  
 320 possível... para poder substituir... a realidade...  
 -- Betina -- ((interferência de locutor acidental))  
 ... não... não... no no:: no paleolítico... não no  
 paleolítico e nós vamos ver... que inclusive é é  
 u::/ u::ma arte extremamente visuAL ... em que  
 325 sentido?... no sentido de que só entra na figura  
 aquilo que ele pode concretamente ver no animal...  
 então se ele está vendo de uma determinada  
 perspectiva... em que ele não enxerga as duas patas  
 do outro LAdo... ele vai pintar ahn desenhar o animal  
 330 só com duas patas porque é só o que ele podia  
 ver... certo? quando depois a gente chegar no neolítico  
 a gente vai... ver... a comparação que nós vamos  
 ter uma arte muito mais conceitual... ele vai desenhar  
 aQUIlo ... que ele sabe que o objeto TEM... e  
 335 não aquilo que ele pode ver do objeto... ((interferência  
 de locutor acidental)) ... eXAtamente não só a  
 imaginação... (quanto) o conCEItO do objeto que  
 ele tem... então vocês ahn:: têm irmãos pequenos?  
 quem tem irmão pequeno?... Lúcia... você também

340 Valdério?... como é quando você pede para desenhar  
 uma mesa:: como é que a criança desenha?...  
 ((vozes))... ah:: então é muito pequenininho Valdério  
 seu irmão... irmão ou irmã?... ((vozes))... desenha  
 uma mesa?... ((risos))... como ela desenha?...  
 345 ((vozes))... será?... pede que idade ela tem? ((risos))...  
 normalmente quando a gente pede para uma criança  
 de por volta de quatro a cinco anos desenhar uma  
 mesa... ela põe o TAMPO:: que ela sabe que  
 existe...ela põe as PERnas para todos os lados...  
 350 por quê? ora... se ela olhar de um determinado  
 ela vê duas pernas se ela... andar meio metro ela  
 vê outras duas pernas então ela põe pernas para todos os  
 lados... por quê? porque ela SAbe que a mesa  
 tem um tampo que é onde ela põe as coisas... e que  
 355 a mesa está apoiada em cima de pernas... agora isso  
 aqui... ela jamais vai poder... VER essa imagem...  
 da mesa... então isso aqui é o que ela sabe ela  
 está desenhando o que ela tem na cabeça... e não  
 o que ela está vendo... então Olha a gente  
 360 poder... hoje parece assim meio... incrível mas...  
 hoje para nós... extremamente racionalistas e com  
 um::... um aparelho conceitual altamente  
 desenvolvido é MUIto difícil a gente desenhar  
 estritamente o que a gente vê a gente separar a  
 365 percepção... da... do conceito que nós fazemos do  
 objeto... isso vai ser feito outra vez na arte moderna  
 ( ) aqui... pelos impressionistas... desenhar Única  
 e exclusivamente o que eles estão enxergando..  
 ((interferência de locutor acidental))... eu acho que  
 370 sim eu acho que a arte do retrato é MUIto difícil  
 porque aí você exige a semelhança...enquanto se você  
 está criando você não precisa colocar nenhum padrão  
 ... a não ser o padrão da própria obra... certo?  
 quando você cria um retrato... você está dentro da  
 375 função naturalista você quer CRIAR uma semelhança...  
 que todo mundo olhe e diga o::lha a:: Elisabete Segunda  
 da Inglaterra... COmo está parecida... certo?... então é  
 MAIS difícil do que você criar... uma figura de mulher  
 qualquer que você pode distorcer da maneira que você  
 380 bem:: entender... que você pode pintar de vermelho...  
 não precisa se manter... a a cor da tez... uma  
 rosa porque é muito difícil exatamente você chegar...  
 a esse tom de pele...inclusive de pele de um para

385 outro...BOM... então chegamos aqui eles vão criar  
uma arte... naturalista realista... em:: virtude da  
função pragmática desempenhada por essa mesma  
arte dentro da sociedade... ou dentro do grupo...  
em que eles vivem... bom... outra coisa que nós  
vamos ver... nos *slides* na na aula que vem... é a...  
390 extrema precisão do desenho ... eles conseguem  
chegar a uma fidelidade linear... da natureza...  
a extrema exatidão do desenho... ou precisão...  
e eles conseguem chegar... a é óbvio uma evolução  
certo? mas em alguns dos desenhos das cavernas  
395 principalmente em Altamira... há uma fidelidade...  
linear à natureza... que consegue mostrar os animais::  
em pleno movimento... então o animal saltando... e  
conseguem transmitir para a gente eXAtamente essa  
idéia de movimento... através:: exclusivamente de  
400 linhas... bem... uma última coisa que eu gostaria  
de dizer é o fato de que nessa época ainda não  
existe preocupação com composição... o que a gente  
encontra são desenhos... individuais... então nós  
vamos terminar aqui hoje... e a aula que vem com  
405 a ajuda dos *slides* ... se as cortinas chegarem  
estiverem instaladas... vocês vão poder perceber...  
tudo isso (do) que a gente está falando... a a ao::  
ao ver as imagens vai ficar muito mais fácil da  
gente perceber essas categorias...